

Vol. XXVI — Numero 103

Ano VIII — Julho, 1924

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

CAPISTRANO DE ABREU	Domicio da Gama	193
A' BEIRA DO STYX	Tristão da Cunha	198
CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGI- CA DO HOMEM (II)	Villar Belmonte	203
BOLIVAR E O BRASIL	Argeu Guimarães	211
RAINER MARIA RILKE	Sergio Milliet. . . .	220
AINDA O DICCIONARIO DE C. DE FIGUEIREDO	Ed. Navarro de Andrade .	224
BAGATELAS	Rodrigues Crespo	229
CARTAS DO ALMIRANTE NO- GUEIRA		231

**BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — NOTAS DO EXTERIOR —
AS CARICATURAS DO MEZ**

EDITORA:
COMP. GRAPHICO-EDITORAS MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL — PRAÇA DA SÉ, 34 — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario : SERGIO MILLIET 4012

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura 10\$000

Explicações Praticas de Escripturação Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura 10\$000

Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura 6\$0000

Problemas de Escripturação. Obra necessaria aos con'adores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balancos. Em brochura 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Emprezas*; *Contabilidade Publica*; *Contabilidade Domestica*; *Contabilidade Theorica*; *Contabilidade Agricola e Pastoril*; *Mathematica Commercial*; *Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

do DR. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Das pessoas, em brochura 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart. 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Unicos depositarios:

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34

São Paulo

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcción,
aço,
ferro,
Cimento
“2 Bandeiras”
e “Bandeira
Sueca”.

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.ª edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estylistica 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição 10\$000

PEDIDOS A'

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA 2-B — S. PAULO

Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.

“ P E G A S O ”

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO
URUGUAY

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes 8\$000

A sahir:

Anthologia Portugueza

Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 -- S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-
legios e professores

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador: SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos
do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem pá-
ginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clás-
sicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO.	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editora

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

CAPISTRANO DE ABREU

JOÃO Capistrano de Abreu é o homem mais notavel que tenho encontrado", disse-me ha uns oito annos, em Washington, o Dr. Rudolph Schuller, que é outro americanista eminent. E eu, que até então não tinha pensado em classificar o mais estudoso dos meus amigos, apressei-me a reconhecer que era justa a apreciação do sabio estrangeiro. Capistrano é o mais notavel *intellectual* (passem-me a expressão) que tambem eu tenho encontrado. Tenho tratado com outros mais illustres e brilhantes, revestidos do prestigio que dão a fama e a posição no mundo; nenhum conheci que me merecesse tamanha admiração e tanto apreço, dadas as condições em que cresceu e medrou essa intelligencia affirmada em carácter. Foi sem duvida o carácter, resistente e firme, que o protegeu contra as dissolvencias da philosophia e da vida corrente. A honestidade maxima, que é a do espirito, se revela nos seus menores actos. Quem haverá menos dissimulado e mais sincero do que elle? A reacção moral contra a hypocrisia, o encontro frequente com a insinceridade social fizeram-no aborrecer a propria mentira amavel ou piedosa de que anda incada a conversa mundana e polida. Capistrano não é mundano, logicamente. Mas tambem não é um solitario, seu coração affectuoso apegando-se dedicadamente aos que o tratam com estima e carinho. Não ha amigo mais leal e

seguro. Sua confiança affectuosa me tem amparado e acompanhado desde a mocidade. E cabe aqui escrever de memórias pessoais.

Conhecemos-nos em fins de 1887. A Gazeta de Notícias começava a publicar contos meus e Capistrano falou delas a Raul Pompeia, julgando que o nome que os assignava fosse pseudónimo literário de "algum portuguez amigo do Elysio Mendes". Pompeia divertiu-se com a ideia e nos ajuntou num café. Fiquei freguez da cervejaria Petzold, na Rua Nova do Ouvidor, onde Capistrano era centro da reunião de alguns professores, homens de letras, jornalistas e funcionários, que ali passavam uns minutos de palestra antes do jantar. Araripe Junior, Machado de Assis, Pompeia, Sarinho, Rodolfo Pau-Brasil, Lucio de Mendonça, João Ribeiro, Alexander, Verissimo, Fausto Barreto, Belisario, Alfredo Mesquita, Paula Ney, e outros ali apareciam e trocavam ideias e impressões. Foi sem dúvida com esse grupo agazalhador e amigo que Pompeia mais expansivamente discutiu e discorreu sobre causas de estética e letras e philosophia geral. Pompeia era characteristicamente affirmativo; suas afirmações se encorporavam em sistema. Capistrano que lhe queria muito tratava de modelar essa peremptoriedade, sem dúvida incompatível com o verdadeiro espirito philosophico. Mais de uma vez às declarações categoricas do pensador imaginoso e poeta: "a verdade é que..." ouvi Capistrano oppor a pergunta de Pilatus a Jesus Christo: "E o que é a verdade?" a qual, se fosse uma vez respondida honesta e cabalmente cortaria em principio muita incursão aventurosa no terreno da metaphysica.

Não conheço e creio que ainda não foi feito um estudo da personalidade de Capistrano de Abreu. Seria pena se o não fizessem estando elle vivo para que se inteire do reconhecimento que lhe devem todos os interessados no conhecimento e trato do Brasil passado, presente e futuro. Mas será melhor que o não façam, se d'ahi puder resultar para elle a impressão de que o não entenderam os que julgavam conhecê-lo. O orgulhoso Goethe achou apenas "curioso" um busto que lhe mostraram como sendo o seu retrato. Capistrano, modesto e esquivo, talvez se magrasse com a imperfeição do retrato que delle fizessem sem seu conhecimento. E' de crer mesmo que prefira que o não retratem. E' tão impessoal essa figura de personalidade máxima na nossa vida intellectual!

Um retrato literário de Capistrano, para ser verídico e ter phisionomia, deveria ser feito de colaboração com elle, que sempre foi avesso a fallar de si. Só elle teria memórias do período mais interessante da sua formação moral, da infância e da pri-

meira mocidade no Ceará e no Rio de Janeiro. A sêde inextinguivel de saber, a curiosidade insaciavel daquelle espirito aberto e generoso, recebendo, assimilando e dispersando noções positivas, practicas e constructivas, sua ambição de entender e de explicar, o estudo em que se analysa e critica o esforço e se aprecia o resultado delle, a disciplina mental que affeçoa e tempea um caracter, seriam traços necessarios á definição da sua figura original e distincta entre os brasileiros. Os amigos de Capistrano contam anecdotas delle, anecdotas pittorescas, nenhuma em seu desabono, todas illustrativas da sua forte e honesta personalidade nutrida e enriquecida pela mais variada cultura de sciencia e philosophia. Mas os que recordam os seus commentarios agudos e avisados, suas phrases satyricas, laudativas ou escarninhas, não julgam necessario explicar que a um espirito honesto a verdade provada nunca parece ingrata ou rude. E não será intencional essa rudeza, de reacção contra a insinceridade ou a dúbiedade da opinião corrente? Não será uma lição de que a um espectador pelo menos não agradou o jogo de certo actor em determinada scena? Critica moralista conduz naturalmente á satyra, mas feita imparcialmente ainda é o melhor ensinamento da historia. Capistrano a quem devemos tantos livros preciosos da historia do Brasil seria o mais competente para escrever sobre os homens publicos que tem conhecido na sua já longa carreira de escriptor. Ninguem melhor que elle poderia retratar esses factores da historia viva e real. A justiça e a imparcialidade com que elle tratou outros periodos da nossa historia colonial, são garantia de que o mesmo respeito, a mesma preoccupação da verdade lhe guiariam a pena na recordação escripta das suas memorias pessoaes. E cincoenta annos do Brasil contemporaneo, os trinta ultimos do "seculo das luzes" e os primeiros vinte do Seculo da Industria, reviveriam nas paginas desse livro saint-simoniano. Que a sua memoria privilegiada, a mais rica, mais prompta e mais clara que tenho conhecido, enriquecida tão bem pelo que leu e ouviu como pela sua impressão directa da vida, dispensaria essas notas e referencias constructivas que em certos escriptos ficam desgraciosamente, como os andaimes dum casa depois de terminada. Fio que nessa obra forçosamente pessoal Capistrano viveria e inconscientemente se retrataria com os seus retratados. E ganhariam todos.

Talvez elle se escuse de emprehender esse livro de memorias alheias em que muito traço inocente de caracter visando a fidelidade e exactidão da figura possa ser taxado de indiscreto e malicioso. Em conversa — por habito de sentimento a conversa de Capistrano é sempre confidencial — elle pode caricaturar schematicamente uma figura para fins de abreviação

ou por facilitar o jogo das referencias. Em livro, que é registro permanente e que assume a responsabilidade de documento para a historia, duvido que o fizesse a não ser intencionalmente e com inteira segurança de julgamento. Falei no tom confidencial da sua conversa, e é essa uma feição muito brasileira e muito sua do tracto pessoal com Capistrano de Abreu. Ha nelle mais affectividade, mais *sympathia*, mais curiosidade da alma alheia, do espirito do seu proximo, do que se esperaria de um que tão longamente tem assistido no theatro da historia ao drama das ambições e á comedia das vaidades humanas. Contam delle que declinara a candidatura a um lugar na Academia, allegando que já lhe bastava a sociedade humana, a que pertencia por ter nascido dentro della. Tudo me leva a crér que, se ella já não existisse, Capistrano seria um dos socios fundadores dessa Sociedade Humana tão incriminada de culpas improvadas e que só desengana aos que a si proprios andam forjando enganos.

Capistrano é *philosopho*, mas a *philosophia* não lhe seccou o coração. Mais do que a simples relação entre a causa e o efecto, existe para elle o elemento imponderavel do sentimento humano, que tinge e anima e dá tom á Historia. Estimula-o na investigação essa curiosidade honesta e infatigavel, que tem o seu premio no maravilhamento da descoberta e localisação do facto positivo e verdadeiro. E' significativo da sua obra que ella ensina expondo e não discutindo, como se o que é contestavel não valesse a pena de ser mencionado. Quantos resistiram á tentação tão natural de assignalar e de emendar erros e desacertos de facto ou de interpretação? Seria essa reserva discreta ou generosa outra marca de nobreza moral, se não fôsse antes uma feição do seu espirito liberal e indulgente. Indulgente sobretudo para com os bens intencionados. Errar cuidando acertar tem desculpa para Capistrano, que só não tolera os erros tendenciosos, para enganar. Ainda nisso se revela o moralista.

Alem do muito que lhe devo directamente, não esqueço que foi Capistrano quem me apresentou ao Barão do Rio-Branco, a Eduardo Prado, a Leopoldo de Bulhões e a Mario de Alencar, amizades preciosas e que marcaram fundo na minha vida. Sua amizade é uma recommendação. Noutro meio intellectual ella seria procurada como a de um Dr. Johnson, que alem de saber e carácter tivesse doçura e *sympathia*.

Sua carinhosa devoção aos amigos é tocante. Em 1888 elle ajudou Pompeia a revêr as provas do *Atheneu*, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*. Na noite de 13 de Maio esse trabalho — que se fazia na typographia da *Gazeta* na rua Sete de Setembro era interrompido por excursões de Capistrano á rua do Ouvidor onde em procissões e discursos patrioticos celebrava-se a libertação

dos brasileiros escravos naquelle dia. Eram horas de emoção para Pompeia, de historia para Capistrano, mas depois de commentarios bravos a revisão proseguia paciente e minuciosa do livro intenso e profundo.

Poucos dias depois eu partia para a Europa, na primeira viagem, que durou cinco annos, e as cartas de Capistrano me visitavam com fidelidade e confiança, trazendo-me echos e visões fragmentadas da nossa vida politica no seu periodo de crise violenta. No subscripto das cartas punha elle apenas o meu nome e como endereço *Paris*, porque dizia elle o serviço postal na Europa é muito bem feito. Era. A administração da *poste restante* ajudando o correio a descobrir onde morava esse destinatario, tão importante para o seu correspondente longinquo, que lhe bastava a menção da cidade onde estava para ser encontrado. Não era assim Pompeia, que, assombrado com as distancias e a massa do trafico internacional, não se persuadia que cartas fossem entregues e não as escrevia. O *Atheneu* foi-me trazido por portador seguro.

Nas voltas ao Rio, um mez e meio em 1893, cinco mezes em 1895, dois mezes em 1900, era Capistrano um dos primeiros a encontrar e um dos mais agazalhadores ao coração do viajante saudoso. Em 1900 dedicou-me carinhosamente seu livro do Descobrimento do Brasil, em signal de apreço pela minha vinda á terra no centenario nacional. Vimo-nos quasi diariamente nesses dois mezes de férias e na noite da minha recepção na Academia estivemos juntos até tarde. O historiador, o sabio desapparecia e ficava o amigo cheio de *sympathia*, o camarada intellectual, entendendo e contente de ser entendido, interessado nos pequenos factos como nos grandes assumptos por essa grande curiosidade que é um dos signaes seguros do humanismo. Os livros de Capistrano, sua obra concreta, vasta e util como é, são parte apenas do opulento cabedal do seu espirito scientifico. No futuro será isso o que falará por elle, recommendando-o á gratidão e ao respeito dos brasileiros. Aos amigos, aos que com elle trataram em affectuosa convivencia caberia recordar os traços pessoaes dessa figura tão genuinamente brasileira e tão intensamente original ao mesmo tempo. Obra de amizade seria debuxar a phisionomia moral do homem que tanto tem feito por nós e que se esquia ao reconhecimento do seu valor e da sua beneficencia social.

Londres, 13 de Maio de 1924.

DOMICIO DA GAMA



A' BEIRA DO STYX

O BEM E O MAL

UM dia aconteceu-me observar que o crime é uma falta de intelligencia, e de gosto. Isto desagradou a um dos meus mais amaveis leitores, que me apontou Cellini (cuja autobiographia o mostra na vida homem excessivo, o contrario de homem de gosto), os bandidos da Renascença (homens de accão e imaginação, cousas bem differenciadas do pensamento critico) e por fim De Quincey (o qual não commetteu nunca nenhum crime. Qualificar assim o seu brilhante paradoxo é restabelecer o delicto de pensamento e a alçada da Inquisição. Sáe-nos o critico um familiar do Santo-Officio).

Mas o curioso é que este tomava o dito pelo não dito, lia o que eu não escrevi, atirava-se contra uma porta aberta. Onde eu indigitei faltas de intelligencia e de gosto, elle viu homens alheios á intelligencia e ao gosto. E não se deteve a reflectir que d'essas faltas padecem muita vez os homens dotados de intelligencia e gosto, tal qual como os privados destes dons.

Esta confusão, logica e grammaticalmente impossivel, é entretanto universal, e velha como a humanidade. E' mesmo um dos fundamentos da nossa absurda metrificação moral. Como o critico, todos somos irresistivelmente levados a confundir uma qualidade e o homem que a tem, uma determinada manifestação de tendencias sociaes ou antisociaes e o caracter do seu autor. Continuamos sujeitos ás obsoletas convenções do livre arbitrio e das psychologias lineares. Raro aquelle que practica bastante o scepticismo scientifico (Claude Bernard tinha o scepticismo por causa muito principal em sciencia) para não esquecer que o homem é a um tempo mau e bom, e a alma humana sujeita aos fados. Ha uma lei de constancia moral, se ha uma de constancia thermica ou intellectual. A humanidade não peora nem melhora. O principe Hamlet, num dialogo famoso, adverte que, sendo medianamente honesto, trazia comtudo na consciencia quanto bastava para o tornar indigno da vida. E De Maistre, retomando o mesmo pensamento,

diz mais ou menos: "Eu não conheço a consciencia dum scelerado, mas conheço a dum homem honesto, e é cousa de tremer". Se na alma do justo ha recantos sombrios, na do malfeitor vive tanta vez alguma flor graciosa.

Estas considerações tornaram-me agora ao espirito, relendo um caso sucedido a Oscar Wilde. O grande poeta, homem, esse, de intelligencia e de gosto, num eclypse de gosto e de intelligencia commetteu um crime, tornou-se passivel da magistratura do numero e da mediocridade. Uma tarde, no começo do sinistro processo que nos havia de valer duas obras-primas, a *BALLADA DA PRISÃO DE READING* e o *DE PROFUNDIS*, recebeu elle visita, dum sujeito ignobil, o qual vinha a propor-lhe, em nome de outro, a venda de certa carta, de conteúdo então perigoso para o accusado. Enojado, o poeta repelliu o negocio, dando entretanto uma moeda ao emissario. Foi-se este ao detentor do papel, postado á distancia, mas logo tornou, trazendo a carta e entregando-a sem condições. E como Wilde e seus amigos não escondessem a surpreza daquelle gesto de elegancia moral, o empreiteiro de villanias, que nada podia esperar desse homem cuja condenação já não fazia duvida, teve um destes ditos profundos em que a vida ensina *philosophia* aos pensadores:

— There's good and bad in every one of us. Em cada um de nós ha bem e mal.

FEMINA

O Brasil foi sempre um paiz matriarchal. A prole numerosa, a escassez da civilisação material, a dependencia do trabalho escravo, numeroso e irresponsavel, a fraqueza dos homens, adstrictos pela existencia facil ao officio de procrear e ao zumbido vão da politica — tudo impozera á familia brasileira uma economia feminista de colmeia. A abnegação pessoal necessaria veiu formando e guardando entre nós, antes que fossemos cosmopolis, uma raça de mulheres romanas. Bem estudada a nossa historia, e não menos a politica que a social, veremos que a mulher sempre governou o homem, e, atravez do homem, o paiz. A machina do Estado era ao cabo uma projecção da domestica. A mãe, a esposa, a filha, a irman, tem sido constantemente a reguladora definitiva da actividade masculina. *Domum sedebat...* Era o poder invisivel e decisivo, como o dos fados. E a este predominio da cellula feminina, conservadora e defensiva, devemos talvez a doçura e relativa segurança da nossa fabrica social, tão paradoxal e informe. Basta notar que praticamente somos uma sociedade sem justiça criminal.

E o que sucedia ao Brasil, sucedia um pouco ao resto do mundo, por uma fatalidade biologica implicita no mesmo facto da existencia e conservação das especies. (Não são as experiencias bio-chimicas de Loeb uma promessa de parthenogenese e um começo de feminismo natural?). Ainda nos paizes onde o homem, por influencias physicas e economicas, levou a sua educação sexual ás mais fortes manifestações, ainda ali, e um pouco por isso mesmo, a influencia feminina se mantinha, mais ou menos apparente. A galanteria francesa, o cavalheirismo anglo-saxonio, o mysticismo politico germanico, levavam, por caminhos diversos dos nossos, ao mesmo fim. Determinando o homem, a mulher movia as nações.

Desse reducto de soberania secreta e effectiva, onde tem estado a mulher, veio depol-a o Feminismo. Esta phalange politica é victima da tolice equalitaria que lavra no mundo moderno, e procura em tudo o nivelamento, o qual só se pôde fazer para baixo, abatendo as montanhas para atulhar os lagos, e trazer a morte na monotonia.

A sciencia contemporanea, denunciando os dogmas finalistas, assignala

mil transformações inuteis, funestas e até mortaes ás especies, que estas tanta vez realizam. No mundo sociologico o *genus mulier* parece estar claramente trabalhando contra si mesmo. E já os amigos de vaticinios andam a computar as desvantagens que advirão, numa luta desigual, ás mulheres privadas dos beneficios millenares da diferença. Mas, sem sahir do plano esthetico, não é curioso ver Cornelia laconica buscando fazer-se fantoche eleitoral — como os homens?

A OCCASÃO

A occasião faz o ladrão, o heroe e o santo. Segundo surge ou falha, as vidas naufragam ou resplandecem. Ella é a hora divina, o instante global em que as cousas invisiveis se concertam ao serviço do nosso destino.

Caso prodigioso foi o daquelle Gustavo Gelasio, brasileiro civil e desconhecido, que se foi fazer a Grande Guerra, e morreu glorioso, embalado da admiração de quantos o viram. Da cirurgia dentaria passou num momento á epopeia, sobre as azas da occasião magnifica.

“Mon brave Gelas...” dizia commovido o Coronel de Estrangeiros ao seu Tenente morto. O bravo Gelasio. Em francez o adjetivo tem mais de um sentido. Traduzido para nós torna ao sentido grande e simples, e infinitamente rico de sentido, o que tinha no animo daquelles nossos avós que iam acabar, como elle, em terra de mouros, no Mequinez da Conquista. Sua virtude era da melhor: coragem, contentamento na luta, descuido no sofrimento, dedicação aos companheiros. E dormia nelle, como a Bella dormiu cem annos no bosque, á espera da aurora fatidica. Seu heroísmo, sobrehumana vocação da morte, chamava obscuramente a hora de belleza. E a Hora, feminina, surda a tantos discursos, veio trazer-lhe a suprema razão dos destinos humanos, — a sua occasião.

EGOISMO — ALTRUISMO

A moral corrente costuma presumir, entre egoísmo e altruismo, uma oposição essencial, psychologicamente impossivel. Egoísmo e altruismo formam na realidade um *continuum*, como agora dizem, e este se deduz daquelle necessariamente. O altruismo é uma forma, muita vez superior, do egoísmo. O motivo profundo em ambos os casos é o mesmo — um contentamento proprio. O que serve o proximo visando o premio distante do ceu, o que reclama o aplauso immediato dos homens, o que escuta normas abstractas de conducta, o que se compraz em atormentar-se, ou ainda o que é levado do simples gosto de espalhar prazer, todos buscam sua satisfação pessoal. São fundamentalmente egoistas. A mais alta flor de abnegação pousa sobre uma planta cujas raizes vão mergulhar no egotismo. A preeminencia pragmática do altruismo encobre muito engano psychológico. A hierarchia moral dos actos humanos é ao cabo a medida dos varios graus de egoísmo. Porque elle é ambiguo e universal, e tem muitos nomes. Ha o egoísmo pobre, o que pede sempre e não dá nunca, porque nada tem que dê, e o da alma rica, ditosa de expandir-se. Ha um, pontual e calculado, que se chama virtude, e ha um, descuidoso, que se chama heroísmo. Tal é a divisa remota, indiferente e salutar, do sol que luz, da ave que canta, da creança que ri, e rindo espalha alegria. Tal é o egoísmo da belleza e do genio, supremo altruismo.

DIVINA IGNORANCIA

Eu conheci um homem simples. Era cantador e dansador sem leituras. Tinha uma fortuna sem par, a arte na ignorancia, bem tão precioso e raro que a gente quasi o não pode encontrar senão nos animaes e nas creanças, precario e logo deformado. A immensa maioria dos homens pertence á familia de Bouvard e Pecuchet, sujeitos á informe complicação intellectual da civilisação, escravos de cousas impressas. Um pequeno grupo compõe-se de espiritos libertados. Estes, de escravos da cultura se fizeram senhores della, e a transformaram na cortezan magnifica do seu gozo. Ainda um grupo é dos que ficaram na pureza primitiva. Alguns trazem musica na alma. Para elles o mundo é criado cada dia. Tambem o é para os emancipados, mas a criação dos pensadores traz o signal do diabo. A dos artistas ingenuos é a divina arte que se ignora a si mesma. O espirito da immensa maioria é uma arrecadação confusa e triste. O dos philosophos uma formoza architectura manicheista. O dos ultimos é uma alegria floral.

Infalivelis, as egrejas vão codificando o terror humano e a colera divina. Os hereticos ensinam a cabala arithmetic das mesinhas tripodes. A sciencia compara pacientemente os factos millenares e busca ajustar os nossos passos ao rythmo obscuro das cousas. A meia sciencia, pelos doutores da revelação onirica, tomando por pharoes os fogos fatuos do lapso e dos actos abortados, mutila a frescura infantil para extrahir della o complexo de Edipo. E o simples, perpetua creança e artista natural, sem que tanta confusão lhe turve os olhos claros, sorri á vida. Tranquillamente posto na cruz dos caminhos divergentes que conduzem todos á mesma noite infinita, seu sorriso é uma interrogacão que não pede resposta, um vôo luminoso, uma curva que torna sobre si mesma, fecha o seu cyclo de contentamento, e é ao cabo a unica aventura que não falha.

A' BEIRA DO VESUVIO

Estes desastres succedidos em terra de Napoles vieram-me lembrar que sobre a encosta sinistra do Vesuvio me foi dado recolher um thezouro de imagens immortaes. Era logo após a grande erupção de 1906, que decapitou o monte e lhe desfigurou o classico perfil conico. Desapparecidos funicular e caminhos para cima do Observatorio, aqui offereceram-me um cavallo e um guia. Eu estava só com elles. Era o serviço Cook sem os viajantes, raridade excellente. Para subir tivemos de fazer caminho pelo monte Somma, a contornar o valle intermedio. Não sei quanto levámos a atravessar a desolação immovel e calada, que me subtrahia ao tempo. Achava-me longe de tudo, num sonho sem data, sujeito aos terrores da paizagem tragica. Naquelle valle não havia nem plantas, nem animaes, nem mesmo terra, pois a terra amiga, que é tão rica de côr, ali fôra immemorialmente transformada em cinza negra. O cavallo e o guia corriam sem ruido, como sombras. Uma nuvem imprevista encerrava o silencio immenso. Só então conheci o silencio. Senti-me pisar um inferno, a seu modo peor que o de Dante. O do Poeta, se era mudo de toda a luz, não era, como este, mudo de todo o som. Vivia. Eu conheci um inferno morto. E uma tristeza desconhecida ia commigo.

Quando o cavallo não pôde mais subir, sahiram-me não sei donde uns anões herculeos, agarraram-me, arrastaram-me, e foram-me depositar

á beira da cratera, advertindo que escutasse bem o longinquo trovão central. Depois desappareceram, rolando pela encosta, e deixando-me o guia. Levantei-me para descer, e ao sahir da nuvem foi um deslumbramento. Por sobre o primeiro plano diabolico, negro e nú, afastada menos pela distancia que pelo contraste, pousava a joia incomparavel. O mar de esmalte azul, engastado na moldura de ouro e rosa dos edificios, as velas e as ilhas, os jardins e as nuvens, tudo fazia um mosaico magico a vibrar de alegria ao bemaventurado sol mediterraneo. Esta mutação maravilhosa, ordenada por tantas causas imprevisiveis, a destruição da subida theatral e frequentada, a minha solidão pelo caminho mysterioso, e justamente interceptado do spectaculo pelo nevoeiro, deu-me uma ventura total e convalescente, uma destas completas visões de harmonia que ficam perpetuamente commosco. E ensinou-me ainda a comprehendêr o Napolitano, a sua olympica naturalidade, a sua alegria delirante, a sua linguagem que é musica e a sua musica que é luz. Entendi ali a sua preguiça, ou o seu desprendimento de cuidados convencionaes, sabedoria não escripta de homem que, vivendo na intimidade de cousas inattingiveis ao esforço humano, desdenha o esforço e se contenta de belleza.

TRISTÃO DA CUNHA





CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA DO HOMEM

II

ASSIM como uma musculatura de hercules indica um maximo de vitalidade physica e o volume ou elevação do cráneo — um alto potencial de intellectualidade, — assim o desenvolvimento dos orgãos dos sentidos indica evolução e excelencia das qualidades moraes.

Os psychologos do lapis pintam os individuos bondosos com orelhas immensas, nariz comprido e olhos grandes. A *contrario sensu*, os psychiatras, quando nos retratam delinquentes, caracterisam-n'os de olhos pequeninos, de nariz curto e de orelha achanhissima!

E' natural: o apparelho sensorial plasma os sentimentos predominantes no individuo. Os maus são insensiveis a tudo: á dor, ao bello, á natureza, á justiça; e por isso o seu appendice nasobuccal, a sua orbita visual e o seu pavilhão auricular teem pouca função e portanto pouco desdobramento. Essa insensibilidade natural, atavica frisam-n'a os criminalistas, quando nos pintam a insufficiencia pituitaria e a invulnerabilidade ás infecções que mostram os criminosos natos...

Parece pois que as inclinações más se plasmam pela irregularidade funcional maior ou menor do cerebro (apparelho cerebro-espinhal) do figado (apparelho pneumo-hepatico) e do coração (apparelho cardio-renal).

As secreções internas respectivamente do thyroide, do pancreas-baco e das glandulas urogenitaes regulam, a nosso ver, as variantes do caracter. Onde ha maior perturbação funcional endocrinica apparece, como desequilibrio, segundo a séde, o temperamento *A* ou *B*.

E assim, temos:

(alegres) OS SANGUINEOS . . . (difficuldade eliminatoria)	{	em que tudo é <i>exaggero</i> : na vida affectiva (moral) na vida consciente (intellectual) e na vida kinetica (physica).
(phleugmaticos) OS LYMPHATICOS . . . (difficuldade hematosa)		em que tudo é <i>cautela</i> : na triplice vida supra referida.

Nos tres systemas endocrinicos acima alludidos se processam os modos de circulação interna do sangue, da lympha e do plasma intersticial, alterando profundamente os temperamentos humanos... Tem a palavra a medicina do futuro! Em outro trabalho, já nos referimos a uma quarta circulação — a que chamámos fluidica, e que daria a medida de bondade ou malvadez no individuo, mormente no acto da fecundação...

O caracter no individuo é pois essa predominancia de determinadas tendencias na vida affectiva ou moral, na vida consciente ou intellectual ou na vida kinetica ou physica. E assim temos:

Os affectivos, dados:	{	ao prazer á dor	{	á sympathia á paixão
Os conscientes, dados:	{	á bondade á malvadez	{	ao raciocinio á animalidade
Os kinéticos. dados:	{	á actividade á apathia	{	á vontade ao carácter

A figura central dos conscientes evoluciona para cima da animalidade à malvadez e do raciocínio à bondade; porém, sucede por taras, educação, ou paradas psychicas, não involuciona, nem evoluciona, mas revoluciona para orbitas alem do justo e se torna ou muito affectivo (ultrapassando os limites da equidade) ou muito irriquieto e se torna guerreiro ou anachoreta! A mesma

paixão que conduz os heroes nos campos de batalha retem nos desertos os ermitões! E' ao temperamento normal, (por isso que é tempero) — que chamamos caracter: não tem altos (sanguineos) depressões (lymphaticos) nem fragorosidades (biliosos); e se assinalam pelo equilibrio psychico da personalidade consciente.

A virtude maxima do individuo não é ser turiste, monge ou intellectual puro, mas actividade consciente e util, como desdobrador e augmentador de energias, sem damno aos seus semelhantes nem á especie collectiva; é ser creador de novas fontes de riquezas!

A regularidade de nossas funcções endocrinicas determina as calorias organicas, as resistencias psychicas, a confiança em si mesmo...

O vulgo quasi nunca se engana quando diz: "Aquelle homem tem bom coração, tem maus bofes, etc." e caracterisa a affectividade do sanguineo, a ponderação do lymphatico e a actividade do bilioso...

Nós porem chamamos caracter (temperamento igual) ao que elle chama temperamento e que não é sinão destemperamento! O caracter moral é equilibrio: nem affectividade sem accão, (affectionados exagerados) nem actividade sem criterio (kineticos puros).

A alimentação altera sobremodo a personalidade: quando sempre o carnivoro é exaltado e o vegetariano — pacifico. O clima tambem: climas asperos — caracteres fortes, climas pestivos — ausencia de caracter e climas suaves, sedativos, — indolencia, relaxamento de costumes. Estão em jogo as secreções internas. Todos os animaes peçonhentos teem digestões dificeis, movimentos bruscos e portanto circulação biliosa, envenenada... A secreção externa ou dermatica — quasi nulla. Nos exames do sangue dos grandes criminosos verifica-se grande porção de resíduos pastosos, biliares, sulfuricos...

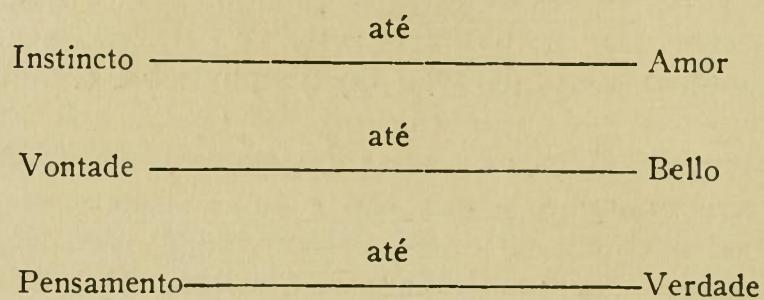
A circulação biliosa já do berço se constata. Ja observamos por exemplo dous gemelos, recem-nascidos: Um era a calma a delicadesa; até no vagido ou choramingar mostrava meiguice. O outro era a impaciencia, a revolta: não chorava — berrava! Seus gestos eram bruscos e o olhar — impassivel... Sendo parecidissimos, tinham, porém, a cor completamente opposta!

Dizem que de 7 em 7 annos todo o tecido cellular humano se substitue. O facto é que no começo da existencia de 7 em 7 annos novas direcções toma o nosso organismo: aos 7 a criança integra o seu caracter, aos 14 a sua consciencia e aos 21 a sua razão. Em geral quem tem bom metabolismo não tem idiosincrasias nem rancorosidades; e rarissimamente quem tem função neuronica e nervosa imperfeita — não é excentrico ou maldoso... Assim os affectionados, quando se desequilibram, ou dão sensualistas puros (glutões, devassos, etc.) ou abstemios ortodoxos (reclusos, intransigentes, etc.)

sigentes, maus, etc.). E' por affectividade anomala que os anar-chistas (amor ás multidões), os tyrannos reformadores (amor á gloria), os espadachins commettem santamente os maiores crimes.

Do mesmo teor os impulsivos (kineticos) que, exageradamente, se tornam heroes ou das empresas mais arrojadas ou dos movimentos mais simples e humildes da vontade: até á renuncia, até ao suicidio!

Os conscienciosos, os que seguem soberanamente a recta do criterio humano — ao contrario: traçam a equidade como norma e adoptam a bondade como premio e a malvadez como correctivo... Esses rectilineos da consciencia são:



Os perfis rectos são symptomas de bondade e franqueza.

São as rectas que assignalam as altas qualidades moraes: as attitudes erectas, os bustos verticaes, os olhares rectos, profundos, o caminhar rectilineo, etc.

Ao contrario, quando essas qualidades são pessimas: o gesto, o olhar, o nariz, o queixo, tudo é curvo. O andar é colleante, manhoso; a expressão — ardilosa, periphrastica; e o espinhaço... curvo, como lembrando attitudes do quadrupede...

Ainda debaixo do ponto de vista moral e tomando por base a nossa classificação dos phenomenos sociaes, já schematizada paginas atraç — podemos no conjunto social observar os sete typos genericos:

Os religiosos . . .	tolerantes . . .	virtuosos
		hypocritas
Os artistas . . .	intolerantes . . .	credulos
		fanaticos
Os artistas . . .	delicados . . .	sensuaes
		perversos
Os artistas . . .	grosseiros . . .	vaidosos
		mentecaptos

Os politicos . . .	{	heroes tyrannos
Os economistas . . .	{	industriaes usurarios
Os scientistas . . .	{	modestos prepotentes
Os moralistas . . .	{	bons maus
Os esthetas . . .	{	conservadores reaccionarios

Nas sociedades primitivas (entre os selvagens por exemplo) os individuos em seus clans ou em suas tribus, — á excepção do chefe — não tem função social especializada: todos são caçadores, pescadores, nomades, supersticiosos, etc. A industria e o trabalho organizado são desconhecidos. Agem, no grupo, como na familia hoje os irmãos menores.... Pouco a pouco os mais aptos se destacam e duas classes nitidas aparecem — a dos guerreiros ou militares e a dos sacerdotes ou conselheiros.... Vão perecendo de um lado as tribus guerreiras pela pilhagem, pelo cannibalismo e pelos excessos, e por outro lado a dos sacerdotes pela renuncia, pela vida contemplativa e anti-economica: é quando se delineiam os primeiros traços do phenomeno economico, pela necessidade de reparação dos damnos e pelo aproveitamento das forças individuaes, desviadas....

Com a instituição da propriedade "do nosso (do Estado) e do teu, porque o ganhaste" fortes e fracos se dão as mãos para a producção em commun....

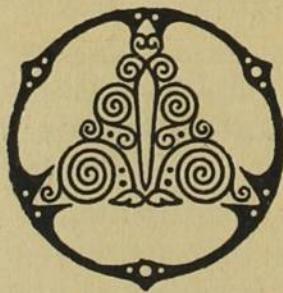
Com a riqueza, a ideia do conforto, o amor substitue o cio — e dá origem ás artes — instrumento de educação. Lutam então e mais atrozmente laboriosos e contemplativos: vem o phenomeno politico para apasigual-os e normalisar a coexistencia dos grupos. O Estado se corporisa nos funcionarios e conservadores: ha mais garantias juridicas para a familia e a propriedade. Os simples factos sociaes, (isto é, acto individual ou facto da natureza que pela sua importancia representa em todo o grupo ou parte) mais e mais crescem e se complicam, dando origem, atravez os seculos, aos sete phenomenos sociologicos atraç referidos. E' então que na consciencia dos homens trabalhada pela experienca surgem os primeiros albores da sciencia e se esforçam, em meio todas as superstições e fanatismos — os scientistas, de que mais tarde haviam de sahir os altos moralistas e os esthetas puros: os scientis-

tas, os moralistas e os esthetas que, pelo menos nos tempos actuaes, resumem as qualidades physicas, moraes e intellectuaes mais altas do genero humano. Todos os sete phenomenos sociologicos sao manifestações juridicas e sociaes de um só: o esthetico, que sob o ponto de vista moral é religião e direito, sob o ponto de vista intellectual é arte e politica e sob o ponto de vista physico é economia social e eugenismo geral.

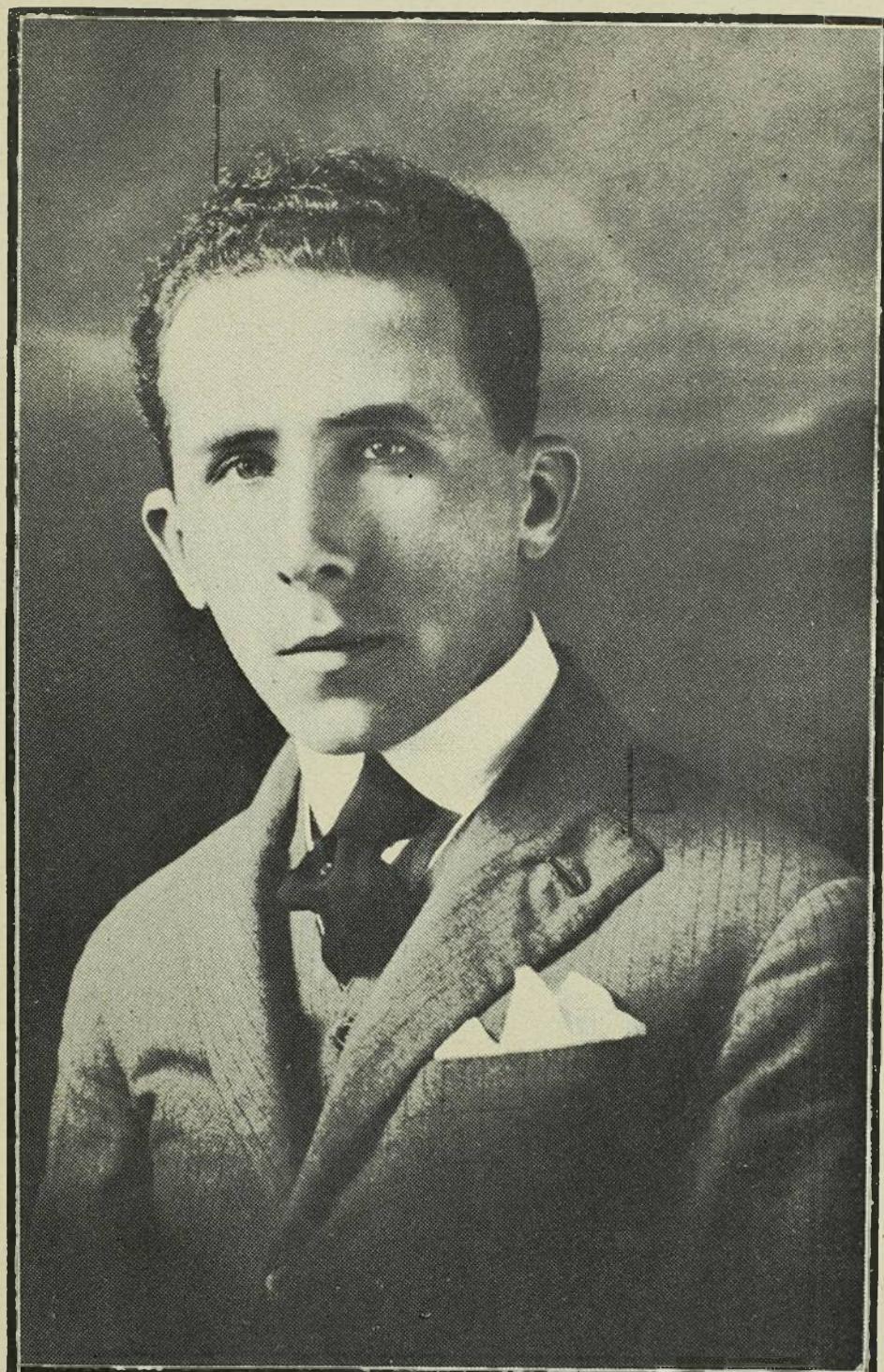
Duas palavras, para terminar. Physicamente o homem é:

typo muscular.	{ secco adiposo
„ cerebral.	{ intelligente obtuso
„ digestivo	{ sensual inactivo
„ respiratorio.	{ herculeo rachitico

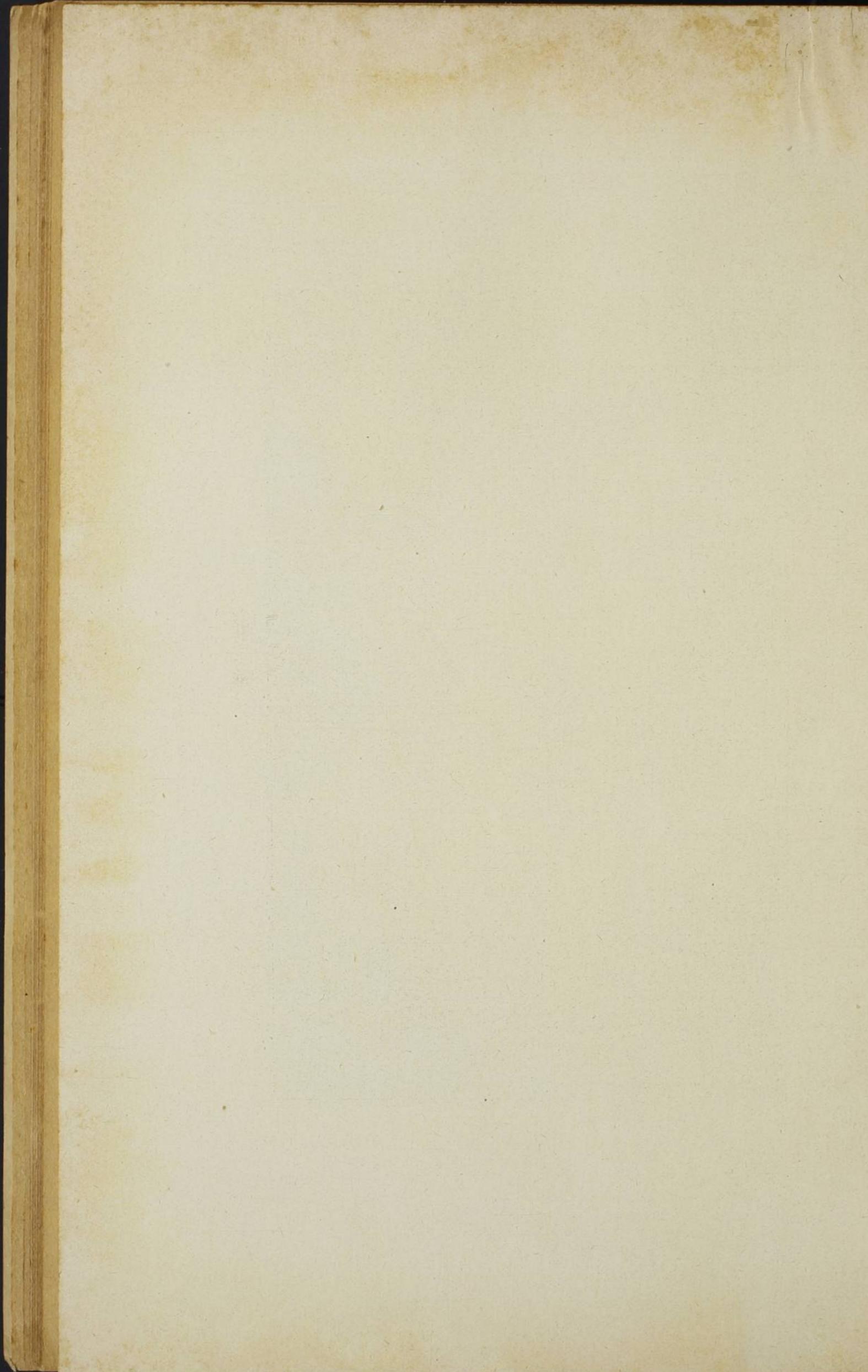
VILLAR BELMONTE



GALERIA DOS EDITADOS



JAYME D'ALTAVILLA,
autor de *Logica d'um burro*.





BOLIVAR E O BRASIL

Ao Sr. FELIX PACHECO

(Comunicação ás "Academias Nacionaes de Historia"
de Bogotá e Caracas, ao Instituto Historico Brasileiro e ao
Instituto Archeologico de Pernambuco).

PROJECTANDO o olhar para aquelles dias laureados e febris de cem batalhas, que se feriam em todas as terras da herança de Colombo, desde Washington, e, com o desdobrar do tempo e do espaço, passando por Hidalgo, por Paez, por Santander, por O'Higgins, por San-Martin, por Artigas, por José Bonifacio — que eram na realidade, meros expoentes dum sentimento geral e profundo, dum rythmo harmonioso a cuja vibração obedecia todo um continente solidario — é mister coroar o pensamento com a lembrança daquelle immarcescivel genio, em cujo cerebro de titanicas idéas e generosas ambições, a immensa alma continental attingia a mais perfeita eurythmia.

O estudo da independencia do continente, de facto, não deve jamais ser emprehendido num sentido unilateral, como muitas vezes fazem os publicistas e historiadores das nossas diversas origens. Porque, alem da influencia idealista da Revolução franceza e de Napoleão, que sobre todos actuou, a idéa suprema e redemptora nasceu entre os anglo-americanos, e foi encarnada, com caracteres de eterna belleza, pelo patriarcha Washington. Não decorreram muitos annos, e já os latinos do continente começaram a experimentar ambições semelhantes ás de Washington. Na collectividade hispana, cremos que o primeiro visionario do mais bello sonho de liberdade, foi o venezuelano Miranda, formado nas hostes de Napoleão e cujo nome se perpetua na pedra do Arco de Triumpho. Entre nós, de estirpe lusitana, em 1789, os "inconfidentes", nas serranias alterosas de Minas Geraes, levantavam a bandeira da "Libertas quae sera tamen". E, no patibulo, passava á immortalidade Tiradentes, o proto-martyr da Independencia. Antes do Tiradentes, em 1812, Bernardo Vieira de Mello, revoltado com dois mil soldados, propunha ao senado de Olinda a implantação duma republica ao molde da de Veneza.

Estes primeiros estes insoffreaveis traduzem a irrupção quasi simultanea, nas varias latitudes da America, de identico anhelo. A America Inglesa lucta e em seguida consolida a sua emancipação e cresce como um robustissimo organismo. A America Hespanhola sente que os processos oppressores e sanguinarios da sua metropole, longe de diminuirem, redobram e tresdobram, logo aos primeiros symptomas de insubmissão. Os hispanos da America são obrigados a tomar armas, e a padecer as canceiras e vicissitudes duma guerra longa e tremenda. Ao esforço e ao sacrificio corresponde a recompensa dum incontrastavel triumpho. Colhem louros mais louçãos que os dos seus irmãos anglos e lusos. E a epopéa permite a eclosão olympica de muitos authenticos heroes, de cuja pleiade Bolivar é a estrella de primeira grandeza.

No Brasil, não houve tão vasta epopéa, por isso que desfructámos fortuita vantagem historica. Quando iam talvez irromper com mais força os entusiasmos da independencia, Napoleão invadiu Portugal e, em 1807, a familia de Bragança, com o corpo diplomatico acreditado em Lisbôa, e uma comitiva de mais de quinze mil pessoas, embarcou para o Rio de Janeiro. A séde da monarchia foi, assim, transferida á America, e o Brasil, sem vicissitudes, promovido a reino. Como muito bem assignalou o entusiasta apologista de Bolivar, abade de Pradt, o rei de Portugal, mudando a sua corte para o Brasil, deu-lhe mais do que poderiam pedir os patriotas: *fel-o-Estado soberano e fel-o metropole da sua antiga metropole*. A idéa da independencia não encontrou, pois, como na America Hespanhola, uma *tyrannia* a dominar. Quando Dom João VI voltou a Portugal, e as côrtes de Lisbôa quizeram restringir a soberania brasileira, foi o mesmo principe Dom Pedro, regente do Brasil, quem proclamou a separação definitiva do Reino Unido. Dest'arte, assim como tinhamos sido uma colonia promovida a reino, passamos a ser um reino elevado a Imperio. Em um anno, as forças portuguezas que pretendiam manter os laços antigos, foram vencidas e expulsas, e a nossa esquadra perseguiu os navios inimigos até as boccas do Tejo...

Essas pequenas differenças na evolução das tres Americas, saxonica, hispana e lusa, não chegam, porém, a obscurecer ou minorar a luminosa finalidade historica do continente, que reagia, num movimento uniforme, obedecendo a causas parallelas e attingindo effeitos coordenados. De premissas analogas se chegava, desde os puritanos da Nova Inglaterra até os nomades de Araucania e da Patagonia, a conclusões semelhantes. Vê-se, assim, que a independencia é um thema de inilludivel unidade nas diversas regiões americanas, de norte a sul, de leste a oeste. E as maiores figuras, Washington ou Bolivar, San-Martin ou José Bonifacio, têm projecções continentaes, que fôra temeridade negar.

O Brasil, muitas vezes, entrou nas cogitações de Bolivar. Monarchia singular na America, planta exotica, como dizem muitos historiadores, não podia o nosso Imperio deixar de interessar áquelle grande caudilho, que, na sua visão d'aguia, abrangia o continente todo. Elle, primeiro e mais que ninguem, comprehendia que a familia americana é a familia da concordia e do amôr; as rivalidades ou antagonismos tradicionaes da Europa, não se coadunavam com as terras livres de Colombo. Assim era, assim é. Ingleses, hespanhóes ou portuguezes obedecemos, antes e depois da Independencia, a um rythmo inilludivel, de supremas e incessantes harmonias, em que collaboramos para uma grandeza e porvir communs.

Em relação ao Brasil, podia separar-nos a monarchia, e não faltou quem nos suspeitasse de cumplices da Santa Aliança. Mas, por mais republicano que fosse Bolivar, a verdade é que elle respeitava a nossa finali-

dade historica e as nossas credenciaes americanas. O Imperio não entibia o seu pensamento supremo de união das Americas. Por varias vezes ouviu elle a campanha de alheios interesses, para que levasse as suas legiões até as nossas fronteiras. Os casos de Montevideu e Chiquitos foram citados como argumentos em prol da tenebrosa intervenção. Os que não comprehendiam os nobres objectivos das nossas campanhas no Rio da Prata, queriam excitar Bolivar a uma guerra diversa daquellas que elle até então gloriosamente dirigira: queriam arrastal-o ao seio dum povo livre, embora monarchista, sob o apparente movel de implantar a republica, mas quiçá com a occulta pretenção de favorecer alheias ambições. Bolivar não se deixou colher pela surpreza ou pela lisonja. A sua extraordinaria visão politica fel-o ainda uma vez decidir a sua nobre conducta internacional. Não seria, talvez, affoto affirmar que jamais teve elle a idéa de marchar contra o Brasil, nem mesmo naquelle celebre excursão ao Potosi, de que nos falla o terço e consciencioso O'Leary. Mais tarde, ao conceber a grandiosa amphycionia de Panamá, dirigiu instantes e cordeaes convites, não apenas a todas as republicas hispanas, mas ainda aos Estados Unidos e ao Brasil, sem que as nossas instituições monarchicas o detivessem por um momento no redemptor projecto de fraternisação continental. E' sobremodo interessante annotar, de passagem, que a idéa da monarchia não lhe foi estranha, e foi mesmo persiñhada por inumeros dos seus mais agaloados tenentes. Haja vista Paez e tantos outros. No sul do continente, San-Martin era um monarchista irreductivel.

Não admira, pois, que, tambem no Brasil, o governo duma dynastia europea grangeasse popularidade e a adhesão dos mais notaveis patriotas. O povo do Brasil se afeiçou ao regime que lançou os alicerces da sua grandeza. O Imperio sempre foi popular, e essa popularidade subiu de ponto durante o reinado de Pedro II, cuja figura magnanima constitue uma das mais legitimas ufanias da nossa historia. Ao Imperio, sem duvida, devemos a ordem e a integridade nacional. Quando se proclamou a Republica, em 1889, pode-se dizer que o extinto regime tinha realizado o mais formidavel labor de construcção nacional, e chegava a hora da Republica receber e sancionar, por assim dizer, a mais perfeita das democracias, que tinhamos aprendido sob o sceptro incomparavel de Pedro II...

Mas, nos agitados dias do Reino Unido e do primeiro Imperio, alguns jovens patriotas, activos e idealistas, sonharam com a Republica, querendo renovar a generosa aventura do proto-martyr Tiradentes. Em 1817, estalou, na cidade de Recife, um movimento republicano. O Imperio que contava, alem da força militar, com o apoio da maioria da população, facilmente dominou a audaciosa arrancada. Não poude ser generoso. Affogou em sangue aquelle punhado de moços visionarios. O joven José Ignacio Ribeiro d'Abreu e Lima, filho e homonymo do celebre *Padre Roma*, uma das maiores figuras de 1817, foi tambem preso e levado á Bahia e obrigado a assistir ao suppicio do pae. Para fazer uma idéa da tempora desses legitimos heroes, é preciso reter a phrase do *Padre Roma*, quando ia receber a descarga de fusilaria: "Camaradas! Eu vos perdôo! Lembrae-vos que o coração é a fonte da vida: atirae!" O filho, impressionado por aquella tragedia terrivel, alli mesmo jrou, sobre o cadaver daquelle que lhe dera o nome, consagrar a vida ao ideal da liberdade do continente. Evadiu-se e, depois de varias vicissitudes, que seria fatigante recordar neste resumo, chegou á Columbia, ainda a tempo de tomar parte na brilhante accão das Quezzeras del Medio. Foi um militar de innegaveis meritos, como attestam alguns hitoriadores granadinos. Em 1830, abandonava a Grã-Columbia, levando um diploma de general, com a assignatura do mesmo Bolivar, e, mais do que isso, a estima do grande chefe, que o galardoara, no campo

de batalha, com o epitheto de "el guapo", o valente. Teve, é certo, nos derradeiros dias do consulado epico, aguda desavença com o eminente Santander, cuja varonil personalidade de defensor das leis e estadista eximio, não quiz Abreu e Lima comprehendender, tal o seu devotamento ao partido bolivariano. (1)

Em quanto Abreu e Lima revelava, na grande guerra, as suas inexcediveis qualidades de bravura, em Pernambuco a idéa da republica voltava á tona, e originava a nova revolta de 1824. Ainda dessa vez, o primeiro Imperio suffocou com crueldade o movimento em que se contavam moços de talento e patriotismo innegavel. Muitos dos chefes da insubmissão conseguiram, porém, escapar aos carrascos e puderam refugiar-se no estrangeiro. Foi presidente da ephemera republica Manoel de Carvalho Paes d'Andrade, secretario d'Estado o poeta José da Natividade Saldanha e governador d'armas, Falcão de Lacerda. Todos se evadiram.

Quer em 1817, quer em 1824, os republicanos de Pernambuco tinham os olhos fitos na epopéa da independencia hispano-americana. Não se pôde duvidar que conheciam e amavam a figura de Bolivar, como paladino da liberdade e da democracia. Num paralelo de facil erudição, já consideravam Bolivar o Washington do sul. Nas vesperas da intentona de 1817, os conspiradores pensavam no drama que se desenrolava no resto da America. Lembrando aquellas jornadas de febre e desvairo, o commendador Antonio Joaquim de Mello esplana os moveis que trabalhavam na cabeça ardorosa dos seus coetaneos. (2) Este trecho esclarece por demais o fôro intimo dos insubmissos: "Já os povos conterminos, ao sul e ao poente do Brasil, derramavam em cem batalhas o seu robusto sangue para sacudir o jugo colonial e constituir nações independentes e livres. O não acompanhados est'outra parte d'America, o Brasil, em tão generosa e sublime empreza, seria uma prova indeclinavel de seu atraço intellectual e moral, de sua submissão e vil frieza deante dos ferros da tyrannia absoluta e embrutecedora. Livrou-a, porém, deste opprobrio, a província de Pernambuco".

Por esse fragmento caracteristico e insophismavel, vê-se bem que os democratas pernambucanos procuravam imitar o exemplo dos seus confrades do resto da America, que obedeciam a geniaes capitães do porte de Bolivar. Malogrado o generoso movimento, triumphante no Brasil o principio dynastico, que era synonimo da integridade e cohesão nacionaes, os revolucionarios procuraram, no exilio, escapar á atroz perseguição com que os fulminou o Imperio. Em 1817, o bravo e glorioso Abreu e Lima buscou, como vimos, clara e desassombradamente, alistar-se nas hostes bolivarianas, com o proposito declarado de consagrar a vida ao ideal emancipador do continente.

Os insubmissos de 1824, em grande numero, conseguiram tambem encontrar asylo em alheias terras, maximé em Londres e Pariz. O presidente Paes d'Andrade escapou a bordo duma corveta ingleza, e em vão o Imperio, pelas suas autoridades restauradoras em Pernambuco, e pelo orgão do seu ininistro em Londres, visconde d'Itabayanna, reclamou com energia a entrega do rebelde. A estrella de Andrade fez com que deparasse nas aguas do Recife um barco britannico, sob o commando dum cunhado de Canning, o famoso primeiro ministro. Canning, o espirito liberal, o estadista avançado, não attendeu aos reclamos de Pedro I, fingindo dar-lhe explicações, mas resguardando a liberdade do fugitivo. Itabayanna, em linguagem

(1) Do mesmo autor: *Um brasileiro na epopéa de Bolivar*.

(2) A. J. de Mello, *Biographia de Natividade Saldanha*, Recife, 1895, publicação posthuma. Mello tomou parte nas duas revoluções.

enfurecida, como ferro em braza, em notas diplomaticas estygmatiza a personalidade de Manoel de Carvalho, chamando-o de *monstro e facinora...* Canning apenas sorri, mas assegura a liberdade dos passos do revolucionario nas ruas de Londres.

Diziam o marquez de Barbacena e o visconde de Itabayanna, ao chanceller Carvalho e Mello:

“Teve logar a nossa entrevista com sr. Canning, e, foi nessa occasião que, apresentando-lhe o *Times* do dia antecedente, em que o protervo Carvalho fez acintemente inserir uma carta de agradecimento dirigida aos commandantes das fragatas inglezas *Tweed* e *Brazen*, nos queixamos da maneira mais formal contra a escandalosa violação, que os taes commandantes haviam commettido, do art. 14 do Tratado de Commercio de 1810, e pedimos-lhe que houvesse de cogitar sobre o meio de dar uma satisfação correspondente a Sua Magestade Imperial, pela violação do artigo pre-citado. Mr. Canning mostrou-se muito resentido do attentado commettido, e mui indignado contra o commandante da fragata *Brazen*, que na sua opinião é muito mais culpado do que o da *Tweed*, que se desculpa dizendo que recebera Carvalho a seu bordo unicamente para o fim de avistar-se alli com o commandante da esquadra imperial, e estipular com elle os termos duma capitulação...” (1)

Os dois insignes representantes de Pedro I seguiam com interesse e emoção os passos de Manoel de Carvalho, que conspirava abertamente.

“O malvado Carvalho está aqui fazendo alarde da sua criminosissima rebeldia, e leva tão longe a sua impudencia e arrojo, que diz ter o designio de passar aos Estados Unidos, ou á Ilha de São Domingos, para armar alli duas escunas, e ir com elles infestar as costas do Imperio. (2)

Manoel de Carvalho tramava, sem duvida, uma expedição de largos recursos, extraordinariamente audaciosa. Acolytava-o ainda o ex-commandante das armas do Recife, Falcão de Lacerda. Encarava com astucia e calculo o lado pratico da aventura, e esperava realizar na Inglaterra ou em Hamburgo uma vultosa remessa de pau-brasil, que lhe proporcionaria amplos recursos. Mas os dois enviados do Imperio tomaram todas as providencias e precauções para frustrar esse negocio, e impedir que o ex-presidente recebesse o quantioso lucro.

Do mesmo passo, o exilado se entendia com muitos do seus correligionarios, refugiados tambem em Londres e Pariz, e queremos crer que teve, sobre o assumpto, mais duma entrevista com o proprio Canning. Insinuou-lhe o seu plano, e fallou da hostilidade de Bolivar ao Imperio, suspeito na America pelas suas tendencias expansionistas. A 24 de Junho de 1825, Canning abordou francamente o assumpto, perguntando a Itabayanna, sobre o estado das relações entre o Brasil e a Columbia. Itabayanna poude facilmente destruir as machinações de Andrade, mostrando ao *premier* inglez o recente convite dirigido por Bolivar ao Imperio, para que tomasse parte no Congresso de Panamá. Então Canning se referiu con entusiasmo

(1) *Archivo Diplomatico da Independencia*, v. II, t. II, Rio de Janeiro, 1922.

(2) *Archivo Diplomatico da Independencia*, op. cit., v. II, t. II.

ao nosso paiz e á monarchia, que, no seu textual conceito, era a alliada natural da Grã-Bretanha no Novo Mundo.

Andrade, portanto, não encontrou apoio em Canning. Mas, não esmoreceu. As suas vistos se voltaram definitivamente para Bolivar, e imaginou a possibilidade de vir solicitar ao grande cabo de guerra a ajuda dos seus exercitos, para democratizar o Brasil.

O nucleo principal dos conjurados estava em Pariz. Mas tambem na capital franceza o Imperio dispunha da infatigavel vigilancia do visconde da Pedra Branca. Desde a fuga dos revoltosos, em 1824, entendeu-se longamente com o conde de Villèle, presidente do conselho sob o reinado de Carlos X, que pôz logo em campo os agentes secretas. Mal chegou Saldanha á França, procedente de New-York, o nosso ministro agiu, e já a 15 de Janeiro de 1825, communicava á chancellaria do Rio de Janeiro:

“...dos Estados Unidos, com passaporte portuguez, chegou ao Havre um tal Natividade Saldanha, que me dizem negro, secretario do negro governo de Carvalho; dei immediatamente os passos necessarios em tal caso, estranhando que tivesse passaporte para esta capital. Foi-me dito que ignorava quem fosse, e sabiam somente que vinha com o seu passaporte portuguez muito em regra, e que, não obstante, ha de arrepender-se ter aqui vindo...”

Em New-York, Saldanha se valera da amizade dum seu antigo collega de Coimbra, filho do consul portuguez em New-York. Com desprezo, o ministro imperial busca aviltal-o pela sua origem mestiça, chamando-o de negro... Saldanha não era negro. Dez dias depois accrescentava:

“Saldanha tem ordem da policia para retirar-se a um lugar do interior deste reino, segundo me respondeu o ministro das Relações Exteriores, ordem que muito ha mortificado aos amigos que o receberam e festejaram, conforme informações que tenho. (1)

Ao mesmo tempo, colhiam-se os fios da conspiração: os brasileiros de Pariz e alhures se congregavam numa especie de sociedade secreta, sob o patrocinio de Bolivar, para dar em terra com o sceptro de Pedro I, tratando desde logo de enviar um emissario ao insigne caudilho. E' completo o informe da policia secreta do conde de Villèle:

“Il n'y a plus de doute sur l'existence de la société créée pour exterminer la monarchie du Nouveau-Monde, nul doute aussi que le foyer est dans la Colombie, et que des ramifications sont partout dans l'Amérique, à Londres, où les séances se tiennent chez l'Agent de la Colombie, et dernièrement aussi à Paris. Nul doute encore que les affidés de Carvalho attendent que Bolivar, ne sachant que faire de son armée, et pour distraire les esprits, se porte à Buenos-Ayres et attaque le Brésil. Des émissaires de ces messieurs ont été envoyés à Colombie, et vous en aurez la preuve dans la copie de la lettre originale que je vous ai montré et que je vous envoie d'après votre demande. Le gouvernement brésilien agira très mal s'il ne fait pas de suite partir un agent homme adroit,

(1) *Op. cit., passim.*

pour Colombie, dans le but d'examiner et faire manquer la démarche de ses ennemis, et s'il ne fait en outre bien examiner tout étranger n'importe de quelle nation arrivant au Bresil'. (16 de Junho de 1825). (1).

Pois o enviado dos bolivaristas brasileiros era exactamente o visionario Saldanha, que da Inglaterra partiu rumo á Columbia, em Maio de 1825, segundo se verifica na seguinte carta:

"Liverpool, 4 de Junho de 1825. Illmo. Sr. Em resposta á sua estimada carta de 11 do passado a Saldanha, digo: que nesta occasião Martins (2) mandou ordem para o mesmo sujeito entregar a V. S. mais 50\$000, para as encommendas &c. — *Saldanha já daqui partiu para Columbia, porem não sem dificuldade.* Elle foi em um navio e a sua roupa noutro. O diabo ainda não sahiu do caminho. O diabo está em liga com os imperadores, e reis, contra os patriotas. Em quanto não houver pelo menos meia duzia de regicidas, não quebra o encanto, mas... Recomendo-me aos Irmãos, e accele os sinceros votos d'amizade desde que é — de v. s. — mto. venerador e amigo — M. DE C. P. D'ANDRADE". (3)

Saldanha, meigo poeta e intelligencia de escol, veiu, assim, á Columbia, com propositos definidos. (4) O seu biographo, A. J. de Mello, não ignorou esse destino determinado, embora desconhecesse a gravidade dos projectos dos conjurados bolivaristas de Pariz.

E' tempo de indagar quaes poderiam ser esses conjurados. Não é difficult a pesquisa. O mesmo Mello menciona varios dos revolucionarios de 1824, homisidos na *Cité Lumière*. Eram os maiores de 1.^a linha Arruda e Santiago, Francisco Xavier Pereira d'Oliveira, Basilio Quaresma Torreão e José Telles de Menezes. Fóra de Pariz, os adherentes ao atrevido plano eram: o tenente-coronel José Antonio Ferreira; o commandante José Francisco Vaz de Pinho Carapeba; Felix Antonio Ferreira d'Albuquerque, presidente da Parahyba; Francisco Leite da Silva, commandante das forças do centro, na província de Alagoas; o tenente-coronel Antonio d'Albuquerque Mello Montenegro; o commandante Manoel Ignacio Bezerra de Mello, José Gomes do Rego, Francisco d'Arruda Camara, Antonio Gabriel Pires da França Mendanha, o jornalista padre João Baptista da Fonseca, e o commandante do batalhão de pardos Emiliano Felipe Benicio Mundrucú. (5)

A esses nomes é mister juntar, na Europa, o de outros indicados pela polícia de Villèle: assim o irlandez naturalisado Chili (?) que da Columbia veiu á França como emissario, e regressou ao mesmo paiz americano; e o duque de Sussex, que excitava os conjurados. Tiveram estes a audacia de solicitar o apoio do proprio José Bonifacio, que terminantemente recusou o seu assentimento á idéa. Entre os pernambucanos que receberam Saldanha em Pariz não fôra affuito suppôr que algum tenha sympathizado com a idéa; assim Bôa-Vista, Itamaracá, Olinda, Siqueira Lima, que, naquelles tempos, eram simples estudantes de humanidades.

(1) *Op. cit.*, vol. III.

(2) Manoel José Martins Ribeiro Junior.

(3) *Op. cit.* v. III.

(4) Vide *Natividade Saldanha em Bogotá*, livro a imprimir-se, contém importantes revelações, e a obra completa do poeta.

(5) *Op. cit.*

Saldanha veiu, pois, primeiro a Caracas e depois a Bogotá. Alguns daquelles outros exilados o acompanharam. Um delles foi Mundrucú, que na capital da Venezuela, em 1826, publicou interessante folheto, digno de ilustrar este escripto. Cumpre abrir um parenthese, para a transcripção integral de documento de tanta relevancia neste estudo.

Manifesto dirigido á Nação Columbiana por Emiliano Felipe Benicio Mundrucú, major-commandante do segundo batalhão de caçadores da Divisão Republicana de Pernambuco. Ao respeitavel publico e exercito da Republica da Columbia.

Guiado, desde meus primeiros annos, quer pela natureza, como tambem pelos principios de educação que recebi desde a mocidade, dediquei-me ao exercicio das armas com o doce objectivo de poder concorrer mais facilmente para a liberdade do meu paiz. Quando, em 1817, o grito da liberdade, ecoando pela primeira vez na cidade de Recife, teve echo desde a província de Alagoas até os confins do Amazonas, meu coração exultou de jubilo, e fui dos primeiros que concorreram para alçar o pendão da liberdade, tendo então o posto de alferes com o exercicio de ajudante de campo.

Perdida (assim quizeram os fados) essa occasião de recuperar a liberdade, um destino feliz fez-me companheiro dum sem numero de patriotas, que embora opprimidos pelas cadeias do despotismo, entoavam todavia suaves canções ao bem que lhes tinha sido roubado. Seria inutil expor os trabalhos e incommodos que soffremos nesse tempo; porque vós egualmente soffrestes.

No anno de 1820, proclamou-se em Portugal a lei fundamental da monarchia que estava esquecida desde longo tempo, e sendo immediatamente adoptada no Brasil, ocorreram circumstancias que me deram a oportunidade de prestar não pequenos serviços.

Porquanto, recusando aceital-a o infame Luiz do Rego, que então governava a minha província, as tropas e grande parte do povo se retiraram para a villa de Goyanna, onde, depois de varios combates, puzemo-nos em marcha para a Capital; obrigando desta sorte aquelle malvado a capitular vergonhosamente commosco e fugir precipitadamente para Portugal, querendo desse modo escapar á nossa justa vingança. Durante esse periodo eu assisti a todos os combates e recebi sete feridas, sustentando com honra a posição de Maria Simplicia. O premio por esses serviços foi o galão de maior.

As vicissitudes que ocorreram durante os diversos governos que succederam áquelle, são de poucos momentos; omitto-as por esse motivo, desejando approximar-me da grande epoca da ultima revolução.

Dissolvida pela força das armas, pelo perfido Imperador do Brasil, a Assembléa Nacional, e voltando á província de Pernambuco as tropas, que tinham sido enviadas para auxiliar a Bahia; o governo existente, reconhecendo que tinha perdido a opinião publica, convocou um grande conselho, ante o qual deu a sua demissão, pedindo ao mesmo conselho que nomeasse outra Junta para dirigir os negócios da província. Quiz a sorte que a presidencia da nova Junta recaisse num patriota, que tinha sido vítima, como eu, da revolução de

1817. Esse presidente conservava ainda e conservará sempre no seu peito o fogo sagrado da liberdade. Desde o começo do seu governo, começou a desrespeitar as leis imperiaes, por isso que não emanava duma autoridade legitima, embora o publico fingisse obedecel-as.

No mez de Maio do anno de 1824, dois commandantes de Corpo indignos do nome de brasileiros, e vendidos, pelo interesse, á servidão, desampararam os estandartes da liberdade e seguiram os do despotismo. Foi então necessario enviar contra esses rebeldes um corpo de tropas que os destruisse, e depois organisar batalhões, que ficaram na cidade, nos criticos momentos em que tinhamos que combater não somente os inimigos terrestres, como os maritimos, por que já estava, por esse tempo, bloqueado o porto pela armada imperial. Nessas circumstancias foi-me confiado o mando do segundo batalhão de caçadores, com o mesmo grau que já tinha.

A sorte da guerra foi-nos quasi sempre adversa, porque tinhamos que combater inimigos muito superiores em forças, tendo sido auxiliados os rebeldes pelo mesmo perfido Imperador. Nesse estado de cousas era necessario augmentar as forças da Divisão constitucional, e, para esse fim, ordenou-me o presidente que marchasse com o batalhão do meu comando a reunir-me a ella.

A sorte continuou sendo-nos de tal maneira contraria, que fomos obrigados a abandonar a capital. A maior parte dos meus bravos companheiros não quiz entregar-se á discrição do inimigo, e guiados pelo commandante-geral, puzemo-nos em marcha para a republica do Ceará. O commandante das forças imperiaes não desistiu de perseguir-nos, e, embora obtivessemos alguns triumphos, depois d'uma longa marcha de cerca de 300 leguas, a fortuna abandonou as nossas bandeiras, a fome, a sede, a falta de munições e, finalmente, a noticia que recebemos de que a republica do Ceará já estava ocupada pelas armas imperiaes, todos esses motivos nos obrigaram a capitular deante dos nossos inimigos. Mas, como nem os reis, nem seus sectarios, têm boa fé, a estipulação não foi cumprida, e eu e meus companheiros fomos reduzidos á prisão.

Felizmente, no caminho, pude escapar, furtando-me á vigilancia dos meus conductores, e, depois de ter estado occulto algum tempo, transportei-me a Boston. D'essa cidade, onde encontrei não vulgar acolhimento, passei a São-Domingos: Voltei outra vez a Boston, e ultimamente cheguei a Porto Cabello, onde, tanto quanto em Boston fui muito bem recebido.

Conservando as mesmas idéas e os mesmos sentimentos, apresentei-me sem detença ao Benemerito General Exmo. Sr. José Antonio Paes, que me recebeu com a sua habitual cortezia e affabilidade, dando-me, ao mesmo tempo, as mais lisongeiras esperanças.

Famosos republicanos, bravos soldados, que ganhastes e sustentaes a liberdade columbiana, vede aqui um republicano mais, vede aqui mais um irmão d'armas: eu desejo naturalizar-me entre uns, eu desejo igualmente alistar-me entre os outros". (1)

(1) Caracas, Imprensa de Thomaz Anthero, 1826.

Não se pode duvidar que esse manifesto fosse lançado de acordo com Saldanha e outros brasileiros, para preparar a missão secreta do primeiro junto de Bolívar. Na Columbia já se encontravam, além do general Abreu e Lima, outros pernambucanos, evadidos de 1817, como Luiz de Lima, e Francisco Antonio de Lima Barreto. Mundrucú revela esperanças, e afirma ter ouvido do insigne Paez lisongeiras promessas.

Em Caracas, para viver, Saldanha exercia a advocacia, e era grato à proteção que lhe dispensava o prócer venezuelano general Escalona, a quem elle se refere carinhosamente em cartas datadas do exílio. Não se demorou em Caracas, partiu logo para Bogotá. Procurou imediatamente entender-se com aquele que era aclamado Libertador de povos, cujo apoio queriam conquistar os republicanos brasileiros. Do exito dos seus *pour parler* encontramos apenas esta incompleta referencia de Antonio Joaquim de Mello, bastante, porém, para ilustrar o assumpto:

“O nosso humilde, mas doce poeta, apresentou-se ao imortal Simão Bolívar, que também não era um obscuro armeiro, mas o armado e invencível conquistador da independencia e liberdade da sua patria. O sucesso, porém, foi igual: Saldanha foi acolhido mui benigna e favoravelmente...” (1)

Mas, o commendador Mello ignorava a transcendencia da missão de Saldanha, e nada mais pôde acrescentar. O expatriado, de Caracas e Bogotá, escrevia a uma sua irmã, no Recife, e os dados recolhidos por Mello têm essa fonte. Naturalmente, em assuntos políticos, o missivista guardava prudente reserva. Das suas preocupações a respeito de Bolívar, outra prova está na sua amizade com Leocadio de Gusman. E n'um soneto composto em Bogotá, entre terríveis ameaças de vingança contra o Império, exclamava:

*Sim, a Patria perdi, fui desdoso,
Mas vivo sob as leis d'um povo augusto...*

E n'este outro soneto, também do exílio, ha fragmentos eloquentes, que mal disfarçam o malogrado plano da famosa vindicta planejada:

*Se pensas hoje, perfido tyranno,
Firmar-te sobre nós vibrando o córte,
Enganas-te, pois sélla a nossa sorte
Do teu fim o decreto soberano!*

.....

*Ha-de o sangue que vês tingir a terra,
Heroes mil produzir a teu despeito,
A patria libertar, fazer-te a guerra !*

Por isso, muitos annos mais tarde, o illustre vate columbiano Raphael Pombo, em lindas rimas consagradas ao brasileiro, podia appellidá-lo *enamorado da Columbia heroica!*

(1) A. J. de Mello, *op. cit.*, pag. 87.

*Aguila libre, el aguila modelo
Te hizo espiar de tu raza el sanbenito;
Cristiano fiel, te viste alli proscrito,
Cual reo de otro redil para otro cielo.*

*Enamorado de Colombia heroica
Y viendo, al culminar de tu carrera
Sobrevenir el caos, el cataclismo,*

*Triste, incapaz de interferencia estoica
Tu propio ideal, temiendole quimera,
Ahogaste del letargo en el abismo.*

Pombo, tradutor de Saldanha, pouco conhecia o seu doloroso romance, por isso que escutava as lacunosas informaçōes do plenipotenciario brasileiro, José Augusto Ferreira da Costa. Emerito pesquisador, escaparam-lhe, com tudo, a este ultimo, muitissimos detalhes da existencia de Saldanha em Bogotá, onde permaneceu durante sete annos, vindo a falecer em Março de 1832. Miguel Antonio Caro compoz um magistral soneto, em que a sombra do nosso desgraçado republicano de 1824 fallava a Ferreira da Costa:

*Cruzando asperas cumbres y desiertos
Llegas tarde al lugar donde mi vida
En honda soledad se vió extinguida
Astro apagado em fielagos inciertos.*

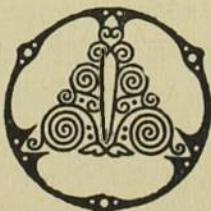
*No sobrevive quien de mi te hable
Ni una cruz ni uma piedra que mi fosa
Indique en la extension del campo-santo...*

Mas, todos quantos se têm referido com emoçōe e carinho á memoria impolluta de Saldanha, desconhecem aquella missão dos bolivaristas brasileiros. Dos escriptores bogotenses que a elle se referem, nenhum faz allusão a tão notavel episodio da sua atribulada vida. Nem mesmo os irmãos Ortiz, que tanto o amaram.

Fica, assim, este capitulo encerrado aqui, sem epilogo. E convocam-se os curiosos da historia, para a elucidaçōe dum ponto de tanta relevancia. A missão de Saldanha, a final malograda, precisa ainda ser esclarecida, para que se estabeleça, dum modo mais nitido, um nexo real e directo entre o imenso Bolivar e os nossos sonhadores republicanos de 1817 e 1824...

Santa fé de Bogotá, Março de 1924.

ARGEU GUIMARĀES





RAINER MARIA RILKE

JA' faz alguns annos que André Gide traduziu para a *Nouvelle Revue Française*, trechos escolhidos do "Cahiers de Malte Laurids Bridge." Pouco se falou, nessa epoca, de Rainer Maria Rilke, o autor, então secretario de Rodin em Paris. Maurice Betz continua hoje o gesto obscuro de Gide, prefaciando e publicando, na pequena collecção de "Les contemporains", algumas paginas ainda dos mesmos cadernos.

Esse tcheco-slovaco talentoso só agora começa a ser lido em França. E', portanto, para muitos uma revelação.

De sua vida e de sua pessoa pouco se conhece. Sabe-se apenas que nasceu em Praga no anno de 1875.

Viajou depois de moço pela Alemanha, Austria e afinal Russia antes de arribar em Paris. Dizem seus biographos que sua estada na Russia teve, sobre sua obra, influencia capital. Vem quem sabe dahi esse mysticismo e essa melancolia de certos capitulos.

Lyrismo e mysticismo. São essas, effectivamente suas melhores caracteristicas. Mas é necessario que nos entendamos sobre o sentido da palavra lyrismo. Porque não se encontra em Rainer Maria Rilke, nem a verborragia, o entusiasmo romantico, nem a quinquilharia imaginosa dos symbolistas. Para mim o lyrismo é a expressão exacta do sentimento profundo, a justeza dessa expressão e a pureza da imagem, quero dizer a imagem nua.

Rilke nunca força a nota. A imagem é nelle dynamica.

A necessidade de comparar para julgar, levou os criticos a falar em Girandoux e em Jules Renard. Ha com effeito um paren-

tesco entre elles, sendo que Rilke não tem o preciosismo de Girandoux nem a ironia massacrante e synthetica de Renard. Rilke é mais sentimental, mais allemão. Tem essa coragem de que fala Mario de Andrade.

Sua obra que comprehende uma dezena de volumes forma uma serie de pequenos poemas em prosa, saturados de emoção e de sensibilidade. Os "Cahiers de Malte Laurids Bridge" são uma especie de auto-biographia.

"C'est donc ici que les gens viennent pour vivre? Je serais peutôt tenté de croire qu'on meurt ici." Primeira phrase de exilio.

Rilke chegou a Paris e seu primeiro passeio é uma amarga desillusão. A miseria, a tristeza das casas, dos hospitaes negros, do céu abafado. O espirito amante do sonho e da meditação encontra nessas ruas estrangeiras mil assumptos de poesia.

Eis que desce a noite. O poeta em seu quarto não consegue dormir. Aqui apparece uma das melhores imagens dynamicas que conheço: "Les tranways électriques roulent en sonnant á travers ma chambre. Des automobiles passent sur moi." E' a oppressão do medo. "Une porte claque." E segue uma maravilhosa analyse das sensações que todos nós tivemos num pequeno quarto de um pequeno hotel numa pequena rua transversal de uma grande arteria. Mas ha outra cousa peor do que o barulho: o silencio.

Pouco a pouco o poeta se acostuma á cidade. Aprende a ver. O interesse, porem, do que encontra não é sufficiente para tirar-lhe do espirito a idéa fixa da morte e a angustia que lhe traz essa idéa.

"Cet excellent hotel est très ancien. Déjà l'époque du roi Clovis on y mourait dans quelques lits. A présent on y meurt dans 559 lits. En série bien entendu."

Essa ironia, bem diferente da de Renard, é profundamente sarcastica e dolorosa. Não é como em Renard, uma simples palavra, ás vezes uma phrase que fere rapidamente e que uma graça alegre cura logo depois. Rilke insiste. Paginas e mais paginas no mesmo tom. Traduzo uma das mais caracteristicas:

" Nos sanatoriuns onde se morre com tão bôa vontade e reconhecimento para com os medicos e enfermeiros, morre-se geralmente de uma dessas mortes que são as especialidades da casa; isso é muito bem notado. Quando se morre em casa, é natural que se escolha essa morte bem educada e de bôa sociedade com a qual se inaugura um enterro de primeira classe, etc....

Os pobres param então deante das casas e fartam-se desses spectaculos.

A morte delles é naturalmente banal, sem historias. Consideram-se felizes em achar uma que os vista mais ou menos.

Ella pode ser muito larga: a gente cresce sempre um pouco. E' só quando ella não se fecha sobre o peito ou quando ella estrangula que a gente se sente triste".

Mas eu nem pensava me alongar sobre esse assumpto. Como disse no principio, as melhores caracteristicas de Rainer Maria Rilke são o mysticismo e o lyrismo. E é por isso sobretudo que elle é grande e é poeta.

Com 29 annos o poeta faz um primeiro exame de consciencia. Nada lhe aconteceu ainda. O que escreveu lhe parece inferior. Nisso elle se diferencia de nossos numerosos artistas que com 18 annos já imaginam ter um livro definitivo. Esses devem ler com attenção a definição que Rilke dá da poesia e que me parece uma das melhores. Até então o poeta havia escripto um grande ensaio, um drama e versos. Versos de mocidade que significam tão pouca cousa! Eis esse trecho extraordinario.

"On devrait attendre et récolter de l'âme et de la douceur toute une vie durant, si possible une longue vie durant; et puis, enfin, très tard, peut-être saurait-on écrire les dix lignes qui seraient bonnes. Car les vers ne sont pas comme certains croient, des sentiments (on les a toujours assez tôt), ce sont des expériences. Pour écrire un seul vers, il faut avoir vu beaucoup de villes, d'hommes et de choses, il faut connaître les animaux, il faut sentir comment volent les oiseaux et savoir quel mouvement font les petites fleurs en s'ouvrant le matin. Il faut pouvoir repenser à des chemins dans des régions inconnues, à des rencontres inattendues, à des départs que l'on voyait depuis longtemps approcher, à des jours d'enfance dont le mystère ne s'est pas encore éclairci, à ses parents qu'il fallait qu'on froissât lorsqu'ils vous apportaient une joie et qu'on ne la comprenait pas (c'était une joie faite pour un autre), à des maladies d'enfance qui commençaient si singulièrement par tout de profonde et graves transformations, à des jours passés dans des chambres colmes et contenues, à des matins au bord de la mer, à la mer elle-même, à des mers, à des nuits de voyage qui frémissaient très haut et volaient avec toutes les étoiles, — et il ne suffit même pas de savoir penser à tout cela. Il faut avoir des souvenirs, etc... Il faut encore avoir été auprès de mourants, être resté assis auprès de morts dans la chambre avec la fenêtre ouverte et les bruits qui venaient par à-coups. Et il ne suffit même pas d'avoir des souvenirs. Il faut savoir les oublier lorsqu'ils sont nombreux et il faut avoir la grande patience d'attendre qu'ils reviennent.

Car les souvenirs eux mêmes ne sont pas encore cela. Ce n'est que lorsqu'ils deviennent en nous sang, regard, geste, lorsqu'ils n'ont plus de nom et ne se distinguent plus de nous, ce n'est qu'alors qu'il peut arriver qu'en une heure très rare, du milieu d'eux se lève le premier mot d'un vers".

Essa concepção lembra uma phrase de Baudelaire de "Mon cœur mis à nu", na qual elle pede a Deus a força e a coragem de escrever um bello verso. Ambos conseguiram ir alem da modesta e orgulhosa ambição.

De vez em quando nesse jornal intimo apparecem paginas de duvida religiosa e philosophica que acabam numa amarga e ironica interrogação.

"Et encore: est il possible qu'on croie pouvoir avoir un Dieu sans l'user?"

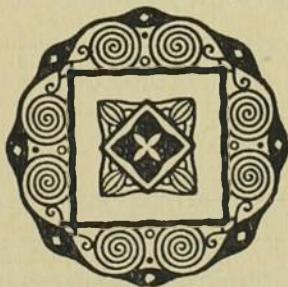
E seu desespero continua até o fim do volume no mesmo tom de "complainte" que attinge ás vezes a doçura verlainiana. Assim a imagem seguinte — "il pleut dans mes yeux" — é comparavel aos versos celebres de Lelian.

Il pleure dans mon cœur
comme il pleut sur la ville.

Mesma construccion. Mesma emotividade. Penso que seja Verlaine seu parente mais proximo. Um Verlaine prosador da epoca de "Sagesse" que tivesse passado pelo modernismo.

Paris—Maio—24.

SERGIO MILLIET





AINDA O DICCIONARIO DE C. DE FIGUEIREDO

ALGUMAS pessoas, que se deram ao trabalho de lêr o nosso ultimo artigo no numero de Março da "Revista do Brasil", parecem não estar ainda bem convencidas de que o diccionario do Sr. Candido de Figueiredo é um repositorio de erros, inexactidões, tolices e disparates e a prova mais cabal de que ao seu autor faltam os requisitos indispensaveis para obra de tão grande vulto. Não é tarefa difficult, nem desagradavel, tirar-lhes as ultimas illusões, analysando em outros pontos e vocabulos o que se procura impingir como diccionario da nossa lingua. Nesta epoca de vida cara, praga nos cafezaes e horizontes sombrios, é até obra de misericordia desopilar-lhes o figado. E hão-de convencer-se de que o Sr. Candido de Figueiredo faz coisa capaz de divertir muitas gerações.

Acacia — Arvore ornamental da familia das leguminosas.

Está errado: acacia é um genero de plantas da familia das leguminosas, com mais de trezentas especies, algumas das quaes são arbustivas. Além disto, as acacias arboreas não são apenas ornamentaes, mas productoras, sobretudo, de excellente madeira e, como taes, consideradas essencias florestaes.

Aceiro — Faixa de terra arroteada, dentro ou em volta das herdades, para evitar a communicação de fogo ou facilitar o transito de carros.

..

Aquelle *arroteada* foi que estragou o negocio. O proprio Sr. Figueiredo diz que arrotear é desbravar, para cultivar. Ora, em geral, os aceiros ficam incultos, mesmo porque, se não ficassem, havia de ser interessante assistir á passagem de carro pelas suas culturas.

Angú — Farinha de mandioca cozida.

Não é, mas ainda que o fôsse, o angú de farinha de milho atrapalharia o Sr. Candido, o que seria uma lastima. O angú é feito, geralmente, com fubá de milho. O homemzinho confunde angú com pirão.

Angico — Especie de acacia do Brasil.

Angico não é do genero *Acacia* e sim uma *Piptadenia*, que se encontra em outros paizes da America do Sul. No mais, está certo.

Aspidosperma — Arvore do Brasil, de ramos chatos ou curvos e casca saborosa.

E o homem a dar-lhe! Não é arvore, mas sim um genero da familia das Apocynaceas. Quanto a achar saborosa a casca (provavelmente o Sr. Candido roeu a da *peroba*), só lhe dizemos que ha gente que prefere lamber sabão.

Bambú — Arvore graminea da India.

Aqui, só se acha a graminea, porque não é arvore e nem da India. No genero, ha especies originarias da India, China, Japão, Madagascar, Ilheos, Mascarenhas, Brasil, etc.

Bastio — Prov. alent. Moita espessa; agglomeração de arvores ou plantas.

Em primeiro logar, não é provincianismo alentejano, mas sim um termo usado em todo Portugal e faz parte da terminologia florestal. E' o massiço florestal constituido por individuos novos, ainda guarnecidos de ramos desde a base. E' o *gaulis* dos franceses e o *perticaie* dos italianos.

Biochimico — Diz-se de um processo, com que o microbiologo Koch pretende poder aniquilar o bacillo tuberculoso.

Diz-se, não senhor; dil-o unica e exclusivamente o Sr. Candido, pois não acreditamos que haja outra pessoa que enuncie tanta tolice em tão poucas palavras. Se Koch fôsse vivo, era capaz de pretender aniquilar-lhe o toutiço!

Binocolo — Oculo duplo, usado principalmente em espetaculos publicos.

O homem foi ao theatro, viu binoculos e zás... não esteve com meias medidas!

Branco — Que tem a côr da neve ou do leite.

Quem sabe se é por isto que nos chamam de raça branca?

Canudo — Tubo, geralmente comprido.

Não ha duvida de que esta vida é um canudo... por ser comprida.

Carbone — Corpo simples, que se não pode decompor, e constitue o carvão, o diamante, a madeira, etc.

Era a altura de mandar fazer uma boa palmatoria de cabreuva, chamar o Sr. Cândido e dizer-lhe: Toma lá carbone!

Capoeira — Mata, que se roça ou é destinada a roçar-se.

E' a matta reconstituida pela rebentação das touças das arvores que formavam a matta primitiva ou virgem.

Carpa — Acto de carpir a cana de açucar.

E nós, pobres fazendeiros, a luctar com a falta de braços para carpir o café e a pagar a 80\$000 e 100\$000 a carpa!...

Cica — Pequena e bonita palmeira, cultivada especialmente em jardins (Talvez do tupi).

Mas, homem de Deus, onde foi vossemecê *cavar* o tupi? Cycas é o nome botanico do genero (*Cycas revoluta*, *C. circinalis*), da familia das Cycadaceas, de que todas os especies são arboreas, algumas com 20 metros de altura.

E' o que lhe digo, Cândido amigo, quem se mette a fazer dicionarios precisa ter alguma cultura, além de saber se *apesar* é com *s* ou com *z*.

Citrino — Que tem côr de cidra.

Não, senhor; que tem côr de limão.

Cobra — Serpente, que não é venenosa.

Por isso, dizemos cobra cascavel, e os portugueces davam á *Naja tripudians* o nome de cobra capello, ainda hoje usado pelos inglezes, na India.

Curcutaceas — Familia de plantas, formada á custa das convolvulaceas.

Que trapalhada! Não é familia, é ordem e querem alguns autores inclui-la como sub-ordem das convolvulaceas.

Floresta — Mata grande. Sítio umbroso. Retiro campestre.

O "retiro campestre" define o homem.

Fluorhydrico. — Diz-se de um ácido, formado pela combinação do hydrogenio com uma base.

Logo o fluor é uma base, que se combina com o hydrogenio e, segundo o Sr. Cândido, forma o ácido fluorhydrico!!

Franças — Os ramos mais altos das árvores; rama do arvoredo.

E' o conjunto das ramificações menores da copa.

Gusano — Verme, que se produz na madeira e a fura (*teredo navalis*). Verme que se cria nas substâncias em decomposição.

O *teredo navalis*, de Linneu, não é verme, Sr. Cândido; é um molusco bivalve, marinho, sifonídio, que abre galerias na madeira mergulhada e a destroza com uma rapidez espantosa. Ahi, nos portos de sua pátria, devem conhecê-lo e poderão dar-lhe a descrição do bicho. Aproveite, aprenda e deixe-se de fazer dicionários.

Jacaré — Espécie de crocodilo; caimão.

Jacaré é uma coisa, e crocodilo outra.

Lepidoptero — Diz-se de uma classe de insectos, que passam por metamorphoses completas desde o estado de ovo ao de borboleta.

Não é *classe*, mas sim *ordem*, o que, em zoologia, tem muita importância. Além disto, há insectos com metamorphoses incompletas, que não são lepidopteros.

Listerina — Brasileirismo — Medicamento prophylatico e desinfectante.

Nunca foi brasileirismo. E' um antiseptico assim denominado pelos ingleses em honra do grande cirurgião J. Lister.

Mergulhia — Acto de enterrar o mergulhão da vide, para reprodução da videira.

E' um dos processos de multiplicação artificial das plantas (estaca, mergulhia e enxertia), com a vantagem tambem de mostrar a quanto chega a ignorancia do Sr. Candido.

Paulista — Habitante do Estado de S. Paulo.

Nunca! Ser natural de S. Paulo é muito diferente de ser seu habitante.

Pampas — Grandes planicies da America meridional, entre-cortadas por bosques de palmeiras.

Os bosques de palmeiras representam uma simples liberdade poetica. O homem, na poesia, é um bicho!

Periscopio — O mesmo que caleidoscopio.

Quem vir o que elle diz de caleidoscopio fica com idéa perfeita de periscopio. Simples e ameno.

Picada — Caminho estreito, ou atalho, em linha recta, atra-vez do mato.

O' filho, se fazes uma picada torta, saes do diccionario!

Quincunce — Plantação de arvores disposta em xadrez, sendo uma em cada canto e uma ao centro.

Foi por ter visto uma plantação de abacaxis em quinconcio que o patrício do Sr. Candido lhes chamou arvores.

Sertão — Logar inculto, distante de povoação ou de terrenos cultivados.

Estavamos nós convencidos de ter uma fazenda de café no sertão da Noroeste, proximo á povoação da Corredeira, e vem o Sr. Candido e tira-nos a illusão... Malvado!

Talhadia — Operação de arboricultura, que consiste em desbastar os braços das arvores ou cortal-os na extremidade.

Vamos por partes. Não é operação: é um processo de exploração; não é de arboricultura, mas sim de sylvicultura (se o Sr. Candido não sabe fazer distinção entre uma coisa e outra, aprenda); e, finalmente, não consiste em cortar braços de arvores, mas sim em cortar as proprias arvores, baseando-se na faculdade que algumas têm de se reproduzir por meio de vergonetas, brotos ou rebentões. E' o *taillis* dos franceses, *coppice* dos ingleses, *ceduo* dos italianos e *monte bajo* dos hespanhóes.

E continuaremos, se a tanto nos permittir a praga do café.

ED. NAVARRO DE ANDRADE



BAGATELAS

CAUSA MORTIS

*Pranteia pelos mortos todo o dia
O filho, o irmão, o noivo... a parentela;
E chora a mãe, como chorou Maria,
E chora o pae, como chorou Varela.*

*Carpe o sobrinho, o avô, a sogra, a tia,
Até o marido... quando a esposa é bella;
E todos culpam disso a morte fria,
E todos deitam maldições sobre ella.*

*No entanto, a culpa é mal attribuida
Por quem encara a morte como um drama,
Nesta existencia... ou antes nesta lida.*

*O que nos mata, morte não se chama,
Porque, se os males nos provém da vida,
Quem mata é a vida... e a morte leva a fama!*

PERCENTAGEM

*Novos tempos! Novos ares!
Da moral não ha nem restos!
Hoje, em cem homens vulgares,
Só se encontram dez... honestos.*

O IMPOSTO SOBRE A RENDA

*Esse imposto sobre a renda,
Que a fortuna alheia esbulha,
E' provavel que comprehenda
Todo trabalho de agulha...*

PERGUNTA

*Peço a qualquer cozinheira
Que me demonstre a razão,
Pela qual o caldeirão
E' menor do que a caldeira...*

ROSAS SEM ESPINHOS

*Não ha rosa sem espinho,
Diz um adagio sediço,
Mas eu, tendo o teu carinho,
Rosa, não creio nisso...*

*Nas rosas de tua face,
Que medram nessas covinhas,
Um só espinho não nasce,
Mas nascem muitas espinhas...*

ZAROLHA

*Zarolha, tenho desgosto,
Por seres tão desleal!
Para mim volves o rosto,
E olhas para o meu rival!*

RODRIGUES CRESPO



CARTAS DO ALMIRANTE NOGUEIRA

N.º 19

Tres Boccas, 3 de Maio de 1866.

Depois da minha ultima carta (26 de Abril) nenhum movimento tem havido na esquadra. O mesmo não tem acontecido no exercito. Todos os dias nossas avançadas têm tiroteado com as do inimigo, ouvindo-se daqui sempre os tiros. Hontem, então, o negocio foi mais serio. Pouco antes do meio dia começamos a ouvir tiros muito seguidos, de artilheria e fusilaria, que duraram quasi até ás duas horas. Hoje soubemos ter o inimigo em grande numero atacado a guarda avançada, que deve ser a gente do Flores, que foi reforçado e levou o inimigo de corrida até alem das suas trincheiras. Tivemos poucos mortos, porem muitos feridos, sendo que os contrarios deixaram o campo coberto de cadaveres, orçados em mais de dois mil. O heroe do dia foi o Flores, que teve um cavallo morto. O nosso 7.º Batalhão de linha portou-se heroicamente, o que já fez em Jatahy. Os inimigos nos tomaram quatro peças, das quaes duas foram retomadas; alem dessas tomamos mais tres, deixando entre elles alguns prisioneiros. O Lopes, que devia comandar o ataque, não compareceu por incomodado, e o official que veio em seu lugar foi morto. O tratante adivinhou! Estas noticias são as que correm pela esquadra, não sabendo eu com certeza tudo quanto se passou.

NOTA — Vide os numeros 96 e 101 da "Revista do Brasil".

Tres Bocas, 10 de Maio de 1866.

Durante esta semana nada de novo tem havido a não serem tiros de artilharia dos exercitos que se acham ainda nas mesmas posições, muito proximos um do outro. Dizem que não se marcha por falta de gado para o Mitre. O que é verdade é que nada fazemos; vão-se passando os dias, o Brazil dispende rios de dinheiro e nós marchando de vergonha em vergonha. Temos vencido sempre porque a Divina Providencia nos tem protegido. Se no fim desta guerra o governo levantar o véo que cobre os misteriosos segredos dos nossos grandes homens... muita miseria aparecerá.

Pouco a pouco vêm vindo os navios do Passo da Patria para aqui, porem a nossa chefança ainda por lá se acha, fazendo o que, ignoro.

Melhor informado hoje, vou contar-lhe o nosso ultimo combate.

As avançadas dos dois exercitos estão á falla. No dia do combate achavam-se quatro peças nossas collocadas entre dois batalhões de voluntarios; mais á esquerda o exercito de Flores; um pouco á retaguarda o nosso exercito e o de Mitre. Os dois batalhões estavam de armas ensarilhadas e descarregadas, com os soldados, como é costume, dispersos. Pelas dez horas, pouco mais ou menos, os Paraguayos atacam de improviso os dois batalhões e a gente do Flores, enquanto a sua cavallaria, muito a salvo, toma as quatro peças que ninguem defende e as carrega para seu acampamento. A nossa gente não pôde formar e veio corrida para o grosso do exercito, com excepção do 7.º batalhão de linha, que formando quadrado, assim foi recuando, pelo que perdeu duzentos homens. Os Paraguayos arrancaram até as barracas dos nossos soldados e mataram tambem vinte e duas mulheres das muitas que acompanham o exercito.

Quando nossa gente tomou folego e avançou, o inimigo foi levado até suas trincheiras e ficou tudo como antes.

Tivemos mil e oitenta e tantos homens fóra de combate, sendo cento e tantos mortos, e do inimigo dizem que se tem enterrado mil e setecentos, havendo tambem feridos e prisioneiros, porem, em pequeno numero, pois como já lhe disse os nossos não deram quartel, matando a valer.

As nossas quatro peças não foram retomadas; tomamos, sim, duas ordinarias, que elles depois trouxeram para nos bater.

A cavallaria da Guarda Nacional do General Netto portou-se muito bem, embora tivesse de montar em pello, por não ter tido tempo de ensilhar os cavallos.

Dizem que as nossas mulheres agarraram um Paraguayo e o mataram a murros e dentadas.

Ante hontem perdemos um coronel que passava revista ás linhas.

Todos os dias os Paraguayos nos gritam: — "Cambais, venham buscar as suas peças". *Cambais* significa escravo ou negro.

O Lopes não tem vinte mil homens; nós temos mais de cincuenta. Estão os dois exercitos á falla e não atacamos. Que dizer d'isto? Os mosquitos não me deixam escrever e tambem nada mais tenho a contar.

Tres Bocas, 17 de Maio de 1866.

Desta vez nada lhe posso dizer sobre a guerra, porque nada houve depois da minha carta de 10. Isto tambem não vale a matar; quem anda muito, cança. A 17 de Março sahimos de Corrientes; um mez depois,

tomamos a ilha de Itapirú, pois, como mandei dizer, foi nesse dia que os Paraguayos abandonaram a ilha e nós içamos no forte as bandeiras aliadas. Faz hoje um mez que isso aconteceu; estivemos descansando e agora vamos subir para batermos as fortificações de Curupaity, o que talvez se realize lá para Junho; em Julho é provavel que estejamos em Humaytá, e, assim, só em Agosto ou Setembro chegaremos a Assumpção. A preguiça não marcha mais depressa. O Lopes, não querendo talvez poupar seus soldados, enviou contra nós um enxame de moscas que nos tem infernizado muito. Comemos e bebemos mosca.

N.º 22

Rio Paraguay, 24 de Maio de 1866.

Pelas nove horas da noite de 19 recebi ordem de estar ás seis da manhã prompto para entrar em fogo. Convites desta ordem nada tem de agradavel.

O exercito, sem pasto e lenha no lugar em que se achava acampado, devia atacar o inimigo para poder seguir para diante, e ao mesmo tempo a esquerda subiria para atacar o Curupaity.

Com efeito, logo que foi amanhecendo rompeu no exercito o fogo da artilheria, que não durou muito. Depois das sete horas a esquadra suspendeu e seguiu pelo rio Paraguay na seguinte ordem: couraçados "Bahia", "Barroso", "Brazil" e "Tamandaré" e vapores "Parnahyba", "Belmonte", "Beberibe", "Ivahy", "Itajahy", "Ypiranga", "Iguatemy", "Araguary", "Mearim", "Henrique Martins", "Greenhalgh", "Chuy", "Araguay", "Lyndoia", "11 de Junho" e "Voluntarios da Patria", duas chatas armadas com peças de 68 cada, e uma canôa grande com duas peças de bronze; no "Magé" ia o Almirante com a sua bandeira de guerra. Na bocca da lagoa onde nós estivemos fundeados nos dias da passagem, ficou o "Magé" e tudo mais da "Araguay" para baixo, fundeando os outros navios mais acima.

Ao meio dia chegaram aonde nós estávamos o "Magé" e os outros navios e ahi fundearam, suspendendo e seguindo aguas acima os couraçados "Ivahy", "Ypiranga", "Iguatemy", "Magé", "Lyndoia" e "Voluntarios da Patria" rebocando uma chata com munições. Chegamos a avistar as barracas do Curupaiti, estando o rio fechado com estacas e talvez correntes. Vimos nessa occasião o inimigo metter no fundo um casco e trabalhar na estocada. O "Magé" que seguia na minha pôpa encalhou. Immediatamente alguns Paraguayos escondidos no matto principiaram a fazer fogo de fusilaria, contra elle, e depois tâmbem contra nós. Quando as balas começaram a cahir, algumas a bordo e outras perto ou por cima, mandei sentar toda a gente, para diminuir o alvo. O Almirante ordenou-me que fizesse alguns tiros de metralha até calar a fusilaria, o que consegui com onze tiros. Tendo sido o "Magé" desencalhado pelo "Brazil", ao escurecer descemos e fundeamos todos uma legua abaixo onde ainda estamos.

Soubemos que o exercito quando avançou só encontrou dois ou tres batalhões inimigos, que se rasparam, com perda de uns vinte homens.

N.º 23

Rio Paraguay, 28 de Maio de 1866.

Estou prompto para sahir a todo o instante, com mais alguns navios, afim de proteger a passagem do exercito do Barão de Porto Alegre, a qual será, segundo parece, na Tranqueira do Loreto ou outro qualquer ponto

do Alto Paraná. Quando lhe escrevi no dia 24 disse-lhe que se ouvia vivo canhoneio. Eis o que foi: O exercito aliado devia atacar nesse dia, a uma hora; o inimigo, porem, avisado, atacou-nos primeiro, ás onze, tendo Lopes embriagado os seus homens. O combate foi terrivel, mas o dia foi dos Brazileiros que se bateram como leões, sendo Osorio o heroe. Tivemos talvez quatrocentos mortos e mil e seiscentos feridos, pouco mais ou menos, isto só Brazileiros, e até hoje já enterramos ou queimamos seis mil e quinhentos cadaveres de inimigos e dizem que não é tudo. Não se admire desta carnificina, visto que nada poude conter os nossos soldados. Só puderam escapar, prisioneiros feridos, treze paraguayos. O inimigo nos atacou em numero de dezoito mil homens, mais ou menos. Os generaes Osorio e Sampaio, muitos commandantes de corpos e muitissimos officiaes ficaram feridos. Dizem que, achando-se o Osorio e o Flores juntos, a dar ordens, foram envolvidos pelos paraguayos, e tendo já Flores a espada quebrada, Osorio, desesperado, esquecendo-se da sua, agarra no chicote pela ponta e com o cabo foi quebrando cabeças de paraguayos e assim livrou-se. O Osorio ainda teve um cavallo morto. O governo não podia encontrar general mais valente para commandar mais valente exercito. Os voluntarios têm brilhado. Infelizmente, porem, a victoria não foi tão completa como podia ser, por estar a nossa cavallaria a pé, graças á peste que dizimou os animaes. A cavallaria Correntina, que se achava bem montada, fugiu logo que o inimigo nos atacou, e dizem que Osorio, indignado, dissera ao Mitre, que uma vez que sua cavallaria não servia, propunha-se comprar-lhe os cavallos a uma onça cada um para montar os nossos. O Flores ficou tão entusiasmado que, findo o combate, á frente do nosso exercito, deu vivas aos "leões brazileiros".

Constava que uns seiscentos paraguayos se achavam num capão cercados pelos nossos; apareciam de vez em quando para se entregarem, porem, eram recebidos a balas. Creio ser isto certo, porque ha pouco ao escurecer ouvi muitos tiros de artilheria; são esses infelizes, com certeza, que estão pagando com a vida as loucuras do Lopes. Entre os mortos achavam-se tambem algumas mulheres vestidas de homem.

29 de Maio.

Disseram-me hoje, não sei com que fundamento, que os Paraguayos fizeram hontem exercicios em frente ao nosso exercito e que ao escurecer Osorio mandou romper fogo contra elles; foi o fogo que nós ouvimos. As noticias do nosso exercito, mais depressa ahi saberão pelos jornaes do Rio do que mandadas por mim, pois basta dizer que nós ignoramos os factos que se passam na 1.^a e 3.^a divisão da esquadra, distante da 2.^a apenas uma legua.

N.^o 24

Rio Paraguay, 7 de Junho de 1866.

Depois da minha ultima carta nada se tem feito, quer no exercito, quer na esquadra, á excepção de terem subido alguns navios pequenos pelo Alto Paraná, afim de trazer o exercito do Barão de Porto Alegre, que deve desembarcar no Passo da Patria, onde se acha o outro. Em quanto isso nós descansamos. Goso uma vida de malandro. Nada receio. A vanguarda está guardada pelos couraçados e demais navios; pela retaguarda o inimigo não vem, por conseguinte, só nos resta uma cousa — comer e dormir.

N.º 25

Rio Paraguay, 15 de Junho de 1866.

Desde o dia 24 do mez passado que estavamos no maior socego, quando ante-hontem á tarde ouvimos alguns tiros de artilharia, cousa de que já estavamos desacostumados, e hontem, desde as onze até depois da cinco, trouu a artilharia que parecia fim de mundo. Não sei ao certo o que foi. Dizem que os dois exercitos, entrincheirados em frente um do outro, bombardearam-se hontem. Isto parece caçoaada. Os homens que nos dirigem não se compadecem dos cobres da nação. O Paraguay é digno de fazer a guerra ao Brazil e o Brazil ao Paraguay. Quando eu disser que vinte navios de guerra, quatro dos quaes couraçados, todos bem guarnecidos e com formidavel artilharia, fugiram de noite aguas abaixo, atropelladamente, só porque alguns inimigos escondidos no matto fizeram sobre elles alguns tiros de fusil, ninguem me acreditará, e no entanto foi coisa que aconteceu. Calar é melhor.

Reina na esquadra grande desgosto e insubordinação. A principio fiquei magro e envelheci e criei muitos cabellos brancos; hoje, porem, nem me lembro que estou em guerra e que o atrevido inimigo está perto; como e durmo e já estou engordando regularmente. Passo uma vida de verdadeiro malandro. Não imagina com que preguiça estou escrevendo esta carta. O que é verdade é que aprendemos isto com o Almirante, que só cuida de comer e passear.

Rio Paraguay, 20 de Junho de 1866.

Deus continua a nos proteger e nós, como sempre, continuamos sem vergonha. A noite de 15 foi chuvosa, o rio Paraguay encheu depressa, Trazido de proposito ou por acaso, apareceu na manhã de 16 um torpedo (machina infernal) agarrado á prôa do "Bahia". Depois de aberto, viu-se que elle não explodiu por estarem humidas as duzentas libras de polvora que continha. Por isto, talvez, desceram o "Bahia" a fundear junto do Almirante, e o "Tamandaré" para a bocca do rio, junto de uma ilha que tem um lugar chamado Cerrito, onde os paraguayos tinham uma guarda e o nosso grande Almirante quer fazer um arsenal ou não sei que maluquice. Acha-se portanto a esquadra fundeada da maneira seguinte: legua e meia, mais ou menos, abaixo de Curupaity está a "Mearim" e logo em seguida, proximos uns dos outros, o "Beberibe", o "Ypiranga", o "Barroso", o "Belmonte", o "Ivahy", o "Iguatemy", o "11 de Junho" (hospital de sangue) o "Apa", immenso transporte em que tem o Almirante a sua residencia, o "Bahia"; talvez uma legua abaixo, o "Magé", na bocca da lagoa Pires, da qual já lhe fallei e onde estivemos; e creio que no Cerrito o "Tamandaré", o "Itajahy" e o "Chuy". Os navios não estão como deviam, em linha, porem uns mais ao meio do rio e outros proximos á margem do Chaco, de maneira que eu fico pela prôa e proximo ao "Apa", a um quarto de legua distante da vanguarda.

Diz um antigo adagio — não ha bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe. Isto é verdadeiro. Principiando esta carta dizia eu que passava vida de malandro, a comer e dormir. Infelizmente tudo se vae mudando; ainda como regularmente, mas quasi não tenho dormido estas duas noites. Pela trez e meia da manhã de hontem fomos despertados por alguns tiros de espingarda, dados na vanguarda e pelos toques de corneta nesses navios, chamando as guarnições a postos. A noite favorecia a surpresa, porque estava excessivamente fria e neblinada. Felizmente nada sucedeu. Occasionou este alarme o facto dum escaler de ronda na vanguarda

ter avistado um vapor inimigo muito proximo d'elle logo que a neblina se esvaeceu. Immediatamente deu os tiros de signal e raspou-se. O inimigo, vendo-se presentido, puxou com a trouxa. A ser isto verdade, foi grande atrevimento.

Depois das onze horas da noite o "Magé" queimou um foguete de signal; em resposta, outro o "Apa"; isto quer dizer — attenção que o inimigo está em movimento. Já se vê que com um convite destes o somno foge. Depois da meia noite tocam a postos na vanguarda. Preparamo-nos, porem ainda desta vez o inimigo nos assustou apenas. Vimos vir aguas abaixo um grande fogaréo que supuzemos algum brulote, o qual apagou-se ainda lá por cima. Mandei retirar a gente ás tres horas e só pude passar pelo somno de manhã. Soubemos hoje que o tal fogaréo foi um barril com alcatrão e palha que o Lopes nos enviou. Tambem foi apanhado mais um torpedo pelo "Araguay". Já vê portanto que agora a festa é comnosco.

Em terra continua o Lopes a fazer fogo quasi diariamente sobre o nosso exercito, com artilheria de 68. Apezar disso nós continuamos no mesmo lugar e com a mesma impassibilidade.

21 de Junho.

O torpedo de que hontem fallei, foi pescado por acaso em baixo do "Araguay" e estava com duas espoletas arrebentadas; tinha, porem, a polvora humida. Ainda não se sabe com certeza se tem elles vindo com as aguas ou trazidos de propósito. O que é interessante é que o "Tamandaré", na prôa do qual se arranjou uma rede e não sei o que mais, para pescar torpedos, anda lá por baixo, enquanto que estes se apanham cá por cima. As nossas cousas são todas assim.

N.º 26

Rio Paraguay, 5 de Julho de 1866.

Estamos em maré de torpedos. Depois da minha ultima carta, quasi todas as noites nos vêm torpedos mandados pelo Lopes. O primeiro delles vinha em uma canôa rebocada por outra, e como estivesse a noite muito neblinada, encontraram-se com um escaler de ronda e, perseguidos, deixaram vir o torpedo na canôa rio abaixo. O "Araguay" o apanhou. Este torpedo devia rebentar por meio de fios que ficavam nas mãos dos paraguayos. O segundo rebentou casualmente muito acima dos navios, notando-se nos destroços da canôa, sangue e pedaços de carne. Voaram os que o traziam. O terceiro tambem vinha em canôa e rebentou distante dos navios. Mais tres rebentaram distantes dos navios e sem os offendere. Com os dois de que fallei na minha ultima carta, fazem já oito, dos quaes, a divina providencia nos tem livrado. O que mais admira é que o torpedo vem depois de uma hora da madrugada e quasi sempre com luar. Isso nos incomoda porque é necessario empregar a maior vigilancia durante a noite. Hontem á tarde apareceram alguns paraguayos no matto em frente ao "Apa"; é provavel que breve tenhamos por cá artilheria. Estamos á espera do exercito do Barão de Porto Alegre para atacarmos o Lopes, que só tem dez mil homens, segundo dizem.

N.º 27

Rio Paraguay, 12 de Julho de 1866.

Na minha carta de 5 do corrente lhe disse que breve seríamos incomodados com mais alguma cousa alem dos torpedos. Mais depressa do que

esperava realisou-se o vaticinio. Nessa mesma noite, ás onze e meia, rebentou um torpedo e logo em seguida atiçaram do matto alguns foguetes á Congrève contra os navios da vanguarda, os quaes logo responderam com metralha. De quinta-feira para cá, a qualquer hora do dia que avistam gente nos navios da vanguarda, atiram foguetes e fazem fogo de fusilaria. Felizmente nada acontece de mal. Os torpedos continuam como antes a nos serem lançados de dois em dois dias.

Do exercito do Barão de Porto Alegre já nos chegou parte da infanteria mas não sei quando virá o resto.

N.º 28

Rio Paraguay, 19 de Julho de 1866.

Depois da minha ultima carta muitos factos se têm dado, que verá dos jornaes, não podendo eu, infelizmente, por não ter bastante conhecimento delles, noticiar-los como queria.

A esquadra continua a ser atormentada pelos torpedos do Lopes, tendo havido noites de dois e tres; um delles, rebentando proximo a um escaler do "Ypiranga", matou oito homens, inclusive o 1.º Tenente Couto. A' maior vigilancia da nossa parte oppõem elles maior ousadia. Nós sabemos a razão disso, mas, o Brazil inteiro o ignora. Infeliz daquelle que disser a verdade.

Na segunda-feira, ao amanhecer, desordenadamente como de costume, a esquadra suspendeu e seguiu aguas acima. Preparavamo-nos para atacar o Curupaiti, quando o Almirante fez signal de descer e fundear onde nos achavamos; o resultado desta evolução foi passar para a retaguarda o "Berberibe" que estava na vanguarda e onde pretende estabelecer seu aposento nocturno e em seguida desapparecer daqui, deixando-nos de bocca aberta. O General Polydoro assumiu o commando em chefe do exercito, substituindo o Osorio que por doente se retirou. As operaçōes tomaram nova feição. De sabbado para cá o fogo não tem cessado; na noite de segunda-feira foi medonho; não cessou um só instante o fogo de artilheria. Hontem ao romper do dia começou um combate, que foi terrivel, com fogo durante cinco horas. A victoria foi nossa; as perdas, grandes. O combate deu-se proximo á esquadra. Deveríamos subir, atacar e tomar Curupaiti e talvez quem sabe!! acabar a guerra. Infelizmente um homem fatal transtornou tudo. O almirante não estava na esquadra e nem deixou instruções. O chefe Elisiario mandou-lhe dar parte do que se passava, e não obteve resposta. Não quiz, portanto, tomar sobre si a responsabilidade. A esquadra ficou fundeada, perdendo a melhor occasiō. Vergonha! E' a hemens destes que cegamente o Brazil entrega seus destinos... A' noite deu signal de si; mandou-nos um boletim, noticiando o combate, dizendo ser nossa a victoria e mais nada. Basta. A indignação levou-me sem querer a fallar do homem que tem feito por mim alguma cousa.

N.º 29

Rio Paraguay, 2 de Agosto de 1866.

Logo que aqui chegamos, um navio durante a noite ia de ronda uma milha para a vanguarda dos navios de frente, a impedir que fosse a esquadra surprehendida. Este serviço durou pouco: apareceram os torpedos, brulotes, foguetes, etc., que o Lopes nos mandou. No fim de muito tempo, novamente se estabeleceu o serviço de ronda na vanguarda dos navios. Por este motivo, os torpedos não atingiram mais a esquadra, porém não desap-

pareceram de todo, pois que o "Ypiranga" e "Araguay", quando de ronda, apanharam dois pela manhã.

Esta noite esteve horrorosa de chuva e vento, tendo-me tocado a ronda; esperava a todo instante ver rebentar na prôa um torpedo ou ser abordado. A vigilancia foi grande, estivemos a postos debaixo d'agua. Tinha recebido ordem do chefe para de manhã ir mais acima a ver alguma cousa, sem comtudo expor o navio; com effeito, de manhã segui aguas acima, avisando logo duas canôas no meio do rio; segui a toda a força a ver se as apanhava; de uma dellas, fugiram por terra os paraguayos, deixando fundeada a outra, que era um torpedo, e lá chegando fizeram com dois foguetes signal para o "Curupaity". Sendo imprudencia tentar tomar ou fazer rebentar o torpedo e achando-me mui proximo á barranca e exposto a sua fuzilaria, arrumei-lhes tres tiros de metralha e vim aguas abaixo antes que fosse agarrado pelos navios Paraguayos, que se acham no Curupaity.

Já chegou o exercito do Barão de Porto Alegre; agora não sei o que falta para atacarmos: talvez vontade...

N.º 30

Bordo da "Iguatemy", no Rio Paraguay, 27 de Dezembro de 1866.

Já entrei oito vezes em fogo, em 22 de Março nas Tres Bocas, 20 de Maio abaixo do Cumori, 22 de Setembro no Curupaity, 27 de Novembro na lagoa Pires, e 19, 22, 23 e 24 do corrente na vanguarda da esquadra e protegendo o 2.º Corpo do exercito, sendo o fogo dirigido das baterias de Curupaity.

Como acaba de ver, desde o dia 19 me acho na vanguarda, protegendo o 2.º corpo e a seiscentas braças das baterias inimigas, que ficam cobertas pelo matto. Occupo agora um lugar perigoso, porém de honra. Os paraguayos não me pouparam, nem ao exercito e nem nós a elles. Até hoje, a "Iguatemy" tem brilhado na vanguarda e espero em Deus que não sairei daqui corrido.

No dia 19, fizeram-nos fogo á tarde; no dia 22, ás 9 horas e 40 minutos da manhã, sendo quasi todo dirigido sobre este navio, ao que respondi vivamente, dando só com tres peças cento e quarenta tiros de balas ocas em pouco mais de uma hora; no dia 23, ás 6 horas da manhã e finalmente a 24, ás 2 horas e 30 minutos da manhã. O fogo a esta hora, pela primeira vez, nos surprehendeu; julgamos tratar-se de ataque ao exercito, a esquadra toda preparou-se e a "Iguatemy", ao segundo tiro inimigo, respondeu tiro por tiro, isto porque já tenho falta de munições e na esquadra ha pouca.

Deixemos os paraguayos, enquanto acabo de escrever esta carta; depois irei conversar com elles, pois já me deram parte que se avistou uma sentinella delles, e eu não a deixo pôr o focinho de fóra.

O Joaquim José Ignacio tomou o commando da esquadra no dia 22 e o Almirante retirou-se a 23.

30 de Dezembro.

Conto mais um dia de fogo, isto é, o nono. Hontem, ás 2 horas e 45 minutos da tarde, romperam sobre nós o fogo, que terminou ás 3 horas e 35 minutos. Desta vez acertaram-me uma bala, que partiu pelo meio a verga do traquete que tinha amarrada no costado a estibordo. Tive mais outra avaria, uma bala ôca duma chata nossa, fundeada mais abaixo, rebentou na popa, causando um estilhaço pequeno prejuizo, não ferindo felizmente a praça alguma. Estas cousas não querem dizer nada: constatadas, e continua-se o fogo.

N.º 31

Rio Paraguay, 31 de Janeiro de 1867.

Desde a minha ultima carta de 30 do mez passado, não lhe tenho escripto, porque estabeleceu-se agora remetterem-se malas directamente para o Rio nos dias 1 e 15 de cada mez; não lhe escrevi no dia 15 porque o navio que sahiu foi o "Belmonte", o qual a esta hora talvez ainda esteja em Montevideo. Vou tratar de escrever uma longa carta ao Martim, a qual lhe remetterei para ler e enviar depois a elle.

Passemos agora á minha pessoa; com a bala que levei no dia 29, cessaram os paraguayos de fazer fogo durante o tempo que ainda me conservei na vanguarda, isto é, até 6 do corrente, não obstante eu os provocar todos os dias. Estive dezenove dias na vanguarda e durante esse tempo atirei aos inimigos trescentas e vinte e cinco balas ocas e mais dez tiros de metralha, tudo em troca de alguns sustos e uma bala no costado. No dia 8, houve dois reconhecimentos, um pelo "Curupaity" e outro pela "Lagoa Pires", dos quaes já deve saber. No da Lagoa tomou parte este seu criado e deu, sem ter a honra da resposta, apenas cento e oitenta e oito tiros com bala oca.

Por estes dias, a divisão a que pertence o meu navio entra de serviço na vanguarda. Lá vou com o chefe Joaquim José Ignacio a bordo.

N.º 32

Rio Paraguay, 14 de Fevereiro de 1867.

No dia 2 do corrente, houve mais um reconhecimento no Curupaity e na Lagoa Pires; aqui entrei eu no meu navio e ainda esta vez não nos fizeram fogo; no Curupaity, porém, todos os encouraçados tiveram avarias e morreu o commandante do "Silvado".

N.º 33

Iguatemy, no Passo da Patria, 11 de Março de 1867.

Quanto á guerra nada de novo tem ocorrido; espera-se para breve o ataque.

O cholera está em Corrientes, no Cerrito e no 2.º Corpo do exercito, no Curuzú; supondo não ter atacado com muita força. Deus ha de compadecer-se de nós.

N.º 34

Rio Paraguay, 14 de Março de 1867.

No dia 3 do corrente, ao renderem-se as divisões, bombardearam-se as baterias do Curupaity, não havendo novidade. Não me achava aqui, porque na vespera, á tarde, tinha descido a bocca da Lagoa Pires, levando o general Argollo, que foi para o 1.º corpo do exercito.

Todos os dias os navios da vanguarda atiram para o Curupaity, sendo algumas vezes correspondidos. Não obstante, falla-se muito em paz, o que será uma grande vergonha para nós depois de tantos sacrificios que o Brazil tem feito; é questão de honra que a guerra deve acabar pelas armas e não pela diplomacia. A guerra já estaria acabada se os generaes que nos dirigiram a principio fossem mais patriotas e menos ladrões. Assim mesmo, no dia em que resolverem atacar o inimigo energicamente, estará terminada a guerra. Esperemos este dia. Tenho promessa do Almirante de commandar um encouraçado. Veremos.

Bordo da "Iguatemy" no Passo da Patria, 30 de Março de 1867.

...tinhamos mala todas as sextas-feiras pelo paquete Inglez da carreira de Corrientes e Buenos Ayres e depois organisou-se uma carreira de transportes, que deviam sahir directamente para o Rio nos dias 1 e 15 de cada mez, o que, como tudo quanto é nosso, deu logo em agua de varrela. Assim, temos de aproveitar os transportes que seguem para o Rio, sem dias fixados para partida.

Falla-se muito em paz, porém eu creio que ella só se fará pelas armas. Ultimamente, cá veio um vapor de guerra Americano e o seu commandante, tendo tido licença do Caxias, seguiu para o acampamento de Lopes, a fallar com o respectivo Ministro. Desconfiou-se muito que o Lopes pretendia fugir nesse navio, e, por esse motivo, veio para aqui o vapor "Princesa" com o Almirante e este navio, tocando-nos fazer de noite ronda em escalerias para impedir a fuga. Veio tambem o "Beberibe", que ficou fundeado junto ao Americano. Felizmente, regressando o commandante americano, desvaneceu-se toda a idéa de paz, pois que o Lopes não consentiu que fosse elle até Assumpção fallar com o Ministro; esteve alguns dias guardado com sentinella á vista, em um rancho de palha até que de lá veio o Ministro. O commandante americano não poude sahir do rancho onde esteve e, pelo lugar por onde foi e veio, não viu tropa alguma, porem grandes fortificações.

O almirante, retirando-se para a esquadra no Curuzú, deixou-me encarregado da policia do porto; não estou descontente, porque uma vez que nada se faz de serio pelo Curupaity, aqui estou melhor que lá. Pelas minhas anteriores cartas verá que já previa demora no pagamento do soldo.

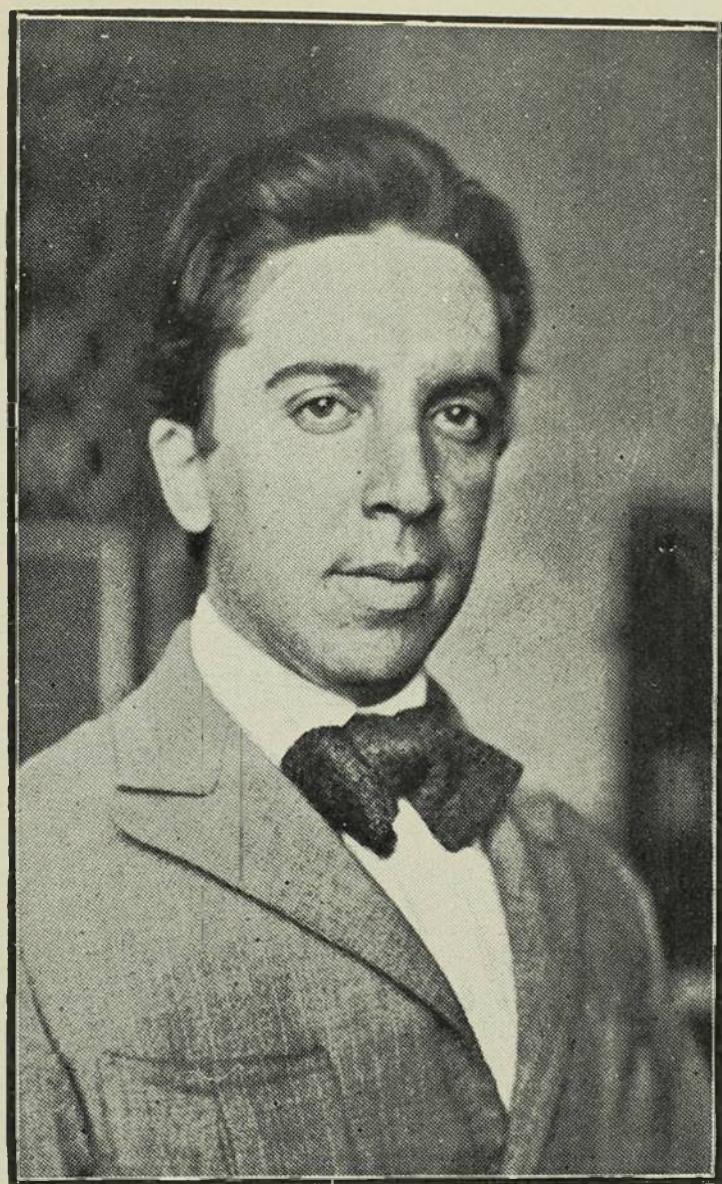
Bordo da "Iguatemy", no Passo da Patria, 8 de Maio de 1867.

...ando agora ás carreiras como Judeu Errante. No dia 20 do mez passado segui para Corrientes, por causa de uma revolução que estava para rebentar, a qual infelizmente não se levou a effeito, tirando-me assim o prazer de dar alguns tiros em uma cidade tão nossa amiga; a 27 voltei para cá, por ser muito precisa a presença do navio neste lugar. Desta maneira deixei de escrever por dois vapores que seguiram para Montevideu, unico meio que agora temos de correspondencia; pois os paquetes ingleses que partem todas as semanas, para Buenos Ayres, já não levam mais a correspondencia.

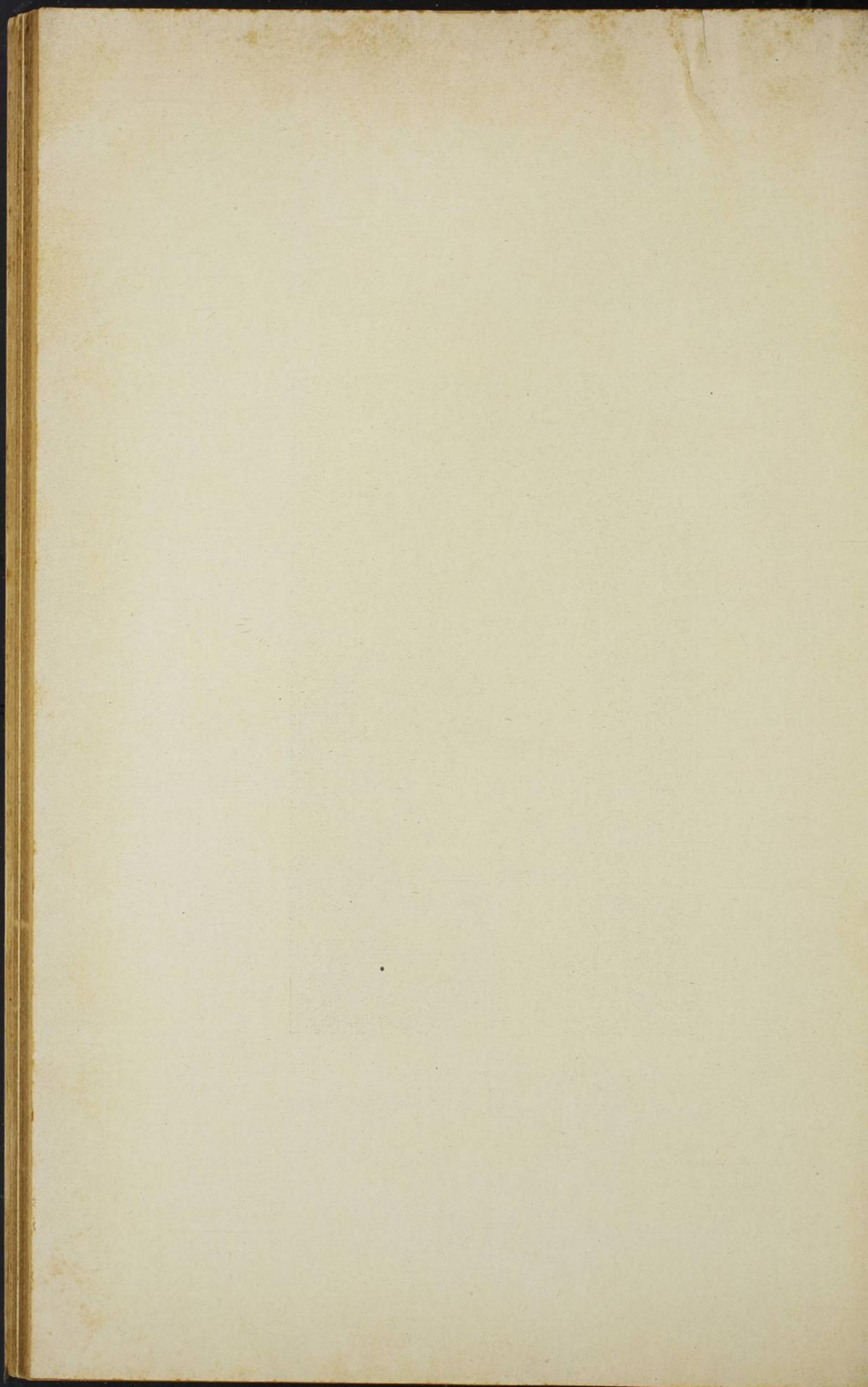
Como lhe mandei dizer na minha carta de 11, o cholera atacou o 2.º corpo do exercito e quasi deu cabo delle; creio que morreram perto de dois mil homens: na esquadra tambem grassou com força, perdendo todos os navios mais ou menos gente. Em Corrientes tive a bordo duas praças atacadas e que faleceram no Hospital. Aqui, tive ha dias um outro caso; felizmente escapou. Diz-se que perdemos cento e tantas praças na Esquadra. Ainda não está acabado, mas agora só apparece um ou outro caso.

Era só o que nos faltava nesta guerra! Esperavamos mais alguma tropa do Rio para mover-se este grande exercito que aqui encalhou ha um anno. Agora, porem, que o cholera levou tanta gente, não sei quando atacaremos. No meu modo de pensar as cousas não andam boas, creio que os generaes já estão um pouco desanimados.

GALERIA DOS EDITADOS



HAECKEL DE LEMOS,
traductor de *Criminología*



N.º 37

Bordo da "Iguatemy", no Passo da Patria, 17 de Maio de 1867.

Por aqui nada tem havido de novo. Dizem que amanhã o Caxias vae conferenciar rio acima com o Osorio em uma villa chamada Itati a algumas leguas deste lugar. Aqui está ha dias o Almirante e creio que breve principiarão os movimentos.

O cholera vae desapparecendo felizmente.

N.º 38

"Iguatemy" no Passo da Patria, 7 de Junho de 1867.

Desvaneceram-se as esperanças de paz. Por todo este mez, o general Osorio deverá passar para o territorio inimigo com o seu corpo de exercito e então começarão as operações que desta vez devem ser decisivas.

N.º 39

"Iguatemy", no Passo da Patria, 10 de Junho de 1867.

Depois da minha ultima carta, nada tem havido de novo relativamente á guerra — dizem — e nunca acabam de dizer que o ataque decisivo é por todo este mez: pode ser, porém eu duvido. O Osorio ainda não passou para o territorio inimigo, e não sei quando passará.

A unica noticia verdadeira que pode ir daqui é que dia e noite ha balas para cá e balas para lá. Alguem ha de cançar... E' uma brincadeira que não agrada a muita gente de juizo; por isso muitos têm ido tomar ares ao Brazil, affectados desta ou daquella molestia e a maior parte de medo. Sempre é bom esperar a ver como acaba esta comedia.

O cholera já está extinto.

N.º 40

"Iguatemy", no Passo da Patria, 1.º de Julho de 1867.

As operações vão começar: o Caxias com vinte mil homens, deve marchar amanhã ou depois umas oito ou dez leguas pela direita, isto é, pela margem acima até despontar um grande banhado e então, auxiliado por cinco ou seis mil homens do Osorio, que nesse ponto devem passar o Paraná, internar-se-ão afim de atacar o inimigo. No Tuyuty ficam doze mil homens, commandados pelo Porto Alegre. Aqui no Passo da Patria, dois mil, e no Curuzú tambem dois mil, commandados pelo Andréas. Os dez navios encouraçados commandados pelo Almirante vão forçar a passagem do Curupaiti e atacar Humaytá e os navios de madeira, commandados pelo chefe do Estado Maior Elisiario, ficam estendidos desde o Curuzú até o Alto Paraná. O ataque deve ser ao mesmo tempo.

N.º 41

"Iguatemy", no Passo da Patria, 8 de Julho de 1867.

Até agora, eis o que se tem dado: no dia 5, o 2.º corpo retirou-se de Curuzú e veiu acampar no Passo da Patria, devendo marchar para o Tuyuty logo que dahi marche o Caxias. Infelizmente, a retirada deste

corpo fez-se em má occasião. Desde esse dia até hoje tem chovido muito, o que impossibilita qualquer marcha presentemente: este tempo, perdido para nós, não o será para o Lopes. Retirado o 2.º Corpo de Curuzú, desassombrado o Lopes por esse lado, dahi retirará a gente e artilharia e provavelmente collocará mais nas barrancas do Curupaity, por onde a divisão de encouraçados, terá de subir a viva força, encontrando então maiores obstaculos. Não sei se fizeram bem ou mal nisto: o tempo dirá.

N.º 42

"Iguatemy" no Cerrito, 31 de Julho de 1867.

Desde o dia 23 que já não estou no Passo da Patria: fui para a esquadra, por ser preciso este navio para entrar em fogo.

O Caxias seguiu com trinta e tantos homens pela direita nossa, devendo vir atacar os Paraguayos pela retaguarda, entre o Humaytá e Curupaity. Nessa occasião, os dez navios encouraçados commandados pelo Almirante forçarão Curupaity e seguirão para o Humaytá, a impedir que por ahi o Lopes receba soccorros. Quando os encouraçados subirem, os navios de madeira "Iguatemy", "Beberibe", "Magé", "Paranahyba", "Recife" e duas bombardeiras atacarão o Curupaity, como no dia 22 de Setembro do anno passado, isto é, abrigados pelo matto. Hoje pela manhã, houve vivo fogo de artilharia e fuzilaria na direcção do Curupaity: deve ter sido algum grande combate; o fogo não foi muito longe, o que indica que o exercito está perto. Até esta hora nada sei do resultado; o chefe do Estado Maior que veio commigo ficou na Lagoa Pires a saber noticias, talvez saiba alguma cousa. O Mitre chegou a dois dias e marchou a reunir-se ao Caxias: em má hora vem este tratante.

3 de Agosto.

O "Alice" está prompto para sahir e nada me consta do exercito; porém, como elle só tem mantimentos para um ou dois dias, é provavel que hoje ou amanhã dê-nos novas suas. Tudo está prompto á primeira voz.

N.º 43

Bordo da "Iguatemy", no Rio Paraguay, 9 de Agosto de 1867.

No dia 31, o Osorio, chefe da vanguarda, destroçou uma força inimiga nas proximidades de S. Solano, povoação pouco distante de Humaytá e matou-lhes cento e cinco e tantos homens, perdendo nós uns tres ou quatro. Alguns dias depois, o inimigo tomou-nos em caminho uns oitocentos bois que iam para o exercito e — dizem — muitas bestas carregadas de farinha, duas carretas de vendilhões e quatro mulheres do povo.

No dia 4 do corrente soubemos officialmente, por um boletim da esquadra, que na vespera o General Castro, com uma força de tres mil homens de cavallaria, destroçou uma força inimiga de seiscentos homens, perdendo o inimigo, alem de duzentos mortos e trinta feridos, um grande deposito de armamento, duas mil cabeças de gado, mais de oitocentos cavallos, e duas carretas com milho, feijão, etc. O resto dessa força refugiou-se no matto, porem tinha sido cercado e esperava-se que ninguem escapasse. Nós só tivemos alguns feridos. A mesma força nossa cortou o fio electrico que liga o Humaytá com a Assumpção.

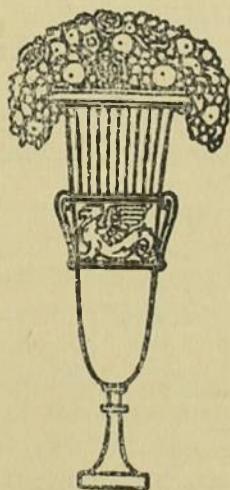
O General Castro é oriental, porém a força que commandava era quasi toda brasileira.

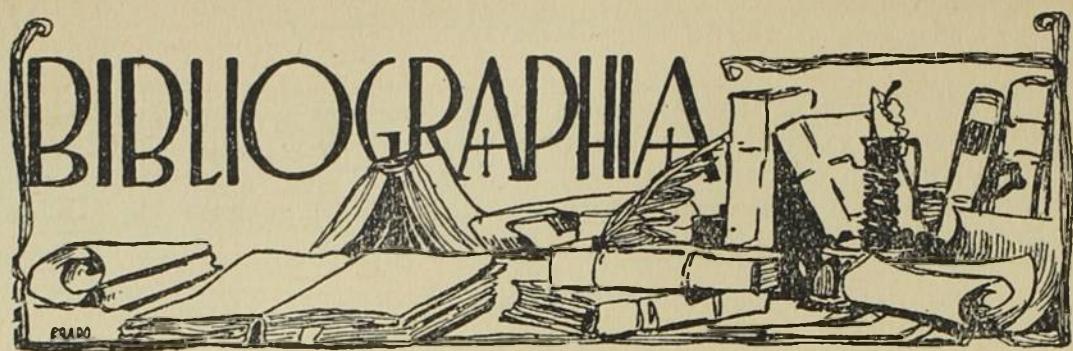
Depois disso tem havido alguma cousa, que para nós tem sido segredo. Os Paraguayos estão fortificados pelo centro desde Tuyuty até Humaytá. O nosso exercito está acampado em S. Solano. O que se espera agora não sei. Diz-se que já veio ordem para os encouraçados subirem até Humaytá e que isso terá lugar no domingo 11 do corrente.

N.º 44

"Iguatemy", no Rio Paraguay, 15 de Agosto de 1867.

Hoje, ás 7 horas e 35 minutos da manhã, os dez encouraçados, debaixo de um chuveiro de balas, forcaram o Curupaity e seguiram para o Humaytá. Deve ter havido avarias, porém ainda nada sabemos. Talvez hoje mesmo, ou amanhã, se estabeleça pelo Chaco a communicação por terra com os encouraçados. Seis navios de madeira, a "Iguatemy", "Ypiranga", "Recife", "Magé", "Beberibe" e "Parnahyba" protegeram a passagem; este navio é o da frente e está fundeado á distancia de quinhentas braças das baterias inimigas, escondido pelo matto.





*TRATADO PRATICO DE PROTHESE E MECHANICA
DENTARIA — J. A. Vieira Salgado — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.*

O sr. Vieira Salgado, lente da Escola de Pharmacia e Odontologia de S. Paulo, reedita o seu magnifico tratado de prothese e mechanica dentaria, tão procurado pelos que se dedicam a esse ramo de cirurgia. Inteiramente ao par dos progressos da sciencia, constitue um dos mais completos, sinão o mais completo que no genero já se publicou em portuguez, o que não admira, por isso que se trata de profissional dos mais autorisados na materia.

Como é bem de ver, não se trata de obra de todo original. Mas, não é tambem compilacão, pois que, dos processos preconisados pelos autores estrangeiros, o autor só acolhe aquelles que o seu largo tirocinio elegeu como os melhores. E, no expor-lhes a technica, não faz praça de erudição, antes, serve-se de linguagem despretenciosa e clara, ao alcance de qualquer inteligencia mediana. Não se deve esquecer, porém, a contribuição pessoal do autor, que aconselha aqui e alli processos de sua invenção, já bastante experimentados pela legião de discípulos que tem feito na escola de S. Paulo.

Quanto á edição, é caprichada, com grande copia de gravuras elucidativas e solidamente encadernada.

*VIRGINDADE ANTI-HYGIENICA — Ercilia Nogueira Cobra
— Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — 1924.*

Raras vezes se depara ao registro bibliographico obra tão curiosa como esta. A começar pela apresentação material e pelo titulo, que despertam attenção ao mais despreoccupado dos leitores, tudo se allia para que se lhe faça a leitura. E a leitura, logo ás primeiras paginas nos convence de que estamos em face de um temperamento originalissimo, de uma escriptora como poucas se encontram em nosso paiz.

Não queremos dizer com isto que se trate de uma estylista. Não. A sra. E. N. C. é estreante e, como tal, se apresenta com falhas que só o tempo ha de banir. O que não ha negar, porém, é que seu trabalho se caracteriza por muita pessoalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua, com uma coragem, que se não encontra nem mesmo nos arraiaes do outro sexo. A unanimidade das mulheres afina sua opinião pela mesma craveira, mas a todas lhes falta animo para romper com os preconceitos e as convenções que atravancam o campo de nossas idéas. Rebella-se a autora contra esse estado de cousas, sem ambages, enumera-nos os mil e um erros da educação feminina, cujas raizes busca na these que lhe dá titulo ao livro.

As senhoras brasileiras devem ler e meditar sobre o que se contem nestas cento e poucas paginas — verdadeiro libello contra o egoismo dos homens.

TERRA PATRUM — França Pereira — Editor: Eugenio Nascimento — Recife — 1924.

No centenario da Confederação do Equador, o sr. França Pereira publica os seus cantos commemorativos. Si não se apresentam irreprehensíveis, de acordo com os rigidos canones da velha escola a que se filia, não ha negar o sentimento patriotico que os ditou. Atravez de todas as paginas se respira uma atmosphera de san brasiliade, que compensa em parte os defeitos apontaveis.

A THEOSOPHIA — Perillo Gomes — Centro D. Vital — Rio.

Para destruir a propaganda da theosophia, que, ao que se diz "está fazendo proselytos", o sr. Perillo Gomes escreveu todo um livro, contra o qual nada ha a apontar. O joven escriptor maneja habilmente a pena, produzindo paginas que não causam engulhos, mesmo em materia tão desinteressante. Bacoreja-nos, porém, que, ao enves de combater o mal, que se lhe apresenta com faces tentadoras para os espiritos fracos, vão contribuir para que mais conhecidas se façam as theorias da russa Blavatsky.

CHEIA DE GRAÇA! — Durval de Moraes — Centro D. Vital — Rio.

O sr. Durval de Moraes, crente sincero, só escreve voltado para o Alto. Suas poesias são todas repassadas de profundo mysticismo, parecendo mesmo ditadas por um asceta. Não obstante, despertam interesse. E' que, em havendo talento, tudo são flores.

ANTOLOGIA AMERICANA — Vol. V — Anecdotario — Alberto Ghiraldo — Ed. Renacimiento — Madrid.

E' o quinto volume da Antologia Americana que o sr. Alberto Ghiraldo organisou para o publico hespanhol. Reune uma serie de paginas de bons escriptores sobre vultos notaveis da America hespanhola, dando-nos a conhecer a intimidade de sua vida, o que favorece enormemente á apprehensão do espirito dominante na epoca em que viveram. Entre outros, apparecem-nos, em relatos curtos e incisivos, como é da essencia da anecdotaria, San Martin, Bolivar, Rosas, Lamadrid, Francia, Artigas, Marti e Urquiza. Assignam-nos Ruben Dario, Zorrilla de San Martin, Ramos Mejia, Ricardo Palma, Mitre, Lastarria e outros.

NOTAS DUM JORNALISTA — Raymundo Moraes — Manáos — 1924.

Modesto e despretencioso, o titulo não diz o que é este livro. Tem-se a impressão de que se vae ler um amontoado de logares-communs no estylo de "factos diversos", que, salvo raras e honrosas excepções, é o estylo dos que diariamente escrevem para os jornaes. No entanto, logo ás primeiras paginas desvanecem-se essas perspectivas. Verifica-se estar-se deante de um escriptor de recursos largos, de uma dessas intelligencias tentaculares, que tudo apprehendem num relance e capazes de discorrer tão bem sobre sciencia como sobre o mais futile dos themas.

O primeiro trabalho — "Ilha que emigra" — lembra-nos um Euclides menos barbáro, mas com a mesma segurança de cientista. É um capítulo admirável, sobre these absolutamente original — a incorporação da ilha de Marajó ao continente. "Caso curioso de dynamica potamologica — dil-o o proprio autor — nemum geographo, nemum hydrographo, nemum geólogo, nemum naturalista emfim, mesmo dos que têm palmilhado a Amazonia, observou esse phenomeno extraordinario de uma ilha que, pela erosão dos ventos, das vagas e das chuvas, num flanco, e o deposito da vasa, a sedimentação no lado opposto, cruzasse a corrente, desaggregando-se desta margem da bacia para se aggregar na outra." Conta-nos o "processus" dessa transformação maravilhosa, só presentida pela sua argucia de observador, mas não se detem em despiciendas minucias. Antes, em espatuladas largas, faz resaltar os recortes mais notaveis da argumentação, que assim instrue agradando.

Só este capítulo bastaria para nos certificar a valia do autor. Os que se lhe seguem — paginas de vario tom, ora de historia, ora de critica, ora de sciencia — medem-se pelo mesmo estalão, o que faz com que o livro se torne de leitura interessantissima.

Resta esperar que o bravo jornalista nos dê para logo obra mais vasta. A cultura de que deu tão brilhante amostra está a exigil-o.

HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE — José Martins — S. Paulo — 1924.

Eis aqui um livro sobremaneira interessante, a nos revelar, num modesto operario, um espirito combativo e uma instrucção além da expectativa. O sr. J. M. só nos lazeres de seu dia-a-dia afanoso se volta para os livros, mas, auto-didacta, se vae lastrando de conhecimentos que lhe dão logar de destaque entre os proletarios militantes. Este primeiro volume que acaba de vir a luz é a prova do que afirmamos. Escripto com certa correção, diz-nos de um ledor, de um esmiuçador infatigavel, capaz dos maiores sacrifícios quando no encalço de elementos que lhe reforcem a argumentação. Ha de ter-lhe custado noites em claro a aquisição do vultoso cabedal de factos que nos exhibe nesse verdadeiro corpo de delicto.

Historiando a origem das riquezas do clero catholico e protestante no mundo, desde aos primeiros seculos da éra christã e, arribado sempre a autores de valor, chega aos primordios do seculo XIX, promettendo-nos para breve o seguimento, dedicado particularmente aos acontecimentos do continente americano nos ultimos cem annos. Embora não nos convença a todos a carga cerrada que faz contra a Egreja, não ha affirmar a inanidade de esforço que tal, maximé na hora presente, em que sopram ríjos os ventos da anarchia.

LOS IDEALES DE MI VIDA — Unamuno — Ed. El Libro Moderno — Buenos Aires.

Sob a direcção de Sánchez - Sáez, um grande amigo do Brasil, acaba de aparecer em Buenos Aires uma publicação quinzenal de literatura — "El Libro Moderno" — que não é mais que um fasciculo de cem paginas em que se contem trabalhos de eminentes escriptores hispano-americanos. Temos sob os olhos o caderno inicial, com admiraveis crónicas de Unamuno, esse grande espirito tão rudemente perseguido pela dictadura militar de sua Patria.

Nada ha a dizer a respeito: é leitura que se faz com interesse e proveito e que prova o acerto do emprehendimento de Sánchez - Sáez.

MICROCO'SMO — Benedicto Salgado — Liceu Coração de Jesus — S. Paulo — 1924.

Volumoso tomo de mais de 250 paginas, em que se encontram cerca de 120 sonetos sobre os mais variados themas. Daremos aqui os titulos de alguns: A aniversariante, A pobrezinha, A virgem, A poetisa, A formosa, A passeante, A princezinha, A heroina, A italiana, A espanhola, A portuguesa, A brasileira...

A MEDICINA E SUA EVOLUÇÃO NA BAHIA — Dr. Gonçalo Moniz — Imprensa Official — Bahia — 1923.

No numero especial com que o *Diario Official* da Bahia commemorou, em 2 de julho de 1923, o centenario da adhesão daquella província ao movimento da independencia nacional o dr. Gonçalo Moniz fez publicar um historico da evolução da medicina em nosso paiz, o qual nos foi dado ler agora em folheto de mais de cem paginas.

A monographia interessa, pois nos põe ao corrente de particularidades historicas que em geral não figuram nos tratados e que de facto só têm logar em trabalhos especializados como este.

Após considerações preliminares, occupa-se da medicina nos tempos coloniaes, de que nos dá curiosa noticia, passando depois a tratar da fundação do ensino medico no Brasil e seu desenvolvimento na Bahia até nossos dias, concluindo por enumerar os vultos mais notaveis da medicina naquelle estado e a respectiva bibliographia.

AS FERIAS NO PONTAL — Rodolpho v. Ihering — Typographia Brasão — S. Paulo — 1924.

O sr. R. I., naturalista de grande merito, reuniu neste livro uma serie de ensinamentos scientificos que, para serem entendiveis de creanças, se vasam em forma de romance. A directoria da instrucção publica de S. Paulo approvou-o para adopção nas escolas, onde poderá prestar bons serviços. Os mestres, principalmente, encontrarão nelle materia para aulas interessantes.

RECEBEMOS MAIS:

Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro — Mensario — (Quinta da Boa Vista) — Rio.

Sciencia Medica — Mensario — (Rua Sachet, 8) — Rio.

Boletim del Ministerio de Relaciones Exteriores — Republica do Salvador.

Sirio — Mensario de literatura — Paysandú — Uruguay.

El Mundo Azucarero — Mensario — Nova Orleans — E. U. da America.

Revista Bimestral Cubana — Habana — Cuba — Orgam da Sociedade Economica de Amigos del País.

Voses de Petropolis — Quinzenal — Petropolis.

Pegaso — Mensario — Montevideo.

Rodó — Trimestral — Santiago do Chile (caixa 6019).

Revista Brasileira de Engenharia — Mensario — (Rua 7 de Setembro, 191) Rio.

La Grande Revue — Mensario (Rue de Constantinople, 37) Paris.

- Era Nova* — Bi-mensario — Parahyba.
- Revista do Ensino* — (Campo dos Martyres, 2) — Bahia.
- Boletim de servicios de la Asociacion del Trabajo* — Quinzenal-Buenos Aires (Florida 524).
- Revista Juridica y de Ciencias Sociales* — Orgam do Centro de Estudantes de Direito — Buenos Aires — (Perú, 161).
- Nosotros* — Mensario — Buenos Aires — (Libertad 543).
- Revista de Filosofia* — Bimestral — Buenos Aires — (Calle Viamonte, 776).
- Humanidades* — Orgam da Universidade de La Plata — Argentina.
- Revista Del Impuesto Unico* — Buenos Aires — (Esmeralda, 91).
- Nuevos Rumbos* — Quinzenal — Buenos Aires (Victoria, 571).
- Mercure de France* — Quinzenal — Paris (Rue de Condé, 26).
- La Revue Mondiale* — Mensal — Paris (Rue Jacob, 45).
- The Inland Printer* — Chicago (Sherman Street, 632).
- Revista do Centro Matogrossense de Letras* — Semestral — Cuyabá.
- Estudos Juridicos* — Mensario — Santos.
- Rassegna Nazionale* — Mensario — Roma (Via Ripetta, 102).
- Inter-America* — Mensario — Nova York — (407 West 117th Street).
- Mortinatalidade e avaria, Bacteriologia e tratamento da coqueluche* — Dr. Moncorvo Filho — Departamento da Criança do Brasil — Rio.
- Estatutos do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia* — Rio.
- Obras de preservação escolar* — Dr. Almir Madeira — Departamento da Criança no Brasil.
- Relatorio do Departamento da Criança no Brasil* — Rio.
- Le vie d'Italia e dell'America Latina* — Mensario do Touring Club Italiano — Milão (Corso Italia, 10).
- Cultura* — Semanario — Manzanillo — Cuba (P. Figueredo, 15).
- Boletino Ufficiale* — Camara Italiana de Commercio de S. Paulo — (Rua S. Bento, 79).
- Rivista del Commercio Italo-Brasiliense* — Genova — (Via XX Settembre, 5).
- Revue de l'Amerique Latine* — Mensario — (Rue Scribe, 2) Paris.
- Latin-American Trade* — Mensario — (Belford Street, 34) — Londres.

RESENHA DO. MEZ



MELLO MORAES FILHO

Em principios deste mez transcorreu o quinto anniversario da morte de Mello Moraes Filho, e eu proprio me surprehendo do amargor desta vida que mesmo aos mais dedicados vae enleando, prendendo e desorientando até das riquezas mais amadas, como, por exemplo, sempre foram para mim certas saudades...

Mas como a castigar-me o esquecimento em que deixei passar a data dolorosa, veio o acaso — "incognito da Providencia" — lançar-me sob os olhos, mais uma vez, uma dessas apressadas e preciosas paginas de critica em que só apparece o nome do velho poeta bahiano como um epígonos, um mesquinho imitador de Castro Alves.

Homens de talento e responsabilidade literaria como Ronald de Carvalho incorreram já nesta grave injustiça e não é a primeira vez que saio a campo a defender a obra do saudoso e querido amigo. Aqui estou de novo a suspender a luta... e creio que se não dirá, por fim, que argumento só com os dados da amizade.

O estudo que fiz da obra dos dois poetas supponho eu que é mesmo a base da convicção em que repousa o que escrevo, e o que, as mais das vezes, tem faltado aos meus contradictores.

Penso que Castro Alves é tão grande, no domínio da nossa poesia, que ainda pudera ser grande um poeta nosso que unicamente o imitasse. Tal não se deu, porém, com Mello Moraes. O sentimento geral da nação, que se agitava numa luta

de ideias como jámais se viu repetir-sé, entre nós, fez com que os dois nortistas tivessem, como, aliás, teve Tobias Barreto e tiveram outros, algumas cordas irmãs nas lyras de ouro.

Um exame imparcial da evolução poetica de ambos, mostraria, porém, sem muito custo, a diversidade essencial das suas poesias.

Foi Castro Alves, mesmo no lyrismo, um epico ou, pelo menos, uma vibração de alma tão apaixonada e tão alta que entusiasma sempre, arrebata, transfigura quem o lê, mas poucas vezes, muito poucas vezes terá tido o condão de commover, "docemente", de falar ás forças humildes mas tambem santas do coração. Até a sua paixão amorosa raro poderia achar éco na alma da maioria absoluta dos seus leitores. Estes a admiram no seu voluptuoso desregramento, na sua indomavel audacia, na sua profunda sinceridade, mas admiram só, porque a beleza é sempre admiravel, e ali abre e move as azas assombradoras uma grande e tragica belleza. Não na podem sentir, todavia, aquella paixão que é de poeta somente, de um homem que se sentia predestinado, que trazia escripto a fogo no coração o destino dos heroes da paixão... E' ás vezes um descriptivo, mas quando descreve parece fazel-o tambem com o fogo vivo de uma palheta sobrenatural, e até a sua melancolia tem qualquer cousa de dantesco, de soberanamente esmagador. Castro Alves foi um mundo, de brilho incomparavel, a rolar pelo fir-

mamento da nossa alma collectiva, mas como um "eu", um ser que era elle só, para elle só, amando-se, adorando-se, arrojando-se, acceso de glorias e de dores, ao abysmo da morte prematura. Sim, elle foi o poeta dos Escravos, cantou o tremendo soffrimento, lançou-se como o raio contra a monstruosa injustiça de que era victimá uma raça, mas ainda fez tudo isto como o "condottieri" victorioso, raro desceu o olhar até a scena humilde, onde, de facto, se desenrolava aquelle drama. Por isso não viu talvez o mais doloroso porque o mais humilde, nem conheceu a belleza mais pura que se elevava no meio daquelle vasto pantanal. Tudo o mais que não é assim, elevado mas pessoalissimo, na poesia de Castro Alves são notas esparsas, sem valor no conjunto, nem perturba a harmonia da sua obra.

Quão longe está Mello Moraes Filho do arrebatado dramatisador do "Navio Negreiro"!

Como já observou Xavier Marques, a obra de Mello Moraes Filho foi das mais objectivas da nossa poesia, até ao tempo em que surgiu. Já fiz notar, por minha vez, que o romantismo mais subjectivo palpitava entretanto no fundo daquelle apparente objectividade, tanto, em verdade, foi Mello Moraes tambem um desordenado, um apaixonado nos annos da sua mocidade. Aquella tendencia, porém, para o objectivismo era um natural correctivo á desordem interior e é força reconhecer que Mello Moraes Filho buscou sempre impressionar mais como pintor que, propriamente, como pamphletario ou analysista. Que a sua pintura tinha as tintas do amor, não resta duvida, e era desta maneira que elle queria tocar o coração de quem a via, em favor dos desgraçados que se fizera advogado. O seu processo foi assim, de modo geral, como poeta da escravidão, contrario ao de Castro Alves, levando sobre este a vantagem de não ser só um libelista contra a escravidão, mas tambem um apologista da raça, ou melhor, das raças, que mais sofreram na formação na nossa nacionalidade. Pintava nas suas festas, nos seus folguedos, nos seus ritos, mostra-as resignadas, bondosas, carinhosas, dominadoras da præpria misera situação, pelo dom interior

da poesia, pela ingenua fé de que se animavam.

Quando Castro Alves faz esta mesma poesia, fal-o incidentemente, ao passo que ha, visivel, em Mello Moraes Filho, o proposito de desenvolvê-la em todos os sentidos. Pode-se dizer mesmo que elle foi o defensor das raças opprimidas, por ter sido dos que melhor revelaram dellas a graça, a bondade, a simplicidade chris-tã, a capacidade heroica de trabalho e soffrimento. A sua poesia, dado o fim a que se propunha, não podia deixar de descrever as scenas salvagens da escravidão, sangrentos episodios daquelle triste historia, mas é este, justamente, o lado menos original da sua obra. Nesta, repito, o que ha de proprio, e não fica a dever a Castro Alves nem a nenhum outro dos nossos maiores poetas, é a feição picturcosa, é, realmente, o que elle consegue reviver da vida quotidiana, das horas vulgares do povo soffredor mas resistente. E não só agora se expressa um tal juizo critico a respeito da obra de Melio Moraes, mostrando o que caracteristicamente o differencia de Castro Alves. A sahir a 2.^a edição dos "Poemas da escravidão" quem, competentemente, criticava pelas columnas da "Revista Brasileira", assim já se exprimia: "O fim do Dr. Mello Moraes Filho, compondo esses versos naturaes, que muitos já sabem de cór e a outros têm servido de modelo para cantos da mesma natureza, não é incitar o escravo á insurreição, tornal-o algoz do senhor, fazel-o conspirador, criminoso, assassino. As harmonias da lyra do Dr. Mello Moraes Filho não são écos de uma tuba de guerra. Elle não prega a desordem nas fazendas, a emboscada nos caminhos, o conciliabulo no eito, o veneno e o incendio no lar, o assassinio no lar e nas ruas. O poeta só tem um fim — tornar odiosa a escravidão, despertando a compaixão pelo escravo; e elle desperta aquella, descrevendo a triste condição deste em versos de variado metro, que parece medirem-se pela variedade dos padecimentos do captivo". E depois de notar que em "Partida de escravos", "Ama de leite", "A feiticeira", "Os Filhos", "A Familia", "Verba testamentaria", "Escravo fugido", se reconhece "a vida do escravo no Brasil, cuidadosamen-

te observada e habilmente descripta' accrescentava:

"O Sr. Dr. Mello Moraes Filho inicia uma escola, abre um caminho, mostra um rumo que pode ser seguido pelos novos poetas".

Assim já então se havia claramente distinguido o que havia de proprio, de original na obra de Mello Moraes Filho.

E Sylvio Romero, de quem Xavier Marques, no já citado estudo, endossa a opinião, ainda mais claramente deixou resolvida esta questão: "Mello Moraes Filho — diz elle — seguiu por outra vereda e por vereda tal que, por este lado, não se parece com um só dos poetas brasileiros, sobrepujando a todos. Mello Moraes não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases a gosto de Castro Alves: sua maneira é outra; elle colloca-se no meio do facto da escravidão, mete-se entre os captivos e os senhores, assiste o viver daquelle mundo especial das "Fazendas" e diz sem grandes adornos as cruezas que viu. São pequenos quadros, pequenos esboços pelo: quaeas circula a verdade, a sinceridade".

Não me parece mais justo o juizo dos que querem ver em poesias como "Tarde tropical" e outras do mesmo genero dos "Cantos do Equador" a já desmentida imitação de Castro Alves, pelo menos, quanto aos "Poemas da escravidão". Ouvi do proprio Mello Moraes Filho que não conhecia a "Tarde" de Castro Alves quando escreveu a sua "Tarde tropical". Não é preciso pedir a ninguem que confie na palavra de Mello Moraes. Basta que se compare as duas poesias e ver-se-á que, se ha entre elles muita semelhança de forma e de ritmo, ha na de Mello Moraes mais sentimento religioso, mais sentimento brasileiro, e até mais vigor poetico.

*
* *

Foi a poesia companheira de Mello Moraes Filho até os seus ultimos dias de vida.

A bondade de que o poeta tinha cheio o coração dava a este, como disse, tanta força de bem querer, tanta capacidade de sympathia que os que lhe ficavam proximos tinham a illusão de que a mocidade ali ficara, milagrosamente, animando, amparando o espirito daquelle tropego ve-

lho... Mas a verdade é que já lhe minava o surto poetico, ou se despira de galas com o depurarem-se-lhe as paixões, estancarem-se-lhe as fontes do entusiasmo. O mundo vivo era para elle um pequenino círculo de criaturas que o amavam. O seu mundo, aquelle por que vibrara, aquelle que encarnara, já morrera.

Para que me reserva Deus? — não era esta uma pergunta sua predilecta, que tantas vezes me fez? O seu ultimo grande entusiasmo foi talvez o da festa que lhe fizeram em S. Paulo. Tudo o mais, e assim foi desde a morte da sua adorada esposa, D. Joaquina de Mello Moraes, foram sofrimentos e dores, bons ou máos, mas sempre a mesma amargura sob foras diversas.

A vida era-lhe um peso. Lembro-me bem como o impressionaram dois versos de Garcia Rosa, citados no pequenino estudo que publiquei sobre a obra, até hoje quasi toda inedita deste nobre poeta de minha terra. Elle proprio, que já raramente decorava, m'os recitou:

"Para a turva consciencia emocional do
[triste
Toda a noção do real se lhe restringe á
[dôr."

E sublinhou-se com um daquelles seus tristes sorrisos, que só confiava aos mais intimos.

"Altar encerrado" foi mesmo o nome que deu á homenagem que a sua mal ferida lyra ainda prestou á memoria da inesquecivel companheira. Neste livrinho tudo é tristeza, tudo é saudade, tudo é pranto, e tudo se exprime de modo tão simples como se para sempre se houvesse ausentado do seu espirito qualquer velleidade litteraria. O seu verso tomou então a sua muito amada forma popular, a trova, isenta de todo o rigor de rima, mas tão viva como se cada uma dellas fosse uma lagrima, uma quente lagrima...

Aquelle que sobrevive
A' sua propria ventura,
E' um morto que caminha
Sem encontrar sepultura.

Por morte de velhos donos
Vemos casas tão sentidas,
Como se fossem viuvas
De eterno luto vestidas.

Sua eterna mocidade
Canta o riacho a correr
E eu vou carpindo os meus males,
Sem acabar de morrer.

Nos climas frios da morte
Se estancam dôres e ais,
A prova é que lá existem
Os que não existem mais.

Quando por tudo no mundo
Nos vae n'alma a indifferença
Pouco nos resta da vida
Para acabar a sentença.

Depois que baixaste á campa
De dôr me senti morrer!
Mortos existem que vivem,
Porque precisam viver...

Da vida quando o interesse
Nos morre ou pouco nos resta
O homem vive da vida
Que a dôr da vida lhe empresta.

Estas gotas de pranto foram as ultimas da sua poesia. Não foram poucas, foram muitas até mas quasi todas assim, reflectindo o luto em que se amortalhára o seu combalido espirito. De algumas que ajuntei e de outras que mão piedosa me ha confiado ainda aqui citarei estas, que dizem mais vivamente da ultima phase de sua vida:

Pelo declinio da vida
Aos poucos a noite cresce.
E quando a treva é completa,
A patria nos desconhece.

E' sempre através do pranto
Que a ti minh'alma transportas

Oh! minha estrella perdida
No céo das estrellas mortas!

Quando a moldura dos tempos
E' acanhada de mais,
Figuras nullas, pequenas,
Tomam formas colossas.

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes
Males que a vida não cura.

Depois que os sonhos se foram,
As illusões, as venturas,
Não sei que fazem no mundo
Umas tantas criaturas.

*
* *

O velho Mello Moraes Filho, o poeta que, mais que outro qualquer, aspirou sempre ser nacional, da sua patria, do seu meio, não pode ficar esquecido, e muito menos caricaturado na má vontade de alguns apressados mentores de fancaria.

O Brasil que cada vez mais se affirma, autonomo, e quer que em todos os seus filhos o sentimento da nacionalidade se faça força de consciencia, razão de todo esforço, deve glorificar o cantor a nossa gente humilde, o poeta nacionalista por excellencia.

Jackson de Figueiredo

("Gazeta de Notícias", Rio)

DOUTORES E FUNCIONARIOS

E' vez o nosso clamar contra doutores e funcionarios, casta de homens que arca, philosophicamente, como beduino em deserto, com toda a responsabilidade dos males nacionaes. Esbravejem anathemas os "homens praticos" de pena em riste. Logares communs que taes não pedem nada com uma revisão summaria, que, de quando em quando, de sob a verdade grossa e pesada, permitta que reponte uma pouca das mentiras do recheio. Não vamos a vida inteira a repetir chavões. Reflictamos um bocada

Antes de tudo, em paiz de analphabetos, e de nenhuma organização, será mesmo uma praga essa de doutores e funcionarios? E sel-o-a de per si, substancialmente, ou apenas á falta de compensação por elementos que tambem dêm na vista?

A primeira hypothese não subsiste. O bacharelismo representa o nosso fundo de cultura e o unico. Combatel-o equivale a professar no credo obscurantista. O nosso caso não é o de excesso de bachareis de toda especie. Será, talvez, o de carencia de officiaes do officio.

A evidencia daquelles, ademais, resulta da humildade destes, em oposição á empafia dos primeiros. Não constituem minoria, em relação aos doutores, os brasileiros que se empregam no trabalho material. São antes a enorme maioria da população, a massa inerte, a junta de coice deste velho carro.

O nosso mal não é o bacharelismo: é a ignorancia. O mau cidadão não é o doutor nem o funcionario. E' o não educado, sem meios de acção, sem espirito de iniciativa, sem desejo de aperfeiçoamento. E' o ignorante desambicioso.

Não queiramos, agora que o absurdo fragorosamente ruiu, restaurar, ampliada sob os mais largos moldes, a famosa campanha dos "não preparados". E' idéa que passou. Visava a politica e a alta administração, sómente, e os seus efeitos, bem caro os pagámos. Hoje, não é tão restricto o campo visado. E' a totalidade da população que se quer "não educada". E' o imperio da ignorancia que se nos impinge.

Sob os pejorativos de "bacharel" e de "doutor", invertidos dos titulos com que, legitima ou illegitimamente, se engalanam os profissionaes que se illustraram um pouco em uma escola, o que se combate não é a vaidade nem a orientação errada dos estudos e das profissões. Visa-se o proprio estudo, a propria profissão. Pretende-se... o reino da estupidez.

Que mal ha na vaidade dos "doutores"? A vaidade é uma força que se não despreza. E' um attributo humano, aproveitabilissimo. As sociedades intelligentes exploram-na; não a combatem. Cumpremos, não guerreal-a, mas adaptal-a a fins uteis. As tendencias sociaes mais facilmente se reencaminham do que se paralysam.

O contrario é ater-se a gente ás exterioridades, é disputar sobre palavras, é incidir no mesmo erro, que se condemna. Intitular-se alguém doutor ou combatel-o alguém por isso, equivalem-se como ações: é arrancar Deus do altar e substituir-lhe o demô...

O doutor e o funcionario deixam de o ser, muitas vezes, e se fazem, então, centros de energia realisadora. Representam o estado transitorio, a contingencia momentanea do individuo. Pobre e pejado, quer-se fazer e precisa — ala-

vanca futura — de um ponto de apoio, fragil e relativo que seja. Paiz pobre, de empobrecida e falha aristocracia, bem haja o bacharelismo que o salva!

O immigrante operoso, de mão leve e habil, de intelligencia prompta e maleável, que não se faz "doutor" e se enriquece — estão a nos mostrar para exemplo. Não se esqueça, porém, que o colono é outra casta de gente, que não podemos imitar. O natural da terra, com fundamento ou sem elle, tem a função aristocratica. O immigrante funciona, em geral, como a plebe. Eis tudo. E vá alguém, confiado na democracia das instituições politicas, que não sociaes, confundir as coisas e baralhar papeis.

O "yankee" esperto, habil, cupido — outro exemplo a seguir, mas outra raça, muito diversa, a não imitar cegamente...

Todo preconceito é respeitavel — temos a coragem de dizer. E' a expressão do instincto collectivo. E' a voz das gerações que fala em nós. E' a experiência dos antepassados. E' a intuição das sociedades.

O nosso "doutor" é um preconceito arraigado. Combatel-o é um preconceito que se vae formando. Não havendo vantagem neste, como estamos vendo, fiquemo-nos com o outro, que é mais velho, mais util e mais amavel. Não se lhe tocará na pompa exterior. Não se lhe tirará o anel, accrescentar-se-lhe-á antes uma pedra... Ao funcionario não se lhe arrancará o emprego: far-se-á, de preferencia, productivo. Precisamos ainda de muitos e muitos outros funcionários uteis.

Até aqui, o caso brasileiro, posto em termos oppostos ao logar commum, que um ou outro bacharelissimo imitador de estranhas gentes vae inveterando em nosso espirito desprevenido.

O caso paulista, não o confundamos com o caso brasileiro. Particularizemos em vez de generalizar. Se a "praga" de funcionários e doutores assola o Brasil, não atinge S. Paulo.

O paulista exceptua nesse, como em outros casos. A pretendida tendencia nacional falha aqui. Peccamos pelo excesso contrario. Existem poucos doutores paulistas e pouquissimos funcionários. Familias inteiras ha, entre nós, que contam um ou outro bacharel e, de raro em raro, um medico ou um engenheiro. O bacharel e o

medico, em grande proporção, eram, até pouco, de outros Estados.

Diametralmente opposta é a nossa tendência historica. Somos os realisadores, não os estudiosos. Em tempos coloniaes, após as bandeiras, o moço pobre paulista se fazia tropeiro. Em época mais proxima, avançava para o sertão e formava lavoura. Este feitio nos ficou, até os dias mais recentes. Em vez de cursar academias, montar fazenda. Em lugar de criar repartições, fundar estradas de ferro. E' o nosso caracteristico. Todas as nossas industrias, hoje em parte em mãos de estrangeiros, foram iniciadas por paulistas.

Em nossos dias, derrocados os ultimos vestigios da organisação nacional — café a preço reles, cambio rastante, vida cara, concorrente estrangeiro amparado pelo proteccionismo — ainda assim foram os homens feitos, inadaptados aos novos tempos, os que procuraram a burocracia. Os moços, esses em regra entraram em funções de franca actividade. Houve uma época em que a engenharia foi o ideal de toda a gente. Mais modestos, outros se fizeram mestre-escolas; foi uma obsessão collectiva, de que só bens resultaram. Hoje, a obsessão é a escola de commercio. As normaes estão ás moscas, reduzidas praticamente ás secções femininas. Não ha moço paulista que se contente com a aspiração de uma cadeira publica. Os professores deixam as escolas e se entregam a outros misteres: fazem-se comerciantes e fazendeiros.

Os nossos medicos e advogados — é observação corrente — caracterisam-se pela feição pratica de seus estudos. Tudo o que não tem applicação immediata passa para a segunda plana. As sciencias medicas, para bem nosso, não são entre nós sciencias especulativas, mas artes uteis á populaçao, sciencias eminentemente applicadas.

Em S. Paulo, é inadvertencia, é absurdo, é contrasenso clamar contra "doutores" e "funcionarios". E', exactamente, o de que necessitamos para nosso equilibrio, sob pena de nos fazermos, em definitiva, os carthaginezes do Brasil: — de doutores, exclusivamente votados ao estudo e ás idéas; de funcionários, muitos funcionários, absolutamente votados ás suas funções.

Ha no Estado muito que organizar: — todo um apparelhamento technico, de

cuja necessidade factos alarmantes, dia a dia, nos convencem. Funcionarios technicos, São Paulo não precisa de mais nada.

Eis porque nos surprehende que se accuse a unica Escola Agricola, verdadeiramente apparelhada do Brasil, de só formar "doutores", "candidatos a funcionários". Ella não faz mais que preencher o seu papel, educando technicos para a nossa imprescindivel organisação agricola. Mais surprehendente ainda é a accusação, no exacto momento em que os technicos estrangeiros dão de si, com honrosas excepções, as mais lamentaveis provas de incapacidade, de desidia, de deslealdade mesmo. Não ha duvida que, se os poucos agronomos paulistas que possuimos em varias especialidades, ocupassem os devidos lugares na administração do Estado, não estariamos agora a braços com duas terríveis pragas, visivelmente importadas para dar cabo da nossa agricultura: — a lagarta, para o algodão; o "sephanoderes" para o café. E condena-se uma escola porque produz os profissionaes brasileiros que devem ocupar esses postos!

Confundir a idéa de funcionario com a noção de technico é um erro lamentavel. Este, em função publica, é o mais util dos homens. Confundir o agronomo com o administrador de fazendas não é menos lastimavel. Aquelle representa o homem educado, em termos geraes, que se vae especialisar em umas das technicas, que, em paiz como o nosso, só os governos podem fomentar.

A nossa lavoura não se acha em condições de desenvolver actividades que promovam a formação natural dos especialistas. Morre de fome o entomologista ou phytopathologista a que o governo não assistir. Melhor sorte não aguarda o chimico agricola que não tiver emprego publico. O proprio zootechnista não subsiste entre nós senão em seu feitio charlatanescos de veterinario, tal como o conhecemos na roça.

Ao governo, além da preparação do pessoal apto, cumpre a missão educadora do meio, no sentido do aproveitamento das aptidões. Preparar technicos, remunerar-los, incentivar-los, tudo são phases do mesmo papel que lhe compete.

Nem é só. Se quizermos possuir especialistas em tal numero que elles se encaminhem directamente para a laboura, será preciso criar-lhes tantos e tamanhos incentivos — fóra do alcance da iniciativa privada — que um dia, com a "superprodução" das escolas, naturalmente elles se encaminhem para a pratica, encontrando então preparado o meio em que terão de viver.

Só assim se comprehende, se não quizermos esperar cincuenta ou cem annos, o problema do apparelhamento technico da agricultura em S. Paulo. A lutar contra as tendencias do meio, é preferivel reencaminhal-as. O reduzido numero de alumnos da Escola Agricola de Piracicaba é um aviso em tempo. Não significa tanto a mudança do sentimento publico, mas a da orientação dos governos que se desinteressaram do progresso agricola. Emquan-

to o ambiente das idéas que orientam a opinião lhe foi favoravel, o que se via era o geral entusiasmo dos moços. Rarefeito o ambiente, é o que se vê.

Se todos os governos, mesmo os municipaes, não se empenharem por conseguil-o, nunca melhoraremos as condições tecnicas das nossas actividades. Facil, entretanto, é conseguil-o. Cada municipio estabeleça, como premio ao melhor alumno pobre do seu grupo escolar, uma verba para estudo nessa tão bem appellidada Academia de Sciencias Naturaes, a Escola Agricola "Luiz de Queiroz". Formado, proporcione-lhe um campo de experiencias, de cujos lucros participe.

E elle, utilissimo "doutor", utilissimo funcionario ha de ser.

Brenno Ferraz

O ANIMADOR DE SONHOS

"Fra le tante definizioni io prediligo quella data dai teosofi: "I Futuristi sono i mistici dell'azio-ne." Infatti i Futuristi hanno combattuto e combattono il passatismo sedentario sotto tutte le forme: prudenza diplomatica, logica pessimista, neutralismo, tradizionalismo..."

F. T. Marinetti, "Futurismo e Fascismo".

O meu amigo Graça Aranha vai falar brevemente na Academia de Letras, a respeito da arte moderna. Esse espirito vibrador de harmonias eternas que surdinam na atmosphera da nossa mentalidade os symbolos geradores de novas fórmas de pensamento, é actualmente na literatura brasileira a culminancia mais desvendadora dos panoramas dyonisiacos onde florescem as idéas fecundas da genesis esthetica da alma nacional. A sua voz germinadora de propheta da nossa emancipação mental dos velhos moldes, onde se prendiam as ansias renovadoras do espirito brasileiro, soará monumentalmente no recinto acaanhado daquella casa de mortos, como um canto de redempção da mocidade que procura se libertar das prisões tenebrosas da grammatica portugueza, para os remigios

altos das grandes contemplações. Elle, que tem sido em nosso meio intellectual o "animador" espiritual dos moços generosos que se agitam em torno da lampada de ouro da suprema perfeição, saberá mais uma vez crear diante dos nossos olhos maravilhados o scenario imponente de uma perspectiva esthetica pela qual transitarão os sonhos da mocidade. Essa creatura, cujo cerebro espuma na effervescencia eterna das idéas, caminhou audaciosamente até os abyssos insondáveis da alma humana, para de lá arrancar a aurora deslumbrante do pensamento moderno que afugenta as aves nocturnas da imbecibilidade academica.

Eu sei que muita gente, ao ler estas palavras brotadas na sinceridade do meu coração, terá um sorrisinho amarelo de despeito que expremerá toda a inveja impotente dos infelizes que não podem alcançar as altitudes imponderaveis da Belleza. Ouço já, o remoque lamacento dos sapos conservadores que só podem sahir do charco onde vivem no bojo de algum violão distraido. Esses não comprehendem o pensamento luminoso de Graça Aranha, porque a natureza os fez escravos da lama. Vivem das mediocridades, sem expressão no quadro forte da vida. São os "meios-termos" das cousas que não se alcandoram. Arrastam-se na

poeira sordida do logar commum, sem forças para se despregarem do solo chato do mimetismo literario, adquirido no rastejamento diario das opiniões posadas pela estupidez enfatuada dos conselheiros cheios de empafia do estylo carcomido do quinhentismo. Riem-se de nós, pobres debeis mentaes, na fraqueza consciente dos que não possuem no cerebro a lampada maravilhosa de Aladin. Anemicos, sem o vigor do sangue germinador da coragem, cochicham na impotencia das suas vozes de aphonicos moraes toda a perfidia escura das suas almas pequeninas, orphãs das luzes reveladoras do bello. Não comprehendem, pobres liliputianos das idéas, a grandeza astronomica dos gigantes que não sentem e nem escutam os murmúrios apagados de uma enxameante multidão de moscas que turbilhona e some ao sopro poderoso de uma respiração de Golias.

Tenho a noção perfeita da inferioridade dessa gente que se alimenta dos detrictos literarios da Academia, o templo escuso da burrice zurradora da população carioca. Ela se espanta e foge num tropel assustado de alimarias sensatas, quando ouve o ruido do pensamento moderno. Apreciam o socego dos pastos tranquillos, onde germina o capim gorduroso da prosa medida dos insípidos escriptores portuguezes. Gostam de pastar Camillo, Fialho, Herculano e outras grammíneas da pobreza mental da literatura portuguesa.

Vamos com tudo isso andando para frente, certos de que a victoria nos protege com as suas asas de condor. Estamos dispostos a fazer uma fogueira da literatura portuguesa para nela assarmos as batatas da horta literaria do Sr. Afranio Peixoto, esse frasco de Coty cheio de mellado viscoso de um estylo que tem cheiro de rapadura misturada com bacalhão. Chega de Eça de Queiroz, com os seus Jacynthos, João da Ega, Accacios, Carlos da Maia, Joaninhas, Primos Basílios e outros estafermos de uma prosa que tem desvirilizado a nossa mentalidade, que não veio ao mundo para se lambusar nas papas gordas de uma linguagem minhota. Acabemos de uma vez por todas com esse prosaico Fialho d'Almeida, que vive arrotando os seus succulentos jantares de labrego na cara aparvalhada dos nossos escriptores que timbram em copiar o seu estylo de jogador

de pão. Liquidemos definitivamente com o poeta Camões, cujos tamancos poeticos têm escalavrado o céo, a ponto de S. Pedro condemnal-o a andar descalço. Esse pessoal está infecionando o estylo brasileiro, que não precisa de saber portuguez para o polimento das idéas. Não é na literatura portugueza, tão vasia de suggestões artisticas, onde iremos encontrar incentivos para o nosso pensamento. Aquillo não presta, é só bagaço cerebral de uns carregadores de phrases massudas, que não têm leveza nem agilidade. Que cousa horrivel essa mania de ler uma gente pesada, vasia de idéas e de pensamentos!

Combatendo toda essa cebolada literaria, numa occasião em que se nos apresenta propicia uma ensancha para nos livrarmos do peso do estylo lusitano. Usemos a nossa prosodia, que tem a frescura das nossas nascentes e a alegria da nossa flora. Escrevamos brasileiro, sem nos preocuparmos com a grammatica portuguez, que só serve para atrapalhar o frescor e a pureza do pensamento tropical. E, depois, já não falamos mais portuguez. Ha, actualmente, uma grande diferença entre os dois idiomas. Escrevemos na ordem directa, sem a mania dos retorcimentos acrobaticos da phrase que procura alcançar o verbo que ficou lá em cima, esquecido do resto da oração. Para se ver a diferença que ha entre o portuguez e o brasileiro, não é necessario ser um grande grammatico, um Oiticica, afinal; basta reparar que não collocamos os pronomes quando conversamos, na situação esquerda em que elles são collocados pelos escriptores portuguezes. O "me dá", o "me deixa ver", demonstram claramente o divorcio das duas syntaxes. Quando pedimos um copo dagua, dizemos "me dá um copo dagua", não copiando a maneira de falar portuguez, que diz: "dá-me um copo com agua". Se formos para o terreno da pronuncia, então, a cousa ainda melhora para o nosso lado. Um portuguez não pronuncia pe-lo-tão com todas as syllabas, transforma a cousa para "plutão". Não vale a pena continuar, pois os exemplos são infindaveis.

Isto prova a grande diferença que existe hoje em dia entre os dois idiomas, digo dois idiomas, porque, de facto, o brasileiro já é uma lingua comple-

tamente independente da lingua portuguesa. Eu, por exemplo, orgulho-me de escrever brasileiro. Tenho horror, pavor dos classicos. Quando topo com um vocabulo daqueles que fazia Camões estalar a lingua quando o encontrava, fujo, azulo como um louco. Deus me livre de tais aventesmas, como diria o Fernão Mendes Pinto.

E' por essa razão que estou contentissimo em saber que Graça Aranha vai, mais uma vez, enfrentar os nossos inimigos, com o intento apostolico de esclarecer-los. Elle, que tem da Belleza uma noção alegre de jogador olympico das idéas, vai tentar illuminar as escuridões academicas com a sua palavra radiosa de fervente athleta da palavra.

Poucos, muito poucos, comprehendem entre nós as idéas creadoras desse mystico da acção, desse homem que fez do "Malaizarte" o symbolo luminoso da nossa nacionalidade. Num relampago, elle viu que a nossa felicidade estava na alegria, nessa alegria que desvenda a perfeição e que a canta em phrases de ouro.

Elle é o unico escriptor que tem mysterio, e do seu mysterio nascerá toda a grandeza do pensamento novo de um Brasil resuscitado pela força do riso dos vitoriosos.

O Futuro é nosso. Venceremos a batalha!

Paulo Silveira.

(*"Gazeta de Notícias"*, Rio)

60

"Já não é pois, sem tempo, que devemos reagir contra a onda invasora da meia cultura de uma geração avariada pelo utilitarismo e vida leviana dos nossos dias. Nunca nos pareceu tão necessário como hoje o desenvolvimento desse instinto de conservação que, tão forte no tocante à vida dos individuos, vai-se apagando e arrefecendo no que diz com as tradições e caracteristicas superiores da raça".

Estas palavras, não as fui buscar m esquecida pagina de Eduardo Prado: re-colhia-as em actualissima circular de Dom Sebastião Leme.

Veem exactamente vibrar a tecla que eu tenho o dedo a doer de tanto ferir: o barato cosmopolitismo em que entre nós se vai dissolvendo o espirito nacional. Estamos a virar — já uma vez o escrevi — verdeira bola de céra, cuja plastica diariamente se altera á influencia das fitas de cinema, das modas americanas e da litteratura franceza.

E agora, é o proprio Dom Sebastião quem pergunta quase melancolicamente "o que se ha de fazer se no ultimo romance francez e nas mais novas "films" americanas teimam os nossos em buscar as normas do bom gosto, a educação esthetic, os desportos e até o modo de vestir?".

Aliás, muito peior me parece o seguinte: que nas reclames dos pequenos hoteis suíssos e nos cartões postaes de scenarios

gregos de Hollywood teimem alguns em buscar a norma da architectura. No Recife mesmo já existem perfeitos "chalets" suíssos dando a idéa de proxima carga de neve que nos embranqueceria as bananeiras, as jaqueiras e os cajueiros. E ninguém ignora a sem-cerimonia com que aqui se acotitam velhos e honestos casarões. Agora mesmo chegam-me aos ouvidos rumores duma reforma desse genero. Trata-se de velho sobrado, forte, patriarchal e bom. Materia plastica nas mãos dum architecto de gosto que fosse, ao mesmo tempo, um homem de espirito, capaz de explorar a nota regional, as caracteristicas locaes, a honestidade daquellas linhas e mesmo o bafio de tradição que parece querer esverdinar a brancura daquellas paredes e o vermelho daquelle telhado colonial. Por Nossa Senhora do Carmo, não nos deem em logar dun casarão sympatheticamente identificado com a paisagem, espaventoso palacio de colunas gregas...

Dom Sebastião Leme — por cuja oratoria não morro de amores mas cujas pastoraes e circulares dão signal de um tão fino criterio — versa, na circular alludida, esse assumpto de formas architectonicas. E ha palavras suas que eu quizera aqui transcrever em caixa alta: saltariam assim aos olhos dos que me julgam "fóra da realidade" no que diz com a tradição e a nota regional na architectu-

ra; dos que me crêem pendido para o immobilismo de formas quando eu sempre accentuei a plasticidade dos valores a aproveitar.

"Tão piedosa e zelosa — diz Dom Sebastião — se mostra a egreja catholica em recommendar todo o acatamento ás tradições e até ás formas architectonicas de cada povo, que já em 1659 a Congregação de Propaganda Fide expressamente reprovava a pretenção de alguns missionarios que para outros paizes tentavam transplantar usos e costumes de sua terra de origem... Não pretendemos, é obvio, que se copiem edificios de outras epochas nem que cegamente se retroceda ao typo do chamado estylo colonial. Julgamos, porém, não ser de mais pedir que, no estudo das bôas construções coloniaes, se procure aprender a sua força de expressão, a sua linguagem architectonica e decorativa, para bem expressarmos em "nossa terra" e em "nossos dias", o pensamento christão". E quanto aos monumentos de interesse historico ou artistico: "Onde quer que se apresente um traço apreciavel da physionomia nacional, em sua historia, em suas crenças e tradições em seus documentos de arte, a unica attitude que convém a um homem de espirito — é a de respeito e veneração".

Saboreemos bem o encanto dessas palavras ungidas de autoridade, os que temos sustentado o mesmo ponto de vista, com o risco de parecer idiotas. Os que nos temos insurgido contra o hausmanismo ecclesiastico que em Pernambuco produziu a Sé actual, produziu a nova matriz da Casa Forte, produziu o Palacio do arcebispo.

Foi uma phase horrivel de furor neophilo. Havia uma como volupia de modernidade. Era a "marradas de preto capoeira" — como diria Ramalho — que se destruia o ingenuo das nossas velhas egrejas, para as modernizar e acatitar e esgalgar, até adquirirem o ar de cinema-theatro, como a matriz da Casa Forte, outr'ora tão linda na sua simplicidade de capella de engenho e na sua doce branura de cal.

A Sé de Olinda foi a maior das victimas: reduziram-na a horrivel caricatura. Delapidaram-na, com a sem-cerimonia, do seu luxo de azulejos e alfaias, abandonando-a ás mãos dum "cementarins". E só uma voz se levantou então contra a "debacle" e voz de adolescente: a de Annibal Fernandes.

E não falemos nos velhos altares que desapareceram para ser substituidos pelos de cimento armado. Nos velhos altares perante os quaes ouviram missas e rezaram e commungaram gerações; perante os quaes se abençoaram tantos novos e se ungiram tantas creanças; velhos altares impregnados da fragrancia de tantas flores e de tanto incenso e da pureza de tantas preces. Em certa egreja que visitei destruira-se um altar assim; e das taboas, algumas com imagens de santos, se fizera uma escada. Escada por onde rusticos devotos sempre se recusam a passar para "não pisar em santo" Parece mentira e é a mais pura verdade deste mundo. O novo altar lá está, de cimento armado e a faiscar de luz electrica.

Em Iguarassu, no Convento de S. Francisco, muito se deixou apodrecer, sem o menor esforço de economia dos valores de ingenua arte christã, deixados pela fé que ali madrugou. Felizmente, o bellissimo côro em talha, todo de pau preto; e os frescos dum sabor parente do de illuminuras allemãs, que ali esverdinham de humidade, são ainda valores a recolher e a defender dos borrões dos restaurados ineptos e dos viscosos tentaculos dos compradores estrangeiros. Porque é toda uma industria macabra a dos compradores estrangeiros que nos vão arrebanhando esses productos artisticos á nossa fraqueza de pendor patriótico e espirito de tradição: o sr. Luiz Cedro, no seu bello projecto, contou-nos a este respeito coussas de arrepia os cabellos.

"Já não é pois, sem tempo, que devemos reagir..."

Gilberto Freyre

A VOZ DA PANELLA DE FERRO

Dichiaro come sempre brutalmente che é impossibile, per un artista veramente moderno, di vivere nel fetore pestilenziale degli ateliers.

Boccioni, *Dinamismo Plastico*.

Continuam os commentarios em torno da conferencia do escriptor Graça Aranha. Protestos e aplausos chovem numa barafunda de idéas que espumam no dorso agitado das vagas. A tempestade ainda não cessou. Os ventos sopram com violencia, desfolhando as velhas arvores dos alfarrabios da lingua portugueza. Lá no céo, com o olho aváro pregado num buraco do soalho azul, o livreiro Alves espreita o movimento dos seus herdeiros amatilhados sobre o osso dos cem mil réis semanaes.

Sinceramente compungido, elle põe-se a matutar sobre a fragilidade das almas academicas. Antes tivesse deixado aquele cobre para a Ordem Terceira do Carmo ou para a Santa Casa de Misericordia! Desde que esticára as canellas que bisbilhotava com soffreguidão a vida dos academicos na esperança de que elles se lembrasse de mandar resumissas sobre missas pelas almas desvairadas de uma legião de homens de letras que o apedrejou certa tarde na Avenida das Onze Mil Virgens, quando palestrava com o velho editor Quaresma, a respeito da paquice infinita dos escritores brasileiros. Foi um charivari de todos os diabos.

Para escapar á sanha furibunda das suas victimas, embarafustou-se pela "Livraria das Almas Penadas", e foi se esconder na "privada" que por um desses caprichos da sorte fica bem em cima do "Petit Trianon"... Fóra a horda dos escribas maltrapilhos continuava a urrar improperios tremebundos contra o livreiro miseravel que despira a intelligencia para vestir a pobresa mental dos academicos. Um mais decidido, com ares fogosos de poeta, talvez fosse o Guimaraes Passos, pediu a palavra:

— Meus amigos, nós precisamos lynchar esse bandido. Eu mesmo não sei o

que elle anda fazendo aqui pelo Céo. O seu logar é lá no Inferno. Esse homem é um grande criminoso e merece um grande castigo. (Viva o orador remorra o Alves). No tempo em que eu era academico e que a Academia era "pronta" como o Alberto de Faria, elle não lhe não "qria nigocios cos academicos". Dizia que aquella literatura não lhe dava nem pa a comprar a tinta de imprimir. Ganhou a sua fortuna nas costas de pobres escriptores que nunca foram immortaes. Mesmo, porque, si elle fosse negociar com os livros academicos teria dado com os burros nagua e não poderia ter ganho o cobre que ganhou. E' um ingrato. Felizmente eu morri antes da herança e agora quero a minha parte em dinheiro. Recordo-me da minha vida de academico lá em baixo. Aquillo lá no Syllogeu não valia nada. Ainda não havia o "jeton" dos cen e quem lá apparecia era o Graça Aranha e mais uns tres que pagavam para ser immortaes. Os outros não appareciam, não gostavam de sessões a leite de pato. Agora a causa é outra. Vocês têm visto aquillo lá por baixo como está catiti? (Todos em côro: temos visto sim). Palacio novo, chás, dansas, está o succo. Afinal aquillo é uma linda ilha de estupidez cercada de intelligencia por todos os lados. Remorra o Alves! Remorra!

Terminada a oração que foi delirantemente ovacionada, a multidão invadiu a livraria e chegou até a porta trancada do W. C.. Ahi começaram a gritar que saisse o homem. Eis sinão, quando se ouve a voz expremida do livreiro, gemendo essa phrase intestinal — Tenham pena de mim, eu não sou inimigo de vocês, pois agora mesmo estou obrando para a Epidemia.

Bocca que tal disseste, foi uma gargalhada geral. E Camões que tinha ido até ali, por curiosidade, murmurou alto: — "Esta tem piada, tem piada. Vamos embora oh vapaziada que o homem está sujando aquillo já em baixo".

Com este final tão grotesco passo a tratar das cousas terrenas. Vou aproveitar o barulho da conferencia-torpedo

para alinhavar alguns conceitos irreverentes. E' preciso agitar esse marasmo com a alegria da mocidade.

Tudo isso estava tão insipido, tão cete, que era mesmo necessário aquelle estouro da alma 'oven dentro do seio 'e Abrahão. Ha, assim, mais animação nos meios intellectuaes. Fala-se, discute-se, brinca-se. Precisamos dessa vasta esbocegação para escangalhar com todos esses ídolos de barro de uma literatura toda ella construida a custa de concessões da critica e da intelligencia displicente dos jornalistas. Isto foi bom: arejou aquelle ambiente de porão habitavel da Academia. Vamos ter mais novidades. A cousa promette se prolongar. Na proxima quinta-feira, o sr. Medeiros e Albuquerque vae responder ao sr. Graça Aranha, procurando ridicularisar o futurismo. Com toda a certeza lerá versos "lagartixos" de S. Paulo e prosa "papamoscas" do Rio. Desde já protesto contra essa falta de gosto do Sr Medeiros. Como poeta futurista, autor dos "Poemas Prosaicos", que serão editados pela "Revista da Lingua do Rio Grande", insurjo-me contra a falta de comprehensão estheticas dos academicos que não têm sensibilidade artistica para ver nestes versos toda a grandeza irreverente de uma métrica nova:

*Lomelinescas phrases de Diccionarios de
Expectorando o laranja da china verde
Do Osorio Duque de Caxias
Adjectivações bombardeadoras do meu
Ultra-ridicularisando os versos catolissi-
Mas, o paulista simultaneo como os ver-
Vae crear o bicho da sêda.
Para fazer o succedaneo da rubiacea
Vamos passar agora a beber sêda
Em lugar do café
Viva o poeta Cenbras
Que mandou buscar o outro braço
Em Verdum pun pun*

*Para dar uma fructa de macaco
Para a literatura quinhentista
Vae embora Cenbras
Sinão você vira Delpêche
Panella de ferro
Quebro todos os caldeirões de barro da
[Academia*

E' contra essa poesia espontanea que jorra da imaginação com a força destruidora de gargalhadas que os academicos apontam os seus canhões de pau. Elles não entendem nada disso. Nunca leram Apollinaire, esse estranho phantasma do futurismo, misterioso autor dos "Calligrammus" que têm a tristeza reveladora de angustias tenebrosas. E' provavel que nenhum delles tenha lido o novissimo Boccioni essa alma clara de artista que soube no seu "Dinamismo Plastico" encontrar para a Belleza as linhas novas de uma perspectiva revolucionaria. Conhecerão por acaso Marinetti, o anti-Christo do passadismo? Quai, não conhecem nada, nunca leram nada.

Falam do espirito moderno sem já-mais terem passado os olhos num livro moderno. Assim é impossivel se discutir.

Não ha meio delles virem para o terreno das idéas contraditar os pontos estheticos da conferencia de Graça Aranha, que, com uma clareza notavel de argumentação, soube arrazar toda a velha e mofada literatura brasileira que não tem sido até agora sinão as ceroulas de Herculano e de Castilho. Teimam em ficar no terreno infantil das questões pessoaes. Parecem meninos na Escola Publica, brigando: "Táhi, bem feito; minha tia é viuva e a sua não é". Discutem desse modo, sem competencia para entrar no assumpto esthetic. Isso vem demonstrar a profunda ignorancia delles em matéria de arte e literatura. Aliás, isso é cousa sabida de toda a gente. Os academicos não leem e nem compram livros modernos para acompanharem o pensamento novo. Satisfazem-se com a leitura modorrenta dos classicos, numa volupia pesada de elephantes do estylo.

Era por isso que cada vez mais a literatura ia se afastando do publico que falava uma lingua completamente

different da sua. Não havia intimidação artistica do escriptor com o povo que refugava com toda a razão o vocabulario cascalhento dos classicos. Elles não escreviam na linguagem viva do povo, usando ao contrario, uma prosodia disseccada nos cataparcios quinhentistas. Ah: está o motivo pelo qual o povo ia tão justamente abandonando uma literatura que era o esqueleto desenterrado de um estylo morto há cinco seculos. De tal maneira era impossivel captar a curiosidade publica em beneficio de uma obra literaria atamancada no vernaculo. Enquanto a literatura se afastava para o Passado, o publico se adeantava para o Futuro. Os prosadores e os poetas não se misturavam com a actualidade dos factos para immortalisalos com o fogo ardente do temperamento. Suffocavam todos os impetos creadores da intuição para escrever livros desemxabidos onde as idéas se transformavam numa bagaceira intragavel.

O que é que temos feito até as fronteiras da conferencia de Graça Aranha? Cousa alguma que preste. Na pintura, o Sr. Petit, o pincel de agua benta da sachristia nacional. Na poesia, os versos anthropoidicos de Hermes Fontes, o macaco sabio do parnaso botucudo. Na prosa, a saia "entravée" do estylo pica-dinho do Sr. Medeiros e Albuquerque. Na escultura, os marmores de "Honra ao Merito", do sr. Bernardelli, o Solféri de Albuquerque de estatuaria. Na politica, o constitucionalismo de "pink-pig" do Sr. Lopes Gonçalves, o Chaby

volumoso do palco senatorial. Na medicina, a pathology de salão do Chiquinho de Castro, menina de Sion da literatura academica. No jornalismo, a pecuarissima intelligencia do Felix Duarte, do "Correio da Manhã".

Ahi está o que tinhamos até aos limites da admiravel palestra de Graça Aranha. Naturalmente que ha uma excepção nessa minha regra. Ha por ahi alguns rapazes de talento bem aproveitaveis até...

O facto é que o autor da "Chanaan" conseguiu emocionar a opinião publica do paiz com as suas palavras profundas, palavras ditas do alto de um talento generoso, que não se está preocupando com as picuinhas amarellas dos que não podem alçar a altura deslumbrante do seu pensamento. Elle pensou oceanicamente sobre as grandes bellezas. A sua voz cantou um hymno de beleza á terra brasileira, ungindo-a com o oleo maravilhoso de uma alegre philosophia. Foi a claridade nova do espirito moderno amaneecendo sonoramente para o pantheismo mental de uma geração enthusiasmada pela negligencia redemptora daquellas palavras creadoras.

Elle disse cousas eternas que não podem ser destruidas pela voz ephemera de uma critica de invejosos. A sua personalidade crescerá no futuro da nossa historia literaria, embora as pulgas da critica mordisquem-lhe o bronze da immortalidade.

Paulo Silveira

O EXERCITO E O SERTÃO

Da villa de Araripe, situada perto da pedra desse nome, na zona sul do Ceará, trouxe-nos o telegrapho laconica noticia, concebida nos termos que se seguem: "A força publica atacou os bandidos homisados na serra, resultando do encontro sahirem tres policias feridos e um morto. Receia-se um ataque a esta villa, estando a população em armas para repellir os bandoleiros, que são chefiados pelos conhecidos irmãos Pedro, temíveis criminosos. A força publica abandonou o campo e é esperada aqui, bem como os feridos."

Em 1920, no livro — "Beatos e Cangaceiros" — assim me referia eu aos Pedro, de quem ora nos falla o telegrapho:

"Os Pedro são uma familia numerosa, que habita um quarteirão inteiro da rua Conceição, em Joazeiro do Padre Cícero. São muitos: Mané Pedro, Chico Pedro, Antonio Pedro, muitos outros Pedro e Zé Pedro, o mais velho dos irmãos e o chefe da familia.

.....

Foi elle, á frente dos Pedro e mais quarenta homens, quem começou o ataque

de Crato, em 24 de Janeiro de 1914. Tivera ordem, apenas, de insultar a tropa de guarnição da cidade, para fazel-a gastar munição. Tomou a primeira, a segunda, a terceira trincheiras.

E contra as ordens superiores... mandou chamar os romeiros e, em vinte horas de fogo, tomou a cidade... Estava vitoriosa a revolução de Joazeiro. Honra lhe seja. Foi esse "general negro" do Cariry quem venceu o coronel "branco" de Fortaleza." (Beatos e Cangaceiros, pag. 89).

Caprichos do destino! Ha dez annos o famoso cangaceiro desbaratara em Crato as forças do então presidente do Ceará, Sr. Franco Rebello.

Agora, num pequeno encontro, lá mesmo no Cariry, mata e fere tres soldados da milicia do Sr. Ildefonso Albano, genro do Sr. Rabello e actual presidente daquele Estado.

Um circulo vicioso. Ainda bem que a prudencia e o bom senso dos actuaes chefes dos partidos politicos do Ceará pouparam ao Sr. Albano o dissabor de deixar a curul presidencial cearense, como a deixaram o seu sogro e o sogro deste, o saudoso General José Claudio, um e outro depositos revolucionariamente. Não, o Sr. Albano terá melhor sorte, e passará o governo ao seu substituto legal, já eleito, pois bem acredito que a sua experiençia não lhe consentirá que, no final do seu operoso governo, vá tocar nessa caixa de maribondos, que é o problema do "cangaço" no Noroeste.

Desde 1920 que venho batalhando pela solução desse grave problema dos nossos sertões.

Infelizmente, porém, não tenho logrado ser ouvido pelos responsaveis directos pelos destinos daquelas regiões desprezadas, esquecidas e mesmo desdenhadas, quer pela União, quer pelos governos dos proprios Estados que as compõem. Talvez que esta affirmativa assim categorica envolva uma injustiça a alguns presidentes e governadores daquelles Estados, que têm procurado solucionar essa grave questão social alli e, entre elles, destaco o Senador Benjamin Barroso e o Sr. Solon de Lucena.

Todos, porém, sem excepção, a meu ver, não quizeram enveredar pelo caminho que conduz áquelle resultado. Sim, porque já é tempo de se convencerem todos de que o cangaceirismo nos nossos

sertões não é, absolutamente, um caso a ser resolvido pela polícia desses Estados, muitas vezes composta, ella mesma, de cangaceiros tambem.

O cangaceiro, já escrevi eu alhures, é um producto do estado actual da sociedade do Nordeste.

Não me constranjo hoje em repetir este conceito, e o faço com a convicção da verdade pura que elle consubstancia.

O cangaceirismo, pois, não é um caso de polícia: é uma grave, gravissima questão social, que reclama medidas adequadas para a sua solução. Elle e as seccas são o maior estorvo que ha ao desenvolvimento do problema economico das regiões que são o seu habitat.

Em tempo, illustre senador da República a quem pedia eu sua intervenção junto ao capitalismo daqui, no sentido de serem fundadas no Cariry algumas usinas de assucar e fabricas de fiação e tecidos, perguntou-me quem iria indemnizar a esses capitalistas no caso provavel dos cangaceiros, um bello dia, destruirem essas industrias?

— O governo, respondi-lhe eu.

O governo, sim, repito agora e acrescento que já vae fazel-o, de acordo com mensagem enviada á Camara em fins do anno que passou.

Dous mil seiscientos e oitenta contos vae custar á União a indemnisação de uma só das muitas casas commerciaes do Cariry, que os cangaceiros de lá, obedecendo ás ordens do seu chefe supremo, saquearam e incendiaram. Em quanto isso, porém, acha-se encalhada na Comissão de Finanças, da Camara, uma emenda autorizando o Governo a gastar duzentos contos na construcção de um quartel para o estacionamento de um batalhão do Exercito no Crato.

Desconfio um pouco de que razões ponderosas tem a bancada do meu Estado, o Ceará, para não se interessar por esse "negocio de tropa de linha" na zona do Cariry... razões de cortezia... e assim uma especie de medo tambem!...

Mas as bancadas dos outros Estados estão inteiramente forradas de um estorvo desta ordem.

Por que, então, não encarar o problema com a energia que elle reclama?

O Piauhy, principalmente, e pela boca do seu Governador, já soltou o brado de misericordia, reclamando da Federação for-

ças com que pudesse extinguir os maus elementos que de ha muito o vêm infestando.

Estou que o Sr. João Luiz Ferreira não estará a pensar que os soldados do nosso Exercito se prestem ao papel de caçadores de cangaceiros nos mattagaes do Piauhy.

Não.

Certamente, o que S. Ex. reclamou foi o Exercito como força moral e ordeira, o Exercito que instrue e educa a mocidade ao serviço da Patria, esse mesmo Exercito que, com Rondon, civilisou o gentio, e que bem poderá transformar em valentes soldados da nação esses titans de coragem, de bravura e de desprezo pela vida, que lá se vivem destruindo uns aos outros, como feras.

Ha alguns meses, illustre amigo meu de Crato, aventava-me a idéa de uma campanha na imprensa daqui contra a actual administração das Obras contra as Secas, e, ao mesmo tempo, induzia-me a que lembrasse o nome do grande General Rondon para superintender aquelles serviços.

Ao eminente Sr. Francisco Sá, certamente, não deverá passar despercebida essa

idéa aproveitavel e exequivel.

E, pois, que mande para o Nordeste alguns batalhões de engenharia do nosso Exercito e, sem demora, entregue ao grande soldado e grande patriota a chefia daquelles serviços!

Esse gesto bem poderia salvar o Nordeste, mas salvar de verdade, material e moralmente.

Seria, como lá diz o brocardo popular: matar muitos coelhos com uma cajadada só; o Exercito a educar e a civilisar os sertões com os seus próprios elementos, os cangaceiros a trocar o rifle pela alavanca regeneradora da terra e do homem, e o grande estadista a prestar ao paiz o maior serviço que ainda se poderá esperar da sua intelligencia privilegiada e do sua grande capacidade de administrador provento e experimentado. Eis mais uma grande e nobre missão que poderá ser attribuido ao nosso Exercito.

Xavier de Oliveira

(“Jornal do Brasil”, Rio)

SOBRE FIALHO

De norte a sul do paiz, ainda é comum gastarem-se louvores a Fialho de Almeida, “o grande realista que insuflou vida nova á prosa portuguesa”... Destas e de outras asneiras continua a alimentar-se o culto pela grosseria sentimental do estheta luso, — e esse culto aqui, no Brasil, nem ao menos tem a justificativa do patriotismo...

Amanhã dirá o primeiro tuberculoso das letras, a quem o “cheiro de drogas” da literatura fialhesca fala de cura: “Ora, negar talento ao Fialho!”... Pois não se trata disto, oh! creatura dessorada.

Fialho de Almeida foi realmente um grande talento, uma profunda natureza de artista, e tão profunda, sob certos aspectos, que nesse acabou por ficar diminuindo o homem, o homem integral, que não é só o cultor da belleza. Esta ainda é tão fragil base á vida de um homem, que é fatal transformar-se o seu adorador em adorador de si proprio.

Curiosa homenagem do erro á odiada ou esquecida verdade! O artista que supõe poder reduzir tudo á belleza e se entrega

completamente aos entusiasmos mais ou menos fictícios do que se convencionou chamar “o mysticismo esthetic”, não raro, forçado pela evidencia na sua própria vida interior, “a ver muito mais que o ideal da belleza”, acaba por adorar, sob este nome, tudo quanto se agita em sua alma, e nem sempre capaz de verdadeiramente harmonisar-se com aquelle ideal.

O vicio será belleza, o erro sel-o-á também, todas as tendencias inferiores que martirizam todos os homens, todas ellas serão assim baptisadas, porque, em verdade, o que se procura é a “justificação”, que não dispensa consciencia alguma, em quanto senhora de si, em quanto de posse do mais mediocre equilibrio.

O caso de Fialho de Almeida foi, como o demonstra Castello Branco Chaves, esse mesmo que reproduzem todos os românticos em alto grão de decomposição intelectual. Porque é esta a originalidade do ensaio a que me refiro: o seu autor, como tão bem resume Antonio Sardinha, “não hesita, ao inverso dos juizos correntes, em

o diagnosticar como uma affloração do romantismo puro e simples".

Realmente, "aceita a identificação — feita por Seillière — de certos "realistas" franceses, tal como Gustavo Flaubert, com os traços fundamentaes da psychose romantica, já não é tão atrevida como á primeira vista parece a opinião de Castello Branco Chaves."

"Sendo o seu cerebro — diz este — hereditariamente propenso já de si ás meias visões macabras da alta nevrose", e havendo no fundo da sua personalidade "fundalhas de loucura pensante", Fialho envolvia todas as coisas naquella tinta delirante a que elle algures allude, e que o faziam viver num mundo fantastico, de pesada nevrose, a que uma literatura toda morbida vinha juntar a sua influencia deleteria. Nelle o pensamento jazia abafado pelas sensações e por isso a sua educação não se fez organicamente, raciocinadamente, para a conquista de um grande fim intellectual e de um aperfeiçoamento moral superior. Não tendo traçado um caminho, perdeu-se nos vastos domínio; do pensamento e toda a vida vagabundeou sem arrimo. E' assim caracterizada a sua individualidade literaria: a vagabundagem mental, o dandismo intellectual e a impotencia constructora.

Se a principio agradava-lhe a dispersividade da sua vida, cançou-se, afinal, e ninguem mais do que elle talvez reconheceu quanto fôra esteril a sua intelligencia. Que o "coração lhe batia de uma só peça" e tinha nobreza natural, não ha duvida, e, dahi, certas campanhas que emprehendeu em prol do caracter da sua raça, das tradições mais bellas da sua patria. Mas tudo isto empanado por um materialismo de expressão e de gosto, que era a revelação de quanto a intelligencia propriamente estava longe de ter na sua obra o papel de orientação. Só o instincto o guiava e a sua confissão — pois que "a sua obra é antes de tudo uma confissão" — e a sua confissão de todas as horas era a de "uma immensa angustia, a de doloroso drama de um coração votado ao isolamento, pela esterilidade da intelligencia", que, queiramos ou não, é na ordem humana, a harmonia que perdura, a transfiguração do egoismo em compreensão e sacrificio.

"Personalidade isolada, Fialho de Almeida, sem poder dessedentar-se na familia, na fé, na sua profissão, sem nunca se ter votado a uma obra, estancando assim todas as fontes que revigorizam a vida, depressa se esgotou — e então, desvairado e perdido, foi arrastado a um desanimo cruel".

E' seguindo passo a passo a trajectoria daquelle amargura sem finalidade, que Castello Branco Chaves pôde demonstrar que "fóra do ambiente do romantismo, Fialho fica como um enigma indecifravel ou, indo pelo maximo, só parcialmente decifravel".

"Fialho — continua elle — é o filho morgado do nosso ultra-romantismo — uma das ultimas florescencias, e a mais perfeita, talvez, da familia ultra-romantica, em Portugal.

O aristocratico privilegio do seu "instincto musical" — e a musica para elle viria a ter nas sociedades modernas o papel da religião — a resolução que pensou dar ao seu caso interior com o exercicio de um nacionalismo puramente pictural, exterior, ou quando muito, esthetic — no seu sentido mais lato — tudo isto é a prova de que nelle foi o sentimento, a sensibilidade que predominou. E, como lembra ainda Antonio Sardinha, é fatal que, no proprio mundo da arte repercuta a verdade traçada por S. Thomaz: ninguem pôde viver sem prazer e, se nos privamos dos prazeres do espírito, cahimos sem remedio nos prazeres da carne.

Fialho de Almeida, por ser uma perfeita figura romantica — isto é, um homem de sensibilidade desgovernada, que cultivou, por assim dizer, esse desgoverno — foi um romantico dessa crescente estupidez materialista, que caracterisou o seculo XIX, não talvez o mais sensual da historia, mas aquelle em que a sensualidade se transformou em doutrina e culto.

Não é a um artista, que assim falseia o caracter social que a arte como tudo o mais deve ter, que a mocidade brasileira deve amar e seguir. Pouco importa que elle não tivesse mesmo plena consciencia do caracter anti-social da sua obra. A intelligencia só deve estima á intelligencia. Principalmente num paiz novo como o nosso, o factor razão, o

lemento moderador de todas as paixões, a força distintiva de uma "totalidade humana" em harmonia com os seus fins supremos, ella, e unicamente ella, merece culto e amor.

A falta de fé, o negativismo religioso, o scepticismo philosophico, o anti-patriotismo, a "inhumanidade", para empregar

uma expressão de Maurras, tudo isto não passa de desprezo da razão ou de desconhecimento do que ella é, realmente.

Jackson de Figueiredo

(Gazeta de Notícias, Rio).

CONCURSO DE NOVELLAS

"L'Amerique Latine", que se publica em Paris, acaba de abrir um concurso interessante, que deve merecer a atenção dos nossos escriptores.

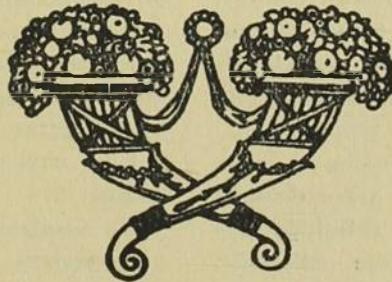
Trata-se de um concurso para novellas regionaes brasileiras. As vantagens são magnificas, não só pela distribuição dos premios estabelecidos para os concorrentes vitoriosos, como pela oportunidade de que terão de ser conhecidos do publico francez. Os originaes serão recebidos até 31 de outubro de 1924. Cada um dos originaes deverá ter um pseudonymo, será acompanhado pelo nome do autor, num enveloppe fechado.

Devem ser ineditos, escriptos em portuguez ou francez.

As novellas deverão se enquadrar em quatro columnas de "L'Amerique Latine", no minimo e em seis no maximo.

Os premios estabelecidos são: — de 500 a 300 francos, para a primeira e segunda collocação. Além disso, as novelas premiadas serão publicadas no referido jornal.

O jury será composto de escriptores brasileiros que se encontram em França, como Luiz Guimarães, da Academia Brasileira; José Severiano de Rezende, Delgado de Carvalho, José Feliciano de Oliveira e E. de Fonseca Montarroyos.





S.P.

DEBATES E PESQUIZAS

POESIA GAUCHESCA

O Rio Grande do Sul nasceu do pó das batalhas.

Era o planalto serrano, e a planicie sulina; era o taboleiro revesso dos cochilhões tristonhos, e as chapadas longas da cochilha aberta.

Foi esse o meio, ainda barbáro e misterioso e infinito; este o scenario, ora de boqueirões soturnos e matarias espessas, ora de chapadões, onde se balouçam touças de capim; umas vezes, de varzedo silencioso, outras de cochilha macia, com ondulações de um dorso de felino.

Veio depois o homem ibero, e mais tarde o entrechoque de dois povos de uma raça e outra raça, ambas refluindo das missões de Guayra, de além Atlântico, e aquém mar.

Desceram, alí fim, as bandeiras á conquista do "paiz do tape" e os continentistas de Laguna.

Nas abras e nos rios traiçoeiros, entre os quaes ficaram muitos, cruzaram os advenas em demanda de pouso e aventuras e riquezas... Corriam os mamelucos e os hespanhóes á caça de gado bravio, acclimatado nesta região, outr'ora habitada pelas tribus selvagens.

Naquelle tempo, ao mesmo passo que surgem os desídios, oscillam as fronteiras entre os dois povos raianos.

E, acompanhando os reductos fronteiros e os marcos da avançada, penetraram populações volantes, entregues á faina pastoril das "arreadas". Desse nomadismo nascem as fazendas caudilheiras e os primeiros nucleos de pastoragem.

Assim cresceu o Rio Grande, campo de escaramuças e pelejas, adormentado sempre ao resoar do embate das lanças e das patas dos cavalos.

E o campino criou-se aqui sem pátria e lei.

No insulamento da "campanha", feito á vida pastoril e adestrado pela guerra, elle resurge quasi aborigene, suggestivo e atracthente. E' o heroe das gaucharias bravas, sem deus á semelhança do charrua, que se formara das condições de ambiencia, desdobradas na correlação de dois factores, a guerra e o pastoreio. Vem dahi a phisionomia desse herói campeiro e selvagino, o gaúcho.

Elle representa a tradição das estâncias e da historia do Rio Grande, heroica e ainda hoje viva.

Com essa idiosyncrasia, vivendo no insulamento da solidão, entregue á sorte da vida e ás horas longas dos dias largos, o gaúcho foi sentindo o seu mundo interior, a sua psyché. Nos momentos de lazer ou de festa, encordou então a viola, para cantar, testa a testa aos parceiros. E o canto gemeu soturno e triste, saindo-lhe muitas vezes rude, com a ironia do deserto; essa tristeza, pontilha nos versos gaúchos com o travor do desdem. Lembram elles igualmente os versos bíblicos, sem pés nem medida, vivendo pela própria intuição.

Quero crer que, á semelhança dos cantos da India e dos rhapsodas, criando os hexametros e hentametros de suas elegias ao compasso da lyra, o verso gaúcho fosse uma copla octassyllaba, no acompanhamento da guitarra, repetida por vezes, com monotonia.

Era a redondilha o seu metro peculiar. Eis alguns versos de um cantor crioulo, Pedro Canga, poeta popular de 35:

"Troncos secos deram fructo,
O campo reverdeceu;
Até pararam os ventos,
No dia em que amor nasceu.

Troncos secos deram fructo,
O campo reverdeceu;
Riu-se a propria natureza
No dia em que amor nasceu."

De logo se compreendem agora os motes tão de continuo repetidos entre os nossos velhos fandangos.

A poesia gauchesca externa o temperamento subtil e ao mesmo tempo obliquo do gaúcho; não apresenta fundo ingenuo ou lyrico.

E' mais descriptiva que sentimental, como observara o escriptor platino Zum Feld, dono de alta cultura e eminente sociólogo — a fórmula narrativa lhe dá um carácter objectivo, que foge de toda subjectividade. Por isso, nella não ha um sentido divino, á maneira da poesia heroica da Grecia. A lenda e a vida dos guerreiros ahi vivem fragmentadas, com accentuado localismo. São episódios, e motivos de momento; porque o gaúcho vive demais a sua vida e não sabe ter memória: canta ao modo da cigarra os epigrammas das coisas antigas e presentes.

Talvez, o contacto seguido da natureza e a contemplação das fórmas variadas lhe aprofundassem a agudeza dos sentidos.

O instinto sobrepuja a imaginação e a phrase, dando largas ao engenho, é medida, sobria, e a poesia é grave, muito embora sensual á moda arabe:

"Stou velho, tive bom gosto,
Morro, quando Deus quizer;
Duas penas levo commigo:
— Cavallo bom e mulher! —

Cavallo bom e mulher,
Foi pelo que fui perdido:
Cavallo bom sempre tive,
Com a mulher fui mui unido!"

De peregrinar romanesco, outrora o gaúcho, as mais das vezes, alçava a muchacha á garupa do pingo; vem dahi essa feição mosarabe dos "cantores", que também se traduz na poesia desse andejo de terras e perigos.

Assim, nos velhos romances de amor do condado portucalensis, e nas hespanhas mouriscas; assim nos lindos poemas dos torneios da cavallaria antiga.

Mas a mulher não é a heroína dos cantos crioulos. Culpa-se mesmo ao gaúcho de vario e inconstante no amor, sendo que seria constante e firme se fosse outra a sua feição. Vivendo num meio agreste, elle é egoista, ou talvez humano.

A mulher é a eterna inspiradora de imagens amorosas ou ardentes nos povos de imaginação tropical; esse feitio ou fascinação enquadraria mais e mais nos seus poetas, que os outros guardam melhor a sabia medida.

A natureza do Norte, de forma luxuriosa, cheia de garridice e variadas cores, accende a imaginação e desperta as vozes do amor.

Em livro de agora, disse Mucio Leão, prosador culto e elegante, que: "A poesia do Nordeste é infinitamente amorosa e sentimental."

Outro é o meio, outras são as condições, e lá a imaginação phantasia as luxurias do amor tropical, criando desejos, e as nostalgias do abandono.

Aqui a situação é diversa, e não é de mais recordar a falta de manifestação artística dos nossos aborigenes, onde se

entremostravam os vestigios da nossa ruideza. E' sabido que, entre os artefactos indigenas do continente só foi encontrado um manto colorido, digno de menção pela sua arte.

Rude era o meio, e os nossos selvagens viviam errantes, sem nenhum principio de civilisação, entregues á infancia de uma existencia ainda nas suas origens. E' que, sem estabilidade e luctando sempre, não lhes sobrava tempo para as exigencias da imaginação, e esta não se manifestara ainda. Em quanto isto, as tribus do norte, mercê de um clima amavel e duma natureza rica e vida facil, foram esboçando ao mesmo tempo formas e cores nos seus artefactos e ingenuas criações artisticas.

Por isso, assim como em toda a arte indígena pode ter logar a causa desse phenomeno, que decorre das condições da propria vida, tambem na poesia pode ter logar o seu effeito. Aquella foi a explicação do eminent ethnologo Carlos von Kosseritz, e não é forçado extender-a ás outras manifestações do pensamento, mais principal ás artes primitivas, que traduzem o genio da raça, ainda sem influencias exóticas, aproveitando dessa maneira a verdade do methodo de Taine.

A vida feliz e assás folgada nas reções onde o clima é calido, propende os seres para os feitiços do amor, e ahi até a plumagem das aves é mais garrida: — os cantos populares vivem então repassados de ternura e paixão nas suas endeixas de lyrismo sentimental.

Ora, o gaúcho, duro de alma, tosco e frugal, creado num meio barbáro e revesso, vivendo a vida do instincto á flor da pelle, sem imaginação romanesca, jamais poderia cantar laudas de apaixonado lyrismo. A sua tristeza não é idílica. E si alguma vez cantou, foi o "caso" de algum amor desgraçado, esse que deixa o vestigio de onda ou traz a perdição do paraíso. Nas outras occasões, foi sempre severo, epigrammatico ou zombeteiro:

"Coração como este meu!...
— Como este meu coração —
Sempre está levando golpe,
Nem por isso cae no chão!!"

A poesia crioula, não amorosa e confiada como a do norte, antes chucra e

manhosa, assim original, tem alguns pontos de contacto com a poesia platina. A tristeza, que nella reponta, traduz o mesmo fatalismo que ensombra o verso gauchesco do Prata. Lá, as luctas com a "maloca" do indio alçado e as "patriadas"; aqui, as luctas com o hespanhol e o selvagem e tambem as californias patrícias.

Eram tudo motivos ao molde da tragedia antiga.

De mais a mais, o nosso gaúcho é um producto do factor politico e social; nasceu como o Rio Grande do pó das batalhas, envolvendo-se pelas condições geographicas.

Por tudo isso, a gesta heroica e campeira retrata a alma desse guasca. Ahi excellem os feitos caudilhescos e de heroicidade; ahi acordam os racontos das lides campesinas e os remoques ferinos.

E o gaúcho é franco e despachado, ás vezes desabrido e agreste; mas acolhedor, principalmente o fronteiriço, menos erradico.

Aquella dupla corrente de feição epica e rural, já referida, do trovar gaúcho individualisa o caracter peculiar no nosso camponio. Após as narrativas, as mais dellas abreviadas, da vida quotidiana, resurgem as historias medonhas do atropelo e perigos do camperear crioulo, e os entrechoques das lanças e os facões: em summa, todo o luctar dos homens gaúchos — "em perigos e guerras esforçados".

Além do mais, os aspectos da paizagem, as vozes bucolicas do pastoreio, o gado e os rebanhos, as mulheres e os cavallos, eram tudo resonancias, cujos acordes foram tambem repercutir no canto gauchesco. Mas este é por vezes desalegre e fundamentalmente causticante, como o minuano, sem a nota de lyrismo amoroso, que predomina em toda a poesia do Norte, conforme affirmara Sylvio Romero.

Depois de usar as quadriñas de burla, "largada" ou gauchada, nos desafios ou cantos de improviso, veio tambem o gaúcho a usar, já mais tarde, as chamadas silvas de amor em decimas e sextilhas.

Mas só na poesia compadresca dos gauchitos rhetoricos de pala no ombro ponteia a narrativa lyrica, sentimental e amorosa. Reflectém-se já de tal maneira

no canto popular os feitiços da civilisação, os efeitos do urbanismo.

E' por isso que a maioria das nossas collectaneas, colligidas pelos escriptores citadinos sem investigação propria, jamais mostraram a verdadeira poesia gauchesca.

O sentimento narratico de quem vivia a vida dos sentidos, sem as nuances da intelligencia, tornou a forma racional objectiva, e a philosophia que resumbra nos versos gauchescos nasceu da experien- cia; não brotou ella do raciocinio ou de uma crença religiosa e divina.

O intimismo pagão do gaúcho vem das

formas exteriores, por vezes fatalistas. Dahi que não haja nelle a influencia do christianismo, o cyclo das procissões.

Se algum santo apparece na legenda gauchesca é um negrinho do pastoreio ou um são benedicto, amigo do diabo e agauchado.

A poesia gauchesca é original, e hoje vive na alma desse heróe batido pela ci- vilisação.

Cyro Nobre.

Maio — 924.

(“Correio do Povo”, Porto Alegre.)

COUSAS NOSSAS, INEDITAS...

Beneficiamento antigo do café pelo monjolo — Quadro de A. Norfini

Nos annos em que o café invadindo as encostas da serra maritima ia arran- zando deante de sua marcha invencivel aquella admiravel floresta do valle da Parahyba, cuja queda a Gardner, illus- tre botanico inglez, arrancava, em 1840, grtos de desespero, nestes annos longui- qos em que o Brasil adquiria este novo elemento de prosperidade, esta nova mer- cadoria de procura intensa que é o seu magno esteio e'conomico de hoje e a razão de ser primordial do seu intercambio mo- netario, muito longe se estava ainda das machinas de beneficiamento que aos com- merciantes fornece esta perfeita série de typos, uniformes no seu polimento e b' unimento, orgu'ho de nosso machinario moderno. Para descascar o café recor- ram os productores de então a todos os meios de que podiam lançar mão, e faziam as boiadas passar por terreiros de seccagem, ora batiam as colheitas a vara ou as seccavam a mão de pilão.

A primeira machina que descascou ca- fé, foi o utilissimo e modesto monjolo, “antiquissimo”, probó e paciente instru- mento, maço da fartança” como lhe cha- ma Alberto Rangel, “cujo som, igual, pe- renne e compassado do canto gement- de moageiro, de certo modo embala o tedio e a insipidez da roça”.

Vê-se, no entanto, alvo da chacota: querem os lusitanófobos de hontem e de hoje seja a mais elevada demonstração de

inventividade portugueza! Fortes tole- rões! se nem sequer é portuguez! De- monstra-lhe Varnhagen a procedencia ch'neza e Alberto Rangel nelle quer a encarnar o symbo'lo de uma das metades do Brasil.

Representa o Sul, como a bolandeia a Norte. “E' o emblema da banda na- tralia onde existem a agua permanente e o desnivel forte”. Emigrou para Po- tugal com os bronzes e os xarões, as sedas de Shangai e de Nankin. Mas foi no Brasil que se acclimou a ponto de lhe encontrar guarida o nome nos grandes lexicos portuguezes de antan. Aos viajantes estrangeiros do Brasil pren- deu a attenção curiosa. Saint Hilaire vi- o poeticamente enquadrado de laranjeiras e avencarias nas devezas da Mantique- ra. John Maw, mineralogista de prof- sião, dignou-se desenhal-o numa gravura mediocre. E é corrente entre os paulistas uma anecdotá re'ativa ao quinau que um estudante de meados do seculo passado “pregou” a um dos mais famosos lente- de mecanica applicada de toda a culta Germania. Gabava-se o “magister” de conhecer os mais rudes e primitivos me- canismos e o moço de S. Paulo “emba- tuou-o” mostrando-lhe que ignorava a existencia do nosso bem monjolo marra- lheiro.

Que bello hymno lhe entôa Alberto Rangel nas paginas iniciaes do seu lindo “Quando o Brasil amanhecia”, mixto en- cantador de sinceridade e “persiflage” delicada. Triturando as macahubas, pul-

verizando o milho ou descascando o arroz, o apparelho é lição corriqueira á moral do sertanejo. Exemplifica a molestia, o labor e a eternidade. Quanta poesia se desprende desse malho e desse gral com a melopéa brusca: Chu-an-poung! a pilar a cangica no fundo do grotão! Tem o som raspado, mysterioso e cavo de aldraba na ponta chumbada de uma socava, a gravidade melancolizante dos pendulos e a serventia boçal dos africanos. Merecia um desafio entre cantadores, dos bons e as odes dos poetas laureados."

"O regato tenta afogar o madeiro prestante, mas este se defende, dando uma simples descaida de hombros. Tronco intelligente, viga prestadia e sobretudo complacente, rejeita o quanto lhe entornam na queixada e desta forma nunca se estanca a séde que o instabiliza. Deram-lhe o nome depreciativo de preguiça sem lhe reconhecerem a proveitosa lentidão, fruto divino do seu dote de incansavel." Representa o passado e a perseverança, conta as horas por igual, meia noite é um despejo e uma pancada, a amassar o pão nosso de cada dia com as curupiras e caaporas traquinando-lhe na gangorra".

E, continuando o seu lindo dithyrambo á velha machina leal, acrescenta o autor do "Inferno Verde": "A "haste" marmaz oscilla na "tranqueta" ou cavilha da virgem ou "pasmado". Ajuda-a na descambada do balanço o contrapeso do "macaco". A agua preenche a cavidade do "cocho" que a rejeita para o receptaculo nomeado do "inferno". A "mão" firme na malheta da "munheca" tomba a estrondar pulverizando o cereal no bojo

do pilão. Afim de se deter o monjolo no movimento alternativo, especam-no com a "estronca". Ahi está toda a nomenclatura e a manobra da alavanca do primeiro genero que tem uma ducha por potencia e dansa em batecum de bombo e seu passo de marcha cadenciada e soturna.

Mistral cantou um poema ás cento e tantas peças de charrua; ainda não houve brasileiro que poetasse sobre as nove ou dez partes do monjolo."

E por ahi continua o illustre escriptor numa série de considerandos deliciosamente enunciados para terminar numa apostrophe, perfeito remate de tão bellas paginas: "Como tudo mais, passarás! Transformam-te para melhor numa roda Pelton! Qual será teu ultimo avatar, martellão de pau rombo, certeiro, indesregravel e sonoro?" A's glorias do monjolo juntamos uma, ainda agora: o seu papel na industria da preparação do café. E' mais um florão de triumpho a recordar o seu passado immenso, carregado de seculos, mais um titulo á benemerencia, aos olhos dos brasileiros que sabem as coisas do Brasil e a quem a excellentre reconstrucção de Alfredo Norfini recorda uma época já distante.

E a mero titulo de curiosidade apon temos mais um termo á nomenclatura da honestíssima machina: á manobra alternativa "gangorral" de sua haste dá se em alguns municipios do Oeste de São Paulo o nome pittoresco de "coximpim", dizendo-se por exemplo: "está meio em falso o coximpim deste monjolo, é preciso acertal-o!"

T.

MUSA MATUTA

(De uma conferencia do sr. Leonardo Motta, em Fortaleza)

Em começos de 1922, após o meu regresso do sul do paiz, logrei a ventura de receber aqui, em Fortaleza, a visita de Luiz Dantas Quesado, um dos apreciados poetas populares a quem eu consagrara um dos capitulos de meu livro — "Ao som da viola". "Luizinho" apareceu-me a recitar um sem numero de versos que eu lhe não conhecia, tanto que os não aproveitaria em meu livro

prefalado. Aqui estão algumas dessas estrophes:

De quatro co'sas no mundo
Já gostei, não gosto mais:
De cavalllo galopeiro,
De lamparina de gaz,
Calça com bolso na bunda,
Palitó lascado atrás.

Ainda tenho saudades
Do tempo que fui solteiro:
Não tinha inveja de nada,

Nem de quem tinha dinheiro!
Hoje já me falta a vista,
Não enxergo um passageiro...
Se converso com uma moça,
Só conheço pelo cheiro.

No lugar aonde eu canto,
Os bichos ficam valente:
Preá insulta cachorro,
Carneiro fica imprudente
Macaco briga de foice,
Cururú mata de coice,
Lagartixa engole gente.

No lugar aonde eu canto,
As moças ficam contente:
Se penteiam, mudam roupa,
Ficam correcta e decente...
Me pedem para eu glosar
Porém eu só posso estar
Com tres ou quatro na frente.

Observastes? E' um cantador septuagenario, é um poeta ancião que satyriza os costumes de seu tempo e ironiza o achaque da idade, blaterando que a sua só presença prestigiosa tem o condão de enfeitiçar a face das coisas. Quantos moços de 20 annos se declararam pobres diabos imprestáveis, numa desastrada versalhada de vencidos, enquanto esse velho animoso encara, risonho e mordaz, o quartel derradeiro da existencia, vendendo-a ainda com a primitiva tonalidade rosea dos aureos tempos da juventude distante!

Luiz Dantas Quesado foi sempre, aliás, um coração aberto, escancarado á jovialidade. Não ha muito elle andava, uma boca de noite, pelas ruas esburacadas de Missão Velha. Quasi cego, foi, de repente, de encontro a um vulto. Era este um garrote que, mesmo magro, investiu contra o velho poeta, derribando-o com uma cabeçada impiedosa. Luiz Dantas gritou por socorro e, transportado para a botica da terra, antes que lhe ministrassem a arnica, improvisou a sextilha:

O velho Luiz Quesado,
Foi sempre um bicho taludo:
Nunca entrou numa zoadá
Pr'o povo não correr tudo...
Mas, apanhou, neste instante,
Dum garrote barrigudo.

O "Bemtevi" (João Pedro de Andrade), negro alto que encontrei no Cedro, perto de Lavras e, como vos disse, sobrinho do primeiro "Bemtevi", que se chamava José Pereira de Souza, é o autor destas estrophes rematadas por um estribilho interessante:

Home que não tem cavallo,
Pr'a que diabo compra peia,
Mulher que não possue brinco,
Pr'a que cão fura as oreia?
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia.

Faca é sujeita á bainha,
Gaz é sujeito á candeia,
Pé é sujeito á chinella,
E ripa é obrigada á têia...
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia.

Quem é cego dos dois olhos,
Não carece sobrancêia...
Negro de botina branca
Não se dá coisa mais feia!
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia.

Desprezei o meu lugar,
Hoje ando em terra aléia,
Porém tou tão satisfeito
Que ninguem não avaléia...
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia.

Esta minha cantoria
E' ouro que não mareia!
O homem que canta bem
A rima nunca vareia:
Não posso me acostumar
Com o vento açoitando o mar
E as ondas beijando a areia.

Escutei "Bemtevi", durante varias horas seguidas. Na estreita saleta de um hotel do Cedro fazia um calor tremendo, aggravado pela presença importuna de um sem numero de curiosos, entre os quaes varias crianças. "Bemtevi" cantava a estrophe:

Falta tudo em seu creado,
Só o que não falta é repente.
Gósto de caçar perigo,
Vêr desgraça em minha frente...

...a essa altura, porém, reparou na meninada e atirou-lhe um remoque, completando a estrophe:

Falta tudo em seu creado,
Só o que não falta é repente,
Gósto de caçar perigo,
Vêr desgraça em minha frente...
...O' terra pr'a ter menino!
Menino, quando se ajunta,
Só faz é calor pr'a gente...

São tambem da lavra de "Bemtevi" estes versos claros, escorreitos, e, não raro, conceituosos:

Cada qual faça por ter
Bem guardado o seu vintem:
No céo entra quem Deus quer,
Na terra vale quem tem.

Meu S. Francisco das Chagas,
Meu Santo do Canindé,
Eu sei que Santo não voga
Naquillo que Deus não quer.

O que é dos outros não quero,
O meu não dou a ninguem!
Se eu não quero o que é dos outros,
Ninguem queira o meu tambem,
Pois, ás vez, quando me estórvo,
Ou quebra, ou papoca ou vem!

Qual é a coisa mais feia,
A's vez commigo magino:
Se mulher que fala grosso,
Ou freguez falando fino...

Quem tiver a sua casa,
Não perca ella de vista,
Não consinta suas filhas
Darem fogo a rabequista.

O casamento custoso
Serve é p'ra povo falar,
Quem quizer cantar commigo,
Traga contas de rezar,
Que eu sou como um Purgatorio,
Onde as almas vão penar.

Duvido haver como este,
Um dictado mais profundo:
— Dinheiro e mulher bonita,
E' quem governa este mundo!

Não ha ninguem como a morte
P'ra acabar a presumpção,
Com quatro metro de chita
E sete palmo de chão.

Tomára encontrar a morte
Que eu quero lhe perguntar
Quem morre do mal de amor,
Se vae para bom lugar.

Estas duas quadras ultimas sobre a morte não são, evidentemente, da lavra de "Bemtevi". Dellas conheço variantes na collectanea portugueza de Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira.

Na minha recente estadia na capital parahybana, precisamente durante as tradicionaes festas de Reis na poetica praia de Tambau', afóra annotações preciosas sobre o cíco regional, colhi estas quadrinhas brejeiras e amorosas:

Quero cantar, ser alegre:
Que tristeza não faz bem...
Inda não vi a tristeza,
Dar de comer a ninguem.

Mandei fazer um sobrado,
De 25 janella,
P'ra botar uma menina,
Que ando c'o sentido nella.

Quem roubou o meu amor,
Deve ser meu bom amigo:
Commigo deixou a gloria,
Levou trabalhos comsigo.

Os olhos desta menina,
A's vezes gravo na areia;
Parece malacacheta
Em noite de lua cheia.

O collo desta menina
E' branco como algodão:
Tem a belleza das garças,
Voando pelo sertão...

Todo o resto de seu corpo
Que belleza deve ter!
Eu, mais ou meno, adivinho,
Porém não posso dizer...

Quando veio esta menina,
Logo ao despontar da aurora,
Comparando mal — parece
Que eu vejo Nossa Senhora!

Palavra fóra da boca
E' pedra fóra da mão:
Tu tens me dito palavras
De cortar-me o coração.

Quem do meu peito saiu
Saiu p'ra se divertir...
Como saiu por seu gosto
Quando quiser, pôde vir.

Lá vem a lua saindo,
Redonda com um vintem,
Inda bem não me casei
Já estão dando os parabem...

*

Passo a vos mostrar alguns instantâneos da vida matuta, à moda daquela série de flagrantes anecdóticos, que constituem a segunda parte de meu primeiro livro, sob o título geral de "Do Sertão":

Em Senador Pompeu.

Em transito para Iguatu', pernoito no "Hotel Clementino", à praça da estação ferroviaria. O proprietario do hotel tem a obsequiosa lembrança de mandar preparar-me um jantar especial, mas me pede para "passar a onda" e aguardar a segunda mesa.

Mais tarde, sou convidado a jantar e verifico que o hoteleiro se esforçara de facto, em me ser agradavel: um prato de macarrão e outro de ervilhas livraram-me iam das diversas carnes e de arroz e farofia que eu vira tinha sido o r-pasto dos meus companheiros de tren:

O major Raymundo Affonso, de S. João do Rio do Peixe, que durante a viagem me entretivera com a sua pitoresca conversação, viu-me à mesa e veiu fazer-me companhia, durante a refeição. Notando minha preferencia pelo macarrão e ervilhas, senteceou:

— "Dr., o sr. fique sciente que o que dá valor ao homem é carne, feijão e farinha"...

Sorri discretamente e indaguei se ele não gostava de macarrão.

— "Como lá isso... De comida estrangeira eu só como mesmo é doce de lata"...

Em Lavras.

Com a fartura de dinheiro proveniente da alta do preço do algodão, a cidade aos domingos, está cheia de matutos alegres, vindos do interior do municipio. O vigario local aproveita a oportunidade e promove e remodelação da matriz: é facil a aquisição de obolos fartos. Realizam-se kermesses, leilões de prendas. Prepara-se artistica "Lapinha". A "Arvore de Natal" ostentar-se-á arreada de enfeites multícolores e de pequenos objectos, que serão adquiridos, mediante sorteio. Mas, para se poder apreciar, na "noite de festa", a "Arvore de Natal", os ingressos custarão mil réis. Saem, por isso, senhoritos à rua, pleiteando a prévia collocação de uns quinhentos cartões de entradas.

Um velho agricultor, abordado pelas moçoilas graciosas, titubeia, indeciso. Elas investem, gentis, e fazem a "reclame" da Lapinha. Esta só terá graça na primeira noite, antes da Missa do Gallo. A casa está muito illuminada e o espetáculo será muito bonito.

E o velho matuto pergunta, ancioso:
— "Dona, e tem pâiáço?"

Em Ingazeiras

Na "ponta da linha", isto é, na deradeira estação ferroviaria da "Baturité" ha uma latada que serve de mercado de frutas e carne verde. Sob o pretexto de me servir do café vendido por gorda e velha regra patricia, acerco-me de um grupo de sertanejos palradorcs. Elles palestram sobre seus próprios interesses:

— Compadre, v. é feliz com gado?
— Qual! nem eu, nem minha sógra. Eu, assim mesmo, inda peguei tres zerros. Mas, minha sógra, este anno, não passou duma vacca parida...

*

Em Sobral, aos 7 de setembro de 1922, data consagrada á commemoração do primeiro seculo da independencia nacional. São quatro horas da tarde e um grande prestígio cívico percorre as ruas

da cidade, detendo-se, aqui e ali, a ouvir inflamados discursos patrióticos.

A população local tem notícia do que foi a jornada do Ypiranga, sabe o significado da grande conquista comemorada. Mas, a matutada do interior do município se incorpora à passeata, que se esta fosse uma procissão religiosa. Os

matutos não atinam com o que seja "a Festa do Centenário".

E' por isto que um serrano da Mato Grosso interpella curioso, o poeta Paulo Aragão:

— "A procissão tá aqui, mas cadê, cadê o São Tenaro?"...

BRASILEIRISMOS

Nas linhas que aqui vamos deixando, não pretendemos acompanhar de perto, bem se vê, o longo e admirável estudo de Apolinário Porto Alegre sobre as origens guaraná-tupicas do português falado no Brasil.

Para isso teríamos que citar inúmeros vocabulários e proverbios locais e não seriam necessárias, apenas, várias colunas e, sim, páginas e páginas do "Correio do Povo", em composição cerrada.

Entretanto, no estudo alludido, há tantas coisas inéditas para o Rio Grande do Sul e o país inteiro, e tão curiosas para os interessados em tais assuntos, que não podemos deixar em esquecimento algumas das que julgamos mais merecedoras de apreço.

Assim é que trataremos, hoje, da parte referente à transformação que sofreu o vocabulário indígena, na sua passagem para o português. A transição deu-se, por certo, lentamente, à medida que, aos poucos, o termo se ia enraizando na linguagem popular, como, aliás, posto que ligeiramente, já tivemos ocasião de ver com o verbo "abombar".

Vejamos, agora, a palavra "butiá".

O "Diccionario Contemporâneo", de Caldas Aulete, não a registra, nem o "Novo Vocabulário Nacional", do reverendo padre Carls Teshauer, S. J. A "Encyclopédia Portugueza", de Maximiano de Lemos — parece incrível! — diz, sómente, isto: "Especie de palmeira". O deficiente "Vocabulário Rio Grandense", de Romagueira Corrêa, informa: "Butiá", espécie de coqueiro pequeno e a sua fruta". Dá depois, rapidamente, a significação de "butiazal" e de "butiazeiro", não despertando, de maneira alguma, a atenção do leitor.

Representando o vocabulário uma ampla collectanea fiel dos termos de uma língua, com explicação succincta, verifica-se

por aí que os autores acima apontados deixam muito a desejar.

Em Portugal, não há muito tempo, dizia-se que os brasileiros tinham deturpado, ou antes, desfigurado o português.

Puro engano. A língua de Camões permanece intacta. O que se fez, aqui, foi enriquecer-a com uma variedade enorme de vocabulários, criados pelas exigências de uma nova vida. As palavras trazidas do mar para a terra, pelo açoriano, são tão poucas, que, claramente, não podiam produzir essa tão falada desfiguração. Talvez seja esse o motivo por que os lexicógrafos de além mar fogem de recolher os nossos vocabulários.

O que se dá no Brasil, dá-se também em todos os países latinos da América. Nem por isso, a língua de Cervantes foi desfigurada. O mesmo acontece, ainda, nas colônias e nos domínios das nações europeias, nos diversos continentes. De mais, se houve tal alteração no idioma, foi ella feita pelos próprios portugueses, logo depois da conquista.

*

E' muito conhecida, entre nós, a fruta do "butiazeiro", de cor amarelo-vermelha. Ho o "butiá" doce, que chega a enjoar, muito apreciado pelos selvícolas e pelas nossas crianças, e o "butiá" azedo, amargo e intragável, mas que muitas donas de casa aproveitam para, com elle, fazer um saboroso licor.

Fala Apolinário Porto Alegre:

"Butiá", fruta do "butiazeiro".

Etym. De "ybatauá", que consta de dois elementos: "ybá", fruta, e "tauá", por "tagná", no antigo tupi, significando vermelho, e, no actual tupi amazonico, amarelo, pois, nas diversas variedades de frutas desta palmeira, as ha, desde o tom amarelo desmaiado até ao rubro fechado."

Em seguida, o autor manda ver a etymologia de "batauá", a qual é a seguinte:

"Batuaá" ou "patauá", denominação com que é conhecida, em Matto Grosso e no valle do Amazonas, uma palmeira, figurando a primeira na nomenclatura científica.

E' o "oenocarpus batuá de Martius". Assemelha-se á "bocaba" no porte e produz fructas avermelhadas, quando maduras, das quaes os indios fazem vinho.

Suppomos proceder de "ybá" e de "tagua", ou "tauá", que, no dialecto tupi do Amazonas, equivale a amarelo e designa, ainda, uma argila ochrosa da mesma cõr.

"Taguá", por sua vez, consta de "tagá", fogo, e "guá", pintura, isto é — colorido cõr de fogo.

"Taguá", no antigo tupi, tinha a significação de barro vermelho (Vide Figueira Gr. Tupi) e, portanto, como adjetivo, designa a mesma cõr. Actualmente, a accepção descaiu, por haver "curi" para a argila de coloração rubra."

Apollinario Porto Alegre não entra em particularidades sobre as diferentes formas que tomou a palavra "ybatuá", "batauá", ou "patuá", antes de se fixar, definitivamente, em "butiá", no português.

Continuando os seus estudos sobre a letra B, chega elle á palavra "butiatuba", synonimo de "butiazal", bosque de "butiazeiros". Procede de "ybatuá" + "tyba", sufixo correspondente ao portuguez em "al". E diz que "a difficil pronuncia lo y, que produz, gutturalmente, um som intermedio entre i e u, fez com que taes vocabulos, de procedencia indigena, ora passassem para a linguagem vulgar em "tuba", ora em "tiba".

"Butiazada", grande porção de "butiás". "Butiazal", entre as pessoas cultas, "Butiazeiro", palmeira do genero côco, de que ha algumas variedades, notando entre elles o C capitata e o C eriospatho."

*

O sr. Affonso de E. Taunay diz que, nas suas viagens pelo interior de São Paulo e Minas, entre pessoas de pouca ilustração, recolheu vocabulos de que não tivera até então conhecimento.

Tambem, no logar onde residia (Casa Branca), o director do antigo Instituto Brasileiro, a população dos arredores era, nessa época, quasi toda analphabeta, e descendia, na maior parte, de açorianos com guaranys e raros africanos.

Era entre essa gente simples e boa que Apollinario Porto Alegre fazia farta colheita de palavras, para elle ainda desconhecidas.

A par de vocabulos classicos, que os seus vizinhos usavam, como cerecar, por cortar; um eito, por uma impa, deparou-se elle com tres termos synonimos, representando os tres factores da nossa nacionalidade, e que lhe causara n viva impressão. São esses termos: "penso", "cambaio" e "guenzo". Exemplo: Este branco está "penso", "cambaio", "guenzo".

A respeito, diz o saudoso professor:

"Penso", que ainda os lexicographos não colligiram, apesar do povo, conservador em seus hábitos, salval-o pelo uso, vem do verbo latino "pendere"; é o particípio "pensum". "Cambaio" é do guarany. "Guenzo" é do "bantú".

De modo que, assim, se foram formando muitos vocabulos para usos particulares e do povo.

Durante muitos annos, as pessoas rústicas diziam "butiatuba", do guarany em toda a sua pureza, referindo-se a um bosque de "butiazeiros", vocabulo que, ao correr do tempo, veia desinencia em "al", tomou a forma portugueza, dizendo-se hoje "butiazal".

P. Alegre, 3 — 24.

A. Daissone

("Correio do Povo", Porto Alegre)



NOTAS DO EXTERIOR

RENASCENÇA LITERARIA NORTE AMERICANA

Boston, 26 de Março de 24.

Ao começar esta série de cartas mensaes para *America Brasileira*, deverei fazer algumas observações preliminares a propósito da falta de communhão intellectual entre os Estados Unidos e o Brasil. É certo que temos brasileiros notaveis nos Estados Unidos; para mencionar sómente um ou dois, ha Oliveira Lima, professor de Direito Internacional na Universidade Catholica de Washington, D. C. Ha o Sr. Helio Lobo, Consul Geral em Nova York. O Sr. Helio Lobo é um incansavel commentador de coisas politicas e diplomaticas; o Sr. Oliveira Lima, para onde que elle e sua mulher viajem, tem levado consigo uma poderosa influencia para o melhor entendimento da cultura brasileira. Em todo o caso trata-se de influencias individuaes. Algo como uma *entente* intellectual ainda não foi estabelecido entre as duas grandes nações. Gente ha nos Estados Unidos que crê que o Brasil fala espanhol. Gente ha no Brasil que imagina que nos Estados Unidos só levamos a lynchar negros, divorciar-nos das nossas mulheres e socar *jazz*. Imagino quantos brasileiros educados sabem que os Estados Unidos têm produzido obras originaes

literarias desde os dias de Hawthorne, Emerson, Poe e Wihtman? Sei que ha alguns. Lembro com prazer uma visita de Gilberto Freyre, — um moço encantador que conhece intimamente os nossos escriptores e que espero, sobre elles escreverá para os seus patricios, agora que voltou ao Brasil com os thesouros do mundo no seu livro de notas.

Desejo falar, este mez, da chamada renascença na literatura norte-americana. Pela primeira vez na memoria da nova geração, começamos a produzir um drama autochthone, uma novella nativa, uma poesia vital. Chegamos á idade adulta nacional. Alcançamos a idade da auto-critica.

O que é muito estranho, e um bom signal, é que os nossos criticos estão sendo largamente lidos pelo elemento mais novo. Estão sendo conhecidos na Europa. A "joven geração" de escriptores é decididamente "intellectual" em carácter. Conhece o melhor que tem sido escripto e pensado na Europa; interessou-se pelos quadros e versos da China e do Japão; numa palavra, tornou-se verdadeiramente cosmopolita e internacional. Muito se escreve hoje nos Estados Unidos sobre theoria artistica. Mais ainda se faz no caminho da critica actual. O

escriptor novo sente agora que o seu trabalho é lido e estudado; recebe estímulos críticos; a literatura tornou-se uma coisa não somente de livros, mas de vida.

Entre críticos que são de importância mais que nacional, há homens como H. L. Mencken, George Jean Nathan, Van Wyck Brooks, J. E. Spingarn, Ludwig Lewisohn. Mencken é o *enfant terrible* dos Estados Unidos. Juntamente com Nathan, é editor do novo magazine, *O Mercurio Americano*. O *Mercurio* ataca intrepidamente a tradição puritana; os seus editores são anarquistas intelectuais, mantendo uma atitude de estética livre e aristocracia. A crítica dramática de Nathan gosa de alta reputação em Nova York e Londres por causa do seu espírito corajoso e brilho. Mencken, sobre quem o Sr. G. Freyre escreve no Brasil, e que outros escritores na América espanhola fizeram conhecer aos seus leitores, tornou-se o símbolo da mocidade insurgente. Escreveu uma admirável obra filológica e cultural chamada a *Lingua Americana*, em que o seu espírito em ebulição faz da gramática e da morfologia assuntos de prazer. Esta obra valiosa mostra que a língua dos Estados Unidos está-se rapidamente diferenciando da língua mãe. Creio que o Sr. João Ribeiro fez estudos semelhantes em relação ao português no Brasil; lembro-me ter lido com grande proveito o seu livro *A língua nacional*.

Spingarn tem feito muito para espalhar seu conhecimento da cultura italiana nos Estados Unidos. Amigo de Croce, tem sido o órgão do *philosopho italiano* em nosso paiz. Através da *Livraria Européa*, de que é editor, trouxe aos nossos leitores as obras de italianos como Croce, Gentile, Papini, Borgese; de alemães como Heinrich Monn e Jacob Wassermann; de espanhóis como Valle-Inclán. Ele próprio é um fino poeta e uma autoridade na Renascença italiana.

Van Wyck Brooks tem feito muito para acordar a nossa vida em suas mais ricas possibilidades intelectuais. Propugnou uma comunhão mais íntima entre a arte e a vida, e apontou o perigo de que, se o artista se retira para a torre do marfim, deixa campo aberto ao philisteu. Ludwig Lewisohn tem feito pela cultura germanica o que Spingarn fez pela Índia. Traduziu as peças de Haupt-

mann; escreveu uma história do drama moderno e fez conferências e escreveu sobre poesia na Alemanha e na França.

Estes não são todos os críticos importantes dos Estados Unidos. Escolhi-os porque representam um desvio dos modelos tradicionais. Entre o trabalho delles, tentei modestamente apresentar a cultura da América espanhola e portuguesa. O Dr. Coester, também da Universidade Leland Stanford, escreveu sobre a literatura da América espanhola. Os Estados Unidos estão começando a abrir os olhos à história cultural do continente sul. Têm tido uma oportunidade para ler, em inglez, alguns dos contos de Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Carmen Dolores, Monteiro Lobato. Conhecem *Chanaan* de Graça Aranha. Leram *El Hombre de Oro* de R. Blanco-Fombona; *Amalia*, de José Marmol; *Martin Rivas*, de Blest-Gerna e poucas outras novellas, incluindo naturalmente a *Innocencia* de Taunay. O conhecimento com a cultura espanha e luso-americana está, no entanto, aqui ainda em começo. Sinto-me feliz de dizer que, presentemente, estou empenhado em escrever uma série de pequenos livros sobre a literatura de cada uma de nossas repúblicas. O primeiro delles, podereis interessar-vos em conhecê-lo, é o *Espírito da Literatura Brasileira*, e dediquei-o a Oliveira Lima. A doação recente de uma valiosa biblioteca, do Sr. e Sra. Oliveira Lima à Universidade Cathólica, foi largamente comentada em a nossa imprensa. Muito fará para prover de um centro o estudo da cultura brasileira nos Estados Unidos. Deverá interessar-vos também saber que estou agora traduzindo para o inglez, para aparecimento sendo no *Stratford Monthly*, *Aspectos da história e da cultura do Brasil*, de Oliveira Lima e *La evolución política y social de Hispano-América* de Blanco-Fombona. Mais tarde virão traduções da obra de Elysio de Carvalho, Graça Aranha e outros brasileiros. Tudo isto é parte de um programma para restabelecer a comunhão intelectual entre os Estados Unidos e o Brasil. Não tem absolutamente nenhuma relação com propaganda de outra especie; representa, é verdade, uma perda de tempo e dinheiro. E, no entanto, uma obra que deve ser

feita, e sinto-me contente de fazer a minha parte.

Tem sido um *legar-commum* dos commentarios sul-americanos dizer que os Estados Unidos são uma nação materialista. Política e economicamente falando, pôde ser verdade. Infelizmente é verdade para muitos governos. E' grave erro, no entanto, imaginarem os Sul-americanos que os Estados Unidos se resentem de falta de cultura. Hoje elles são tão favoráveis ao crescimento da actividade intellectual, como quasi qualquer outro logar no mundo civilizado. Ser-me-á dever

agradável, nas cartas seguintes, falar desta actividade intellectual; discutir os homens e mulheres (porque *ha* mulheres!); tratar de sua obra e suas idéas; numa palavra, compensar o meu trabalho de interpretar a América do Sul para os Estados Unidos, por meio da interpretação dos Estados Unidos á América do Sul. Espero que isso vos dará o mesmo prazer que a mim.

Isaac Goldberg

(“America Brasileira”, Rio)

VLADIMIR ILLITCH ULIANOV

De Abril a Novembro de 1917

16 de abril de 1917.

O homem que, segundo Axelrod, tinha em si o perfume da terra da Russia, pisa a terra da Russia, após uma tão grande ausencia...

Lenine olha ao redor; e logo adquire a certeza do que previra: a revolução de março não era a verdadeira revolução. Era apenas o seu prenuncio. Tratava-se pois, de fazer a verdadeira revolução. E, logo, iniciou a acção decisiva.

No dia 17, expoz suas theses sobre as tarefas do proletariado na revolução. Os bolchevistas, isto é, os communistas da Russia, aparecem em todos os lugares, tomando parte em todas as assembléas operarias. Desenvolvem uma actividade prodigiosa.

Multiplicam-se os congressos, as reuniões: dos soviets de operarios e soldados da frente militar occidental, em Minsk; conferencia dos camponezes, em Petrogrado; congresso dos jornaleiros agrícolas e dos camponezes sem terra, em Wolmar, na Letonia; conferencia pan-russa dos 140 delegados do partido bolchevista; dos comités de usinas de Petrogrado; congresso pan-russo dos camponezes; pan-russo dos soviets de operarios e soldados; 3.^a conferencia pan-russa dos syndicatos...

Era o proletariado a afirmar sua vontade de batalha, sua vontade de victoria, seu desejo de esmagar a colligação burgueza, menchevista e socialista — revolucionaria que se abatera sobre o paiz.

O cerebro de Lenine a velar pelo proletariado...

Em quanto isto, o constitucional-democrata Miliukov prega o abocanhamento de Constantinopla; Kerensky coloca-se ao lado dos banqueiros da Entente, affirmando combater a favor delles, até á victoria final; e os ministros capitalistas tomam conta do governo.

1 de julho: manifestações gigantescas dos trabalhadores de Petrogrado “pelo poder dos soviets”, “contra a offensiva militar”, “contra os ministros burguezes”.

Dia 16: insurreição operaria, em Petrogrado. Palavra de ordem: “Todo o poder aos soviets”. Kerensky manobra em tempo; chama os cossacos e esmaga a insurreição. Combates cerrados. Fuzilaria. Prisões de bolchevistas. Lenine evade-se, vai trabalhar a bordo como simples carvoeiro e ganha a Finlandia. E faz dahi quartel general da revolução proletaria.

Reacção brutal. Trotski, Zinoviev, presos. Suas vidas e as dos outros bolchevistas, salvas porque o proletariado fez greve: 4.000.000 de grevistas.

Kornilov, isto é, a ditadura militar, atira suas tropas contra Petrogrado. Os trabalhadores levantam-se como um só homem e esmagam a cavallaria de Kornilov. E' que o cerebro de Lenine velava pelo proletariado.

Outubro — Abre-se a conferencia democrática ou pre-parlamento, mystificação burgueza. Os soldados e os proletarios exigem a sua dissolução em proveito do poder dos Soviets.

Novembro — O soviet de Moscou entra resoluto no caminho da revolução; decide-se a conquistar o poder. O soviet de Ivanovo-Vosnessensk emite um voto de desconfiança ao governo Kerensky. O Comité Revolucionario militar de Petrogrado, onde os bolchevistas têm maioria, convida a guarnição a só obedecer ás suas ordens. Kerensky manda a tropa dispersar os soviets de Kaluga, o que é feito. E prepara-se para continuar sua obra de traição. Mas, no dia 7, o proletariado, conduzido pelos bolchevistas, e estes, pelo genio de Lenine, embargam-lhe o passo. Invadem o palacio de Inverno, prendem os ministros. Kerensky foge. Em Moscou, as ruas se transformam em campos de batalha. Guerreiam: pelo proletariado, pelo comunismo, os soldados e os operarios formando um bloco em torno do soviet de Moscou; pela burguezia, os estudantes, os officiaes e os alunos das escolas militares formando um bloco em torno da Duma municipal.

Vende o proletariado. Vencem os bolchevistas. Vence Lenine.

E abre-se um Novo Mundo na historia da humanidade, mundo infinitamente maior que o descoberto pelo genovez...

A revolução proletaria

Se antes de 7 de novembro a actividade de Lenine adquirira um tão grande logar na historia da revolução, maior refevo ia alcançar agora.

O cerebro da revolução revela-se em tudo; na derrota dos cossacos de Kerensky e Krassnov pelos guardas vermelhos; na formação da milicia proletaria; na Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador; na publicação dos tratados secretos; na suppressão das cartas e dos titulos civis; no armistício de Brest-Litovski; na suppressão dos bancos do Estado, da Nobreza e das Terras; na instituição do casamento civil.

O pulso de ferro da revolução dirige a obra mais colossal do mundo, na chefia de um grupo de gigantes.

A simples enumeração dos factos e realizações principaes, de 1918 em deante, bastará para dar uma idéa da grandeza do proletariado russo, do labor immenso dos bolchevistas e da genialidade de Lenine.

Enumeremos, pois:

Janeiro — constituição dos tribunais revolucionarios; simplificação da orthografia; constituição do exercito vermelho; criação da livraria do Estado; revolução na Finlândia.

Fevereiro — separação, de facto, da Egreja e do Estado, da Escola e da Egreja; introdução do calendario gregoriano; confiscação dos bancos privados; nacionalização da marinha mercante; annullação das dívidas exteriores; organização da frota vermelha; socialização das terras.

Março — assignatura da paz; fundação da Republica Tartara-bachkir; esmagamento dos bandos de Kornilov, no Kuban.

Abril — direito de asylo aos perseguidos politicos e religiosos; criação das cooperativas de consumo; nacionalização do commercio exterior.

Maio — abolição da herança; nacionalização da industria assucareira; campanha contra a corrupção e a especulação; instituição da inspecção do trabalho; escola mixta obrigatoria.

Junho — reconhecimento da independencia da Geórgia; nacionalização do museu Tretiakov, em Moscou; organização dos camponezes pobres; criação da Academia Socialista de Sciencias Sociaes; proclamação da Republica do Azerbájdjan; nacionalização da grande industria e do commercio em grosso.

Julho — esmagamento da insurreição dos socialistas-revolucionarios da esquerda; nacionalização dos bens da corte e da familia imperial; derrota da contra-revolução de Yaroslav.

Agosto — abertura das escolas superiores para os cidadãos com mais de 16 annos; derrota da contra-revolução tchecoslovaca; não reconhecimento dos tratados concluidos pelo tzar com a Austria e a Allemanha; suppressão da propriedade imobiliaria nas cidades.

Setembro — libertação de Simbrisk.

Outubro — trabalho obrigatorio para todos; Escola Unica do Trabalho; derrota de Krassnov; revolução na Austria; revolução em Burviski.

Novembro — revolução allemã; annullação do tratado de Brest-Litovski; Republica na Letonia.

Dezembro queda de Skoropadski; soviets em Riga.

Em 1919:

Janeiro — insurreição spartakista; nacionalização do solo na Letónia.

Fevereiro — primeira faculdade operária na Universidade de Moscou; primeiro congresso de physica.

Março — fundação da International Communista.

Maio — primeiro sabbado communista.

Junho — esmagamento dos bandos de Rodzianko; assalto do forte da Krasnaia Gorka.

Julho — derrota de Koltchak; evacuação de Arkangeisk pelos americanos.

Outubro — esmagamento das tropas de Yudenitch e de Denikine.

Novembro — evacuação de Omsk.

Em 1920:

Fevereiro — bolsas do trabalho.

Maio — festa do trabalho; victoria de Enzeli.

Junho — victoria sobre a Polónia.

Setembro — congresso de Babu'; República em Bukhara.

Outubro — derrota de Wrangel.

Novembro e dezembro — plano unico da producção; estudos sobre a electrificação da Russia; gratuidade dos transportes, do alojamento, dos viveres.

1921, 1922 e 1923 — esmagamento da contra-revolução de Cronstad; nova política económica; combate á fome no Volga; desenvolvimento prodigioso da International Communista; guerra ao fascismo, ao terror burguez, á social-democracia traidora; igualdade do homem e da mulher; revoluções jurídicas, pedagógicas, científicas, éthicas, estheticas; universidades; museus; bibliothecas; alfabetização; casas de repouso; reerguimento económico; exposições; frota aerea...

Nas horas de nevoeiro

Quantas vezes, de 1888 em deante, se embruscava num denso nevoeiro, o horizonte político e social!

Todos olhavam a cerração; ninguem a traspassava. Lenine mergulhava o olhar na linha do horizonte e rasgavam-se-lhe todos os véos. Por isso é que, em varios momentos, embora com a razão, ficou isolado na sua intransigencia, batalhando sózinho, combatendo não só os adversários, mas até os proprios companheiros! Então era tratado de "fanatico" pelos social-democratas, que viviam a dynaunizar Marx

para tornar a orchata agradável ao paladar de Guilherme.

Vejamos alguns casos: (1)

1.º — Alexinsky, antigo deputado da Duma, fundou um grupo que aspirava a ser da extrema esquerda; portanto, ainda mais revolucionario que os bolchevistas. Lenine, desconfiando desse ultra revolucionarismo, combateu o grupo. Alexinsky terminou por ser tenente de Wrangel. Lenine tinha razão!

2.º — Lunatcharski e outros bolchevistas quizeram reformar o marxismo, conciliando Marx com o physico burguez Mach. Lenine escreveu um livro só para refutar isto. Lunatcharski, sincero, cedeu. A maioria revoltou-se; e mergulhou depois no seio dos contra-revolucionarios. Lenine tinha razão!

3.º — Em 1912, Lenine resolveu romper definitivamente com os menchevistas. Lunatcharski, Rappoport e muitos outros foram contrários. Posteriormente, os menchevistas foram arrastados na orbita da collaboração de classe e da contra-revolução burgueza. Lenine tinha razão!

4.º — No começo da guerra, Lenine pronunciou-se pelo derrotismo. Kameneff discordou um tanto. Trotski defendeu-se de ser derrotista. Muitos outros foram contrários. Os factos mostraram que Lenine tinha razão!

5.º — Lenine preconisou durante a guerra a fraternização com o inimigo. Rappoport, Trotski, Lunatcharski, Antonov achavam isto uma utopia. Posteriormente, a utopia tornou-se realidade. Lenine tinha razão!

6.º — Lenine era favorável ao tratado de Brest-Litovski. Trotski e muitos outros eram contrários. Lenine tinha razão!

7.º — Lenine defendeu a nova política económica. Bukharine, Kollontai atacaram-na. Lenine tinha razão!

8.º — Lenine renunciou, durante a revolução, á collaboração com os partidos socialistas. Zinoviev, Rykov, Lunatcharski foram contrários. Lenine tinha razão!

Não queremos absolutamente contrapor Trotski, Lunatcharski, Zinoviev ou qualquer outra a Lenine. Gigantes também, sem vaidades pessoais, elles sabiam reconhecer a verdade em tempo. E' esta uma das grandezas dos colaboradores de Lenine. E é em parte, por tais auxilia-

LOTERIA DE S. PAULO

12 de Setembro

Sexta-feira

30:000 \$ 000

POR 2\$700

Os Bilhetes já se acham à venda em
toda a parte.

Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Imperio do Brasil, ennumerando toda a ascendencia e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA ..

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavél. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possue *elevadores, rēde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

A Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didacticos.

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORAS MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 128000

DIABETICOS

é preciso combater a perda de açucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais à vida e restabelecer o apetite e a função digestiva pelo uso da

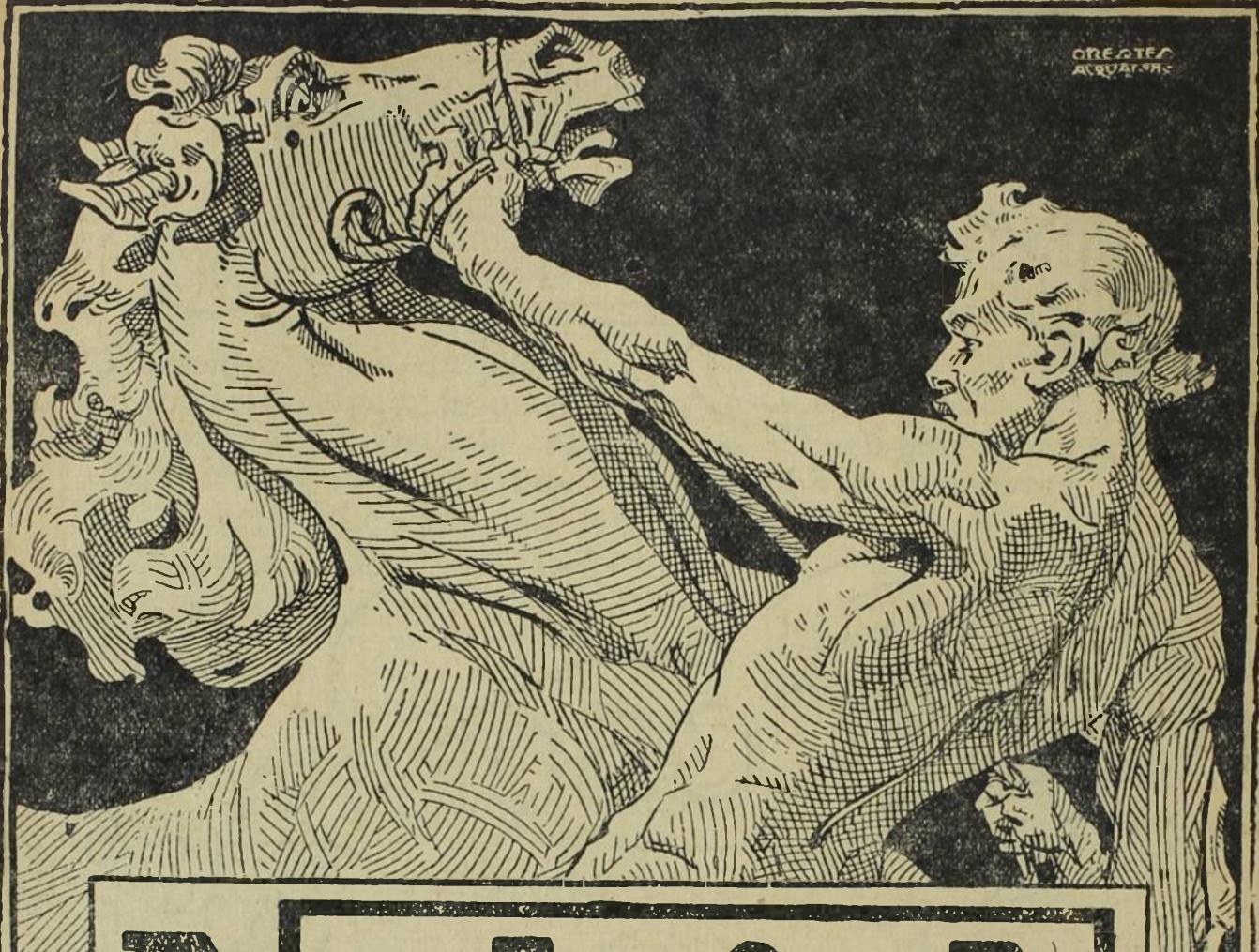
GLYCOSURINA

heroico medicamento composto de plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em água



Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

tem no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descriptiva.
" " ".	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria . .	Lições de Álgebra: Decomposição em Fatores.
	Calculo Diferencial.
	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
" " " ".	Da Retroactividade das Leis Civis.
" " " ".	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Praça da Sé, 34

CAIXA 2-B

S. PAULO

Ultimas Edições da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo Em papel jornal	5\$000 3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo Em jornal	5\$000 3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo Em jornal	4\$000 2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre He- liodoro Pires	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianina	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MOR- TE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Enc.		7\$000
JUCA MULATO, (4.ª edição) de Menotti del Picchia	Broch.	3\$000
O PRÍNCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl		20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage		4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua		5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch.	5\$000
O PADRE EUZÉBIO, de Antônio Celestino. Broch.		4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br.		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Greinio XI de Agosto, br.		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, por Laudelino Batista, br.		5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2B - S. PAULO

